UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL- PROCAM

CATARINA FARIA ALVES SILVEIRA

LÁ E AQUI :

**ESTUDO DAS PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO DA
PAISAGEM EM
COMUNIDADES RURAIS DA ZONA DA MATA MINEIRA**

v.1

São Paulo

2008

CATARINA FARIA ALVES SILVEIRA

LÁ E AQUI:

ESTUDO DAS PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO DA
PAISAGEM EM
COMUNIDADES RURAIS DA ZONA DA MATA MINEIRA

v.1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de mestre em Ciência Ambiental.

Orientador: Prof Dr Euler Sandeville Jr.

São Paulo

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Catarina Faria Alves Silveira

Lá e Aqui: Estudo das práticas de transformação em
comunidades rurais da Zona da Mata Mineira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de mestre em Ciência Ambiental.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

À Inês e Robin, que me abriram tantas portas.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental- PROCAM pela oportunidade da realização do curso de mestrado.

Aos membros do comitê de orientação, Prof^a. Sueli Ângelo Furlan e Prof^o. Dr. Wagner Costa Ribeiro, pelas leituras atentas e contribuições durante os anos de pesquisa.

Ao Prof^o. Dr. Euler Sandeville Jr., por ter apostado na minha capacidade e inúmeras discussões que proporcionou nesses anos de convivência.

Às colegas de grupo de pesquisa LAB ESPAÇO, pela rica troca de experiências que a diversidade desse grupo cria. Em especial, à amiga Juliana Cavalleiro Moreno pelas andanças nessas paisagens.

Ao Robin Le Breton, do Centro de Pesquisa em Conservação Iracambi, pelas inúmeras conversas em que trocamos experiências e pela possibilidade de conhecer essas comunidades.

Aos comunitários que dividiram comigo suas histórias. Em especial, Joel, Inês, Rafael, Rafaela e Patrick com quem aprendi tanto.

À minha família que compreendeu minhas ausências e me apoiou durante o percurso desse mestrado. Em especial, a minha mãe pelo apoio fundamental em todos os momentos.

“We did not even discuss the fact that I called what I did “work”, and he called what he did “work”. But Taso had a way of talking about some particular job in the sugarcane in the past, when it was very difficult, that I always liked: ‘Ese trabajo, ese trabajo es lo que se llama trabajo’, he would say. I always felt slightly foolish calling what I did by the same term”

Sidney Mintz

Resumo

Essa dissertação estuda as práticas culturais que transformam a paisagem das comunidades rurais Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta, localizadas nos municípios de Muriaé e Rosário da Limeira na Zona da Mata de Minas Gerais. Paisagem é compreendida nesse trabalho como a expressão da interação de elementos construídos e não-construídos, e entre estes, os homens. Adotamos uma abordagem cultural da paisagem e a consideramos como em constante transformação. Buscamos na antropologia contribuições metodológicas para embasar o trabalho de campo e a interpretação da paisagem estudada. Nossa pesquisa de campo criou, através do relacionamento com um núcleo familiar, uma rede de interlocutores que nos auxiliou no processo de conhecimento dessas transformações. Para construir nossa interpretação aliamos nossas descrições aos relatos dos comunitários e a experiência de campo. Identificamos elementos na paisagem e procedemos com investigações sobre os mesmos, a fim de reunir conhecimento sobre o conjunto de práticas culturais locais que consideramos determinantes na transformação da paisagem. Compreender essas práticas culturais mais determinantes abre um caminho de continuidade para outras reconstruções.

Palavras-chave: comunidades rurais, paisagem, práticas culturais, transformação da paisagem.

Abstract

This dissertation studies the cultural practices, which transform the landscape of the rural communities Buracada, Santa Catarina and Pedra Alta located in Muriaé and Rosário da Limeira municipalities, Zona da Mata of Minas Gerais State.

Landscape is understood as an expression of the interaction between constructed and non-constructed elements, men included. Investigates the landscape through a cultural perspective and considers it to be in constant transformation. Methodological contributions from anthropology consolidate our fieldwork and landscape interpretation. Creating a network within the communities' population facilitated our investigation of these transformations. Our interpretation is based with the combination of our descriptions, interviews and fieldwork experience. Identifies landscape elements and proceeds with investigations on them to gather knowledge about the local cultural practices which we consider most determining of the landscape transformation. To comprehend these practices create the possibility of further reconstructions.

Keywords: rural communities, landscape, cultural practices, landscape transformation.

Lista de Figuras

- Figura 1: Pasto alagado na comunidade Buracada durante a época de chuvas de verão. Foto: Catarina Silveira. Abril/2006.....
- Figura 2: Mapa da localização dos municípios Rosário da Limeira e Muriaé. Fonte: CTA-MG.2006. Modificado pela autora.....
- Figura 3: Mapa da Localização do Parque Estadual Serra do Brigadeiro.Fonte: IEF. Disponível para download em: www.ief.mg.gov.br.
- Figura 4: Casas nas comunidades Buracada, Pedra Alta e Santa Catarina onde é possível notar a similaridade arquitetônica. Fotos: Catarina Silveira. Maio/2007.....
- Figura 5: Terreiro usado nas comunidades para secagem do café. Foto: Catarina Silveira. Julho/2006.
- Figura 6: Pico do Itajuru visto da comunidade Pedra Alta. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007.
- Figura 7: Da esq. para dir. O antigo galpão de beneficiamento de café, a escola rural e a tulha de trançado de palmito. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007.....
- Figura 8: da esq. para dir. No alto do morro, uma plantação de eucalipto, um bolsão de palmito e a tábua de melado. Fotos: Catarina Silveira. Julho/2006.....
- Figura 9: Pico da Graminha visto da comunidade Buracada. Foto: Catarina Silveira. Agosto/2006.....
- Figura 10: Engenho de cana usado como local para guardar utensílios usados na roça. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007.....
- Figura 11: Voçoroca presente em um pasto da comunidade Buracada. Foto: Catarina Silveira. Junho/2005.
- Figura 12: Família nuclear colhendo mexerica no terreno de um vizinho. Foto: Catarina Silveira. Agosto/2006.....
- Figura 13: Diferentes adaptações de plantio de café. Fotos: Catarina Silveira. Julho/2006.....

Sumário

1. Introdução.....	12
1.1. Estrutura dos Capítulos.....	17
2. Paisagem e Cultura	20
3. Paisagem e Interpretação.....	34
4. A Paisagem.....	49
4.1. Instrumentos Metodológicos.....	49
4.2 Comunidades	53
4.3 Sujeitos	68
5. A Paisagem Interpretada	74
6. Considerações Finais.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
APÊNDICE	103

Introdução

“Porque um dia é preciso parar de sonhar, tirar os planos das gavetas e,
de algum modo, começar.”

Amyr Klink

1. Introdução

Essa dissertação estuda a relação da população das comunidades Pedra Alta, Buracada e Santa Catarina com a transformação da paisagem. Essas comunidades estão localizadas na área rural da Zona da Mata Mineira.

Convidado pela coroa portuguesa para fazer incursões, pela então colônia brasileira, Saint-Hilaire descreveu a Zona da Mata como uma região coberta de florestas gigantescas e povoada por “índios bárbaros”, onde as matas cobriam a porção oriental, enquanto a parte ocidental apresentava pastagens (SAINT-HILAIRE, 1975).

Na Zona da Mata a exploração e retirada das florestas vêm de longa data. O Estado de Minas Gerais, “que significa uma sequência de minas” (SAINT –HILAIRE, 1975:45) forneceu ouro, diamantes e pedrarias à Europa e foi nessa região que Fernão Dias Pais, então com 80 anos, solicitou permissão para fazer Entradas¹, a fim de descobrir a localização de minas de ouro. Fernão Dias foi responsável pela formação de inúmeros estabelecimentos na província de Minas Gerais, mas faleceu sem descobrir nenhuma mina.

As encostas da Zona da Mata revelam uma história de ocupação, que começamos a explicar pela entrada das bandeiras e a descoberta do ouro na região mineira, quando há o estabelecimento do Caminho Velho. Para evitar o contrabando do ouro pela zona da mata, conhecido como o descaminho do ouro, a área passa a ter acesso proibido e instalam-se postos de registros que foram estabelecidos como uma maneira de evitar o contrabando de ouro e pedras preciosas.

¹ Os termos Entradas ou Bandeiras são dados para designar as expedições lideradas pelos bandeirantes. Essas explorações territoriais eram financiadas tanto pelo governo como por particulares e avançavam em alguma direção do País em busca de pedras preciosas e ouro.

Uma das tentativas de evitar esses desvios foi a mudança do posto fixo de Registro Velho para a cidade de Matias Barbosa. Mas entre a estrada real e as habitações havia outras "estradas" e caminhos que os contrabandistas também podiam utilizar.

A região da Zona da Mata também era protegida por suas florestas e pelo medo criado entorno dos índios puris e cataguás que habitavam a região. O governo português abandona as medidas para evitar o povoamento da região em 1805, quando as minas de ouro já estavam esgotadas. A ocupação dos vales, os pastos e a cultura de café foram fazendo recuar as matas (LE BRETON,2002; LUDWIG,2003; VALVERDE,1958).

O Caminho Novo era uma grande via aberta na Zona da Mata. A única que se podia usar para atravessar o mar de florestas e chegar ao Rio de Janeiro. Com a grande circulação de tropas por essa via, começou a se organizar pousos. A necessidade de alimentação leva ao estabelecimento de roças de subsistência (LUDWIG, 2003; SAINT-HILAIRE, 1974; VALVERDE,1958). No século XX, a economia cafeeira passa para a região do sul de Minas, rumo ao oeste de São Paulo (LUDWIG,2003), deixando para trás a região da Zona da Mata.

A Zona da Mata Mineira foi denominada assim devido à sua vegetação natural. Como decorrência do povoamento da região de relevo ondulado, a partir de 1980, e com a economia cafeeira, os topos de montanhas e as encostas permaneceram com sua cobertura vegetal, enquanto os vales foram sendo ocupados (VALVERDE,1958).

Quais as razões que levam comunidades rurais a degradar seu ambiente? Ambientes naturais e culturais de extrema beleza, se analisados a partir dos conhecimentos atuais de conservação ambiental, não revelam uma organização concisa para manter práticas de uso de recursos naturais de maneira sustentável. No entanto, quais práticas que levam a não conservação são oriundas da comunidade e suas relações com a floresta? Como atuam essas práticas na transformação de uma comunidade? Quais práticas levam à conservação das florestas? Quais

agentes externos teriam influência nessas transformações culturais da paisagem? De que maneira essas populações utilizam os recursos naturais?

Apesar do desejo de responder a todas as perguntas acima, não seria possível fazê-lo no tempo de pesquisa de um mestrado. Além do que tais perguntas poderiam ser respondidas utilizando-se diferentes abordagens teóricas. Dessa forma, selecionamos algumas das perguntas e teorias possíveis.

Trabalhamos nessa dissertação com a noção de paisagem. A paisagem como conceito tem significados díspares. Aqui, trabalhamos a paisagem com expressão da interação ou do diálogo entre cultura e natureza, construída ao longo do tempo pelas pessoas que ali vivem. (BERQUE, 1984; BESSE, 2006; CLAVAL, 2002a, 2002b, 2004; COSGROVE, 2004; DUNCAN, 1990; MENESES, 2002; SANDEVILLE, 2004, 2005; PHILLIPS, 2005).

Para o estudo da paisagem e seus elementos constituintes, é preciso conhecer e valorizar a cultura dos que moram na área de estudo. Consideramos que a interpretação por nós desenvolvida da paisagem dessas comunidades rurais, dá-se entre a teoria e a investigação prática, na interação entre o pesquisador e o interlocutor, entre o registrado “lá” e o escrito “aqui”².

A seleção dos bairros rurais a serem pesquisados deu-se nos moldes dos estudos antropológicos. A partir da formação de rede de interlocutores³ e conhecendo as comunidades rurais do município de Rosário da Limeira e Muriaé, selecionamos os bairros Pedra Alta, Buracada e Santa Catarina. Foram nestes bairros que pudemos formar uma rede de interlocutores mais extensa. O núcleo familiar de Joel de Oliveira e Inês, e seus filhos, foi o ponto de partida. Residentes, à época da pesquisa, na comunidade Pedra Alta, Inês teve papel

² A questão sobre registro de dados durante trabalho de campo será aprofundada no capítulo *Paisagem e Interpretação*.

³ A rede de interlocutores foi uma ferramenta utilizada e que será explicada no capítulo *Paisagem e Interpretação*. Nessa dissertação optamos pelo termo “interlocutor” e seu significado, conforme Oliveira (1996). O termo “informante” é opção de alguns autores abordados na dissertação e aparece entre aspas.

fundamental apresentando parentes que, então, apresentaram-nos a outros parentes, residentes principalmente em Pedra Alta e Santa Catarina. A comunidade Buracada foi o bairro onde Inês e Joel trabalharam e viveram por 8 anos.

A pesquisa foi beneficiada por essa mudança, pois pudemos permanecer em diferentes comunidades e em diferentes situações de trabalho e moradia com o mesmo núcleo familiar durante o trabalho de campo dessa dissertação. Em Buracada, pudemos transitar por mais tempo e conhecer e desenvolver uma rede de interlocutores sem o intermédio de Inês. Aspectos da história do núcleo familiar de Joel e Inês e suas contribuições para o desenrolar dessa pesquisa serão tratados no capítulo *A Paisagem*.

A interpretação de uma comunidade acontece na interface entre a bagagem cultural do pesquisador e sua busca por compreender a lógica local da comunidade⁴, usando o termo de Geertz (1978,1997). Nessa dissertação, estamos interessados na interação sujeito-sujeito, assim como proposto em estudos antropológicos (GEERTZ, 1978, 1997, 2005; MAGNANI, 2002; MINTZ, 1989; PEIRANO, 1992).

Para construir a nossa interpretação das relações desses comunitários com a paisagem local, aliamos as descrições do pesquisador com os relatos dos moradores dos bairros e outras pesquisas existentes sobre a área de estudo e proximidades. Dessa maneira, construímos a nossa interpretação das relações estabelecidas entre os homens e a paisagem local. Já tínhamos relacionamento anterior com a área de pesquisa⁵, mas para responder nossas perguntas de pesquisa era necessário um aprofundamento teórico e metodológico⁶.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender as práticas culturais internas da comunidade que transformam a paisagem das comunidades rurais Pedra Alta, Buracada e

⁴ Como lógica local o autor se refere a construir sua compreensão das práticas, dos aspectos da comunidade, a partir da explicação que os comunitários fornecem, e não apenas do pressuposto cultural do pesquisador.

⁵ Esse relacionamento decorre da relação de trabalho no Centro de Pesquisa Iracambi durante o período de 2003 a 2004.

⁶ Gostaríamos de acrescentar que participamos também, como parte do nosso processo de conhecimento, do grupo de estudos de pesquisa “Gestão e Projeto do Espaço” LAB-ESPAÇO (CNPq), durante o período de desenvolvimento do mestrado.

Santa Catarina. As entrevistas com os comunitários nos permitiram remontar as transformações ocorridas aproximadamente desde os anos 1930 até o momento da pesquisa. Foi esse o período temporal identificado nas entrevistas com os comunitários e nas observações e conversas informais durante as estadias de campo.

Quais as principais relações existentes entre os comunitários e a floresta que transformaram a paisagem dessas comunidades? Este é o problema de pesquisa que se estabeleceu. Durante o desenvolvimento da pesquisa a pergunta inicial sofre alterações. As metodologias são readequadas para melhor atingirem objetivos estabelecidos e a coleta de material não é apenas o acúmulo de informação, mas auxilia na reformulação de hipóteses (CLAVALL, 2002).

Portanto, no decorrer dessa pesquisa, para auxiliar no aprofundamento das investigações, desmembramos o problema em: Quais as práticas culturais locais mais determinantes na transformação da paisagem dessas comunidades rurais? De que modo essas atividades alteram a paisagem?

Estabelecemos como hipótese o fato de que entre as práticas culturais internas da comunidade, que transformam a paisagem, existem as que contribuem para a conservação dos fragmentos florestais. Estudar tais práticas torna-se essencial, pois, ao compreender a lógica que uma comunidade local estabelece com a paisagem, é possível incluir essa lógica local em propostas de conservação. Por exemplo, um projeto de conservação de remanescentes florestais da Mata Atlântica, que tem em seus pressupostos compreender a lógica de apropriação da paisagem pela comunidade local, pode não apenas apropriar-se dessa lógica na sua implementação e desenvolvimento, mas também envolver a comunidade no andamento do projeto e, assim, tornar seus objetivos mais efetivos.

Os autores da Nova Geografia Cultural, assim como autores de outras tradições de pesquisa, compõem a noção de paisagem adotada. Essa dimensão cultural da paisagem nos exigiu um

posicionamento direcionado a ter uma relação direta com a paisagem e maneiras de como proceder na investigação e construção da interpretação.

Por havermos optado vivenciar a paisagem (SANDEVILLE, 2004) e dada à orientação metodológica, que contou com contribuições da antropologia, os comunitários dos bairros estudados têm papel fundamental nas investigações, pois são eles que nos apresentam grande parte dos dados. Isso justifica apresentarmos os sujeitos centrais para, em seguida, descrever as rotinas de atividades e que têm influência na transformação da paisagem.

Há um processo contínuo, de trânsito, entre a formulação teórico-metodológica e a vivência no campo, da qual decorre a possibilidade de elaboração de um texto. O texto, onde contamos as particularidades dessas comunidades, é uma formalização textual da nossa interpretação da paisagem estudada. Fazemos percursos pelos caminhos, visitas e permanências nas comunidades, conhecemos os interlocutores e suas atividades na paisagem. Há, então, o processo de identificar as transformações e interpretação do conjunto de informações sobre a paisagem. Apresentamos, por fim, nossa interpretação sobre quais as principais práticas culturais que são determinantes na transformação da paisagem e como elas estão inter-relacionados.

1.1. Estrutura dos Capítulos

No capítulo *Paisagem e Cultura*, apresentamos o quadro teórico sobre paisagem que embasa essa dissertação. Paisagem é compreendida como composta tanto por seus aspectos biofísicos, como pelos elementos construídos e pela população. A noção adotada não a reduz ao aspecto visual, uma vez que essa redução poderia limitar as interpretações. Dentro dessa noção, destacamos que certos aspectos que a paisagem abriga podem ser revelados através da experiência direta com a mesma e com a população que a constitui.

No capítulo *Paisagem e Interpretação*, explicamos as contribuições que a antropologia trouxe para esse trabalho, apresentando os autores estudados e suas contribuições específicas,

sobretudo para o trabalho de campo e a interpretação das práticas culturais das comunidades rurais. Iniciam-se, neste capítulo, observações sobre os aspectos em que há a aproximação da metodologia de pesquisa de campo com a noção de paisagem adotada.

O capítulo *A Paisagem* está dividido em três momentos. Em *Ferramentas Metodológicas*, explicamos o instrumental metodológico e procedimentos aplicados no trabalho de campo. Em *Comunidades*, descrevemos a fisionomia da paisagem das comunidades, seus principais elementos⁷ e sua organização espacial. Na terceira parte, *Sujeitos*, apresentamos a história do núcleo familiar que teve papel central na formação da rede de interlocutores, descrevemos os usos que fazem dos recursos e suas rotinas de atividades que são representativas das práticas locais das comunidades.

No capítulo *Paisagem Interpretada*, apresentamos a nossa interpretação sobre a transformação da paisagem das comunidades rurais Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta. Utilizamos como ponto de partida para a investigação e reflexão as referências na paisagem, apontadas no capítulo anterior, que nos auxiliaram, durante o procedimento investigativo, a descrever as práticas culturais transformadoras da paisagem nessas comunidades rurais. Discorremos sobre as relações encontradas entre estas.

Em *Considerações Finais*, utilizando o conhecimento gerado pela pesquisa sobre a área de estudo, apresentamos possíveis aplicações que a interpretação sobre a paisagem de uma comunidade pode ter. Fazemos considerações sobre nossas opções metodológicas no desenvolvimento da pesquisa.

⁷ Usamos a palavra elemento como forma de expressar aspectos construídos e não-construídos da paisagem, que identificamos nas comunidades estudadas e nos auxiliaram a melhor compreender o problema da pesquisa.

Paisagem e Cultura

“O universo não é uma idéia minha.
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha idéia de noite que anoitece pelos meus olhos,
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.”

Fernando Pessoa

2. Paisagem e Cultura

Uma paisagem pode ser estudada por sua forma, suas matrizes e tipos estruturais que a compõem; pode ser analisada a partir das construções que possui e da sua composição ecológica. Pode ser estudada também através do seu contexto histórico de ocupação e das narrativas das pessoas que habitam o local. O estudo de uma paisagem pode incluir a experiência do pesquisador em sua área de estudo, dando-se mais ou menos peso a esta experiência no local ou aos dados secundários¹.

Paisagem, por ser um conceito polissêmico² (MENESES, 2002), possibilita ao pesquisador que a investigação do seu objeto de estudo seja feita em diferentes bases teóricas. Nessa dissertação, optamos por trabalhar com a noção de paisagem como expressão da interação, ou do diálogo, entre cultura e natureza, construída ao longo do tempo pelas pessoas que ali vivem.

Os autores com os quais buscamos travar diálogo não pertencem a uma única linha teórica. Procuramos, para melhor dar conta da complexidade inerente à paisagem, estabelecer diálogo entre diversos campos de conhecimento: Geografia Cultural, Antropologia, Arquitetura da Paisagem. Na interface entre essas disciplinas e baseados em autores que tratam a questão da paisagem (BERQUE, 1984; BESSE, 2006; CLAVAL, 2002a, 2002b, 2004; COSGROVE, 2004; DUNCAN, 1990; MENESES, 2002; SANDEVILLE, 2004, 2005; PHILLIPS, 2005), propomos-nos a estudar a paisagem dessas comunidades rurais da Zona da Mata Mineira.

A paisagem está em constante transformação. Para construirmos nossa interpretação da paisagem escolhemos dar destaque à vivência do pesquisador na área de estudo. Ao

¹ Como dados secundários entendemos as informações já existentes utilizadas com o objetivo de complementar as novas investigações.

² A palavra polissemia significa multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução. Fonte: HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

conhecemos pouco a pouco os habitantes de uma comunidade e seus modos de apropriação e transformação da paisagem, o nosso objeto de estudo transforma-se, cria corpo e toma vida.

A cultura de uma comunidade pode ou não ser inserida no estudo de uma paisagem. Encontramos na Geografia um exemplo de transição do estudo de paisagem, onde a cultura passa ser considerada no entendimento do objeto de estudo, pois esta nem sempre foi considerada em sua dimensão cultural. Portanto, as influências que a paisagem tem na cultura, e vice e versa, estavam excluídas ou minimizadas nos estudos dessa disciplina.

Os estudos da paisagem passaram por uma transição na forma de abordagem, sobretudo a partir da década de 80, estabelecendo o que hoje se conhece como “Nova Geografia Cultural”². A paisagem passa a ser analisada, dentro dessa perspectiva, como um possível recorte da realidade. Um objeto de estudo em constante transformação, composto por tempos passados e presentes. Constituída de elementos construídos e naturais, e, entre estes, os homens e suas relações. O que implica em escolhas subjetivas e, portanto, cheias de intencionalidade e não-neutras.

Segundo Claval (2002a), os geógrafos sempre se interessaram pela paisagem, mas, até a segunda metade do séc. XVIII, o trabalho era constituído de árduas descrições. Para tentar transpor essa dificuldade, os estudiosos passaram a incluir gravuras em seus trabalhos descritivos. Alexandre von Humboldt passou a inserir em trechos de suas descrições momentos de sensibilidade pessoal, e o seu estilo passou a influenciar outros geógrafos alemães.

Para Claval “o papel do geógrafo que analisa a paisagem é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe, desde a base das cadeias e desde seus picos, e construir, a partir daí, uma imagem sintética da região que analisa.” (CLAVAL, 2002a:19). Assim, não bastaria a descrição de um dado ponto, porque em uma paisagem pode haver nuances

² A Geografia Cultural por volta dos anos 80 passou por uma revitalização, incorporando a cultura não mais apenas como uma força de causalidade, mas como um sistema de significações (MONDADA & SODERSTROM, 1993).

imperceptíveis, a não ser que seja analisado de diferentes maneiras e pontos. Aceitamos a preocupação apontada por Claval (2002a) de multiplicar pontos de vista, que se alinha com a noção da paisagem por nós adotada.

Ratzel (1844 - 1904), geógrafo alemão³, dá a antropogeografia o título de objeto de estudo da geografia humana. Sua obra teve repercussão não só na Alemanha como na França e em outros países. Os geógrafos humanos passaram a estudar, além da distribuição dos homens pelo globo terrestre, como o meio influenciava esses homens. Essa linha de raciocínio influenciou muitos pesquisadores, que denominamos de deterministas geográficos⁴.

ele percorria a paisagem com um olhar que oscilava horizontalmente: varria o ambiente para o alto, a partir do nível dos olhos até os cumes, quando o observador se encontrava em um vale; para baixo a partir desse mesmo nível, até as zonas mais rebaixadas, quando ele acabava de escalar um pico. A paisagem do geógrafo resultava da reconstrução sistematizada daquilo que pontos de vistas sucessivos haviam permitido descobrir, mas continuava suficientemente próxima do olhar do pintor para que sua descrição falasse da harmonia das formas e das cores (CLAVALL,2004:23).

Segundo o autor, dentro dessa visão da paisagem como interação natureza-cultura, o próximo passo foi transpô-la para a vertical, ou seja, transpor a paisagem para cartografia⁵. No entanto, desse processo de generalização e incorporação de fotos aéreas nas análises surge o risco de reduzir ou simplificar a paisagem a apenas essa dimensão, a vertical. Ele chama atenção para o fato de que o olhar horizontal só revela uma parte do real. A partir desses dimensionamentos, em diversas direções horizontais, temos a perspectiva da extensão observada e, assim, é possível compreender como a adição dessa dimensão vertical aprimora

³ Os trabalhos de Ratzel irão influenciar os trabalhos de Malinowski, autor que iremos aprofundar no capítulo *Paisagem e Interpretação*. Ratzel elaborou a linha que hoje é estudada como determinismo social.

⁴ Os deterministas geográficos têm como tese o fato de que o ambiente onde nasce o indivíduo tem influência sobre suas ações, vontades e outros aspectos culturais.

⁵ Com a cartografia adiciona-se uma nova perspectiva, a do relevo. A essa nova perspectiva, o autor dá o nome de verticalização.

nossa compreensão de uma dada paisagem. E é sob a perspectiva da soma de olhares que deve trabalhar o pesquisador, ao analisar uma paisagem.

Segundo Claval (2004), os geógrafos que consideravam a cultura em sua análise da paisagem não queriam apenas desenvolver a chamada “geografia cultural”, mas também dar à geografia humana uma nova perspectiva. Cosgrove (2004) afirma que a paisagem é uma “maneira de ver”, de compreender um objeto de estudo em transformação.

Assim como na Geografia a Antropologia também passa por uma revitalização da abordagem dos estudos. Segundo Platt (1952), antes de 1915, a cultura era entendida como o modo de designar os trabalhos do homem, usando a palavra para contrastar com os trabalhos da natureza; era estudada através da análise da produção de artefatos⁶ (LARAIA, 1986).

Excluía, portanto, um conjunto de aspectos e de atividades de uma determinada sociedade, que também formam a sua cultura. Cultura, no entanto, “não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto e investido de novos significados” (CUNHA, 1986:101)⁷.

Para essa dissertação, tal inserção é fundamental. Focamos nos homens e seus núcleos familiares e, por consequência, nas interações entre esses núcleos. Estudando como esses núcleos estão inseridos e interagem, e como essas interações refletem em determinado espaço físico, tecemos a nossa interpretação da paisagem.

Em conjunto com esta noção de paisagem adotada, buscamos a abordagem metodológica da antropologia que tem a cultura como um texto possível de ser lido (GEERTZ, 1978,1997,2005; MINTZ, 1989) e como uma maneira de trabalharmos e buscarmos soluções para o trabalho de campo a ser feito. A adoção dessa alternativa metodológica e de

⁶ Abordagem de cultura como artefato na antropologia analisa a cultura de um grupo social, a partir de sua cultura material e não, por exemplo, a partir do sistema de representação e interpretação.

⁷ O conceito de cultura adotado por esse trabalho assim como as contribuições emprestadas da antropologia para essa dissertação, serão aprofundados no capítulo *Paisagem e Interpretação*.

procedimentos de campo possibilitou incorporar, nas descrições e vivências de campo, aspectos culturais e também aspectos sutis e sensíveis.

O diálogo que a paisagem permite não se limita apenas aos campos de conhecimento acadêmicos, mas também permeia o conhecimento formal e o não-formal. Nessa dissertação reconhecemos e valorizamos o conhecimento dos comunitários sobre a área de estudo. Esse trabalho é resultado da convergência dos conhecimentos entre os sujeitos da pesquisa, pesquisadores e interlocutores. É juntamente com as comunidades que grande parte do conhecimento torna-se mais facilmente compreendido, tomam forma os dados demográficos e geográficos previamente estudados.

As interações são parte essencial desse trabalho, são as estadias junto às famílias e às comunidades pesquisadas que proporcionaram os estudos do que chamamos de “a nossa interpretação”⁸. Foram nesses momentos de interação que conhecemos mais sobre a paisagem que habitam e sobre as interações existentes entre sujeito e paisagem; que por determinados momentos nos foi permitido habitar.

Para complementar os estudos sobre paisagem foi fundamental buscar os conceitos necessários que embasariam a operacionalização da pesquisa. Como proceder em campo? Como nos relacionar com os sujeitos, a fim de trabalhar as diferenças entre as culturas e interação sujeito-sujeito?

Leituras de autores da antropologia contribuíram com alternativas metodológicas a serem aplicadas durante as estadias nas comunidades para a realização do trabalho de campo como: o uso de diário de campo, as entrevistas, desenhos e outros. As contribuições vão além, abordam a forma de como interagir, se portar, quando ouvir e quando expressar opiniões. No entanto, tais maneiras são aprimoradas durante o próprio trabalho de campo. No dizer de

⁸ Adotamos a frase “a nossa interpretação” para indicar que a interpretação das comunidades elaborada nessa dissertação, de acordo com a metodologia e noção de paisagem adotada, é uma das interpretações possíveis.

Sidney Mintz (1989), a pesquisa torna-se uma oportunidade para o pesquisador conhecer não apenas mais sobre seu objeto de estudo, mas a si mesmo.

Sidney Mintz, antropólogo estadunidense, publicou em 1960 um livro intitulado : “Worker in the Cane: A Puerto Rican Life History” (1960). Nesse trabalho, conta a história da vida de Taso Zayas, um trabalhador dos campos de cana-de-açúcar de Porto Rico. Recebeu críticas de seus colegas de profissão sobre a metodologia de pesquisa empreendida no trabalho. Segundo Mintz (1989) apresenta em seu artigo “The Sensation of moving, while standing still”, a falha apontada por um dos estudiosos críticos do trabalho, Casagrande, está no fato do pesquisador e o “informante” estabelecerem uma relação estreita. Para Casagrande, um “informante” pode ser qualquer coisa, menos amigo do pesquisador, pois, assim, há a possibilidade de transferência de informações mais objetivas.

Existe uma outra maneira de se analisar a mesma situação: o importante é que pesquisador e informante sejam iguais, e que sejam amigos (MINTZ,1989). Conta que nunca teria iniciado um projeto de história de vida se não tivesse conhecido Taso. Afirma que estava atento, pelo menos em parte, aos diversos riscos de distorção envolvidos no processo. Mas, pelo objetivo do projeto, parecia-lhe valer a pena correr esses possíveis riscos de perda de informações objetivas. Afirma que se sua amizade com Taso levou a uma falta de objetividade no trabalho, que então aceitaria essa “culpa”, mas que, no entanto, era incapaz de levar o assunto a sério, uma vez que foi o estabelecimento dessa relação que proporcionou o desenrolar do trabalho e o contar da história de Taso.

Mintz (1989) faz uma observação sobre a questão da neutralidade versus a intencionalidade da ciência, que aceitamos nesse trabalho. “One must deobjectify the data collection because

one is a part of the data and the data are part of one, one never separates oneself from one's own thoughts, during the data collection" (MINTZ, 1989:793)⁹.

O pesquisador não pode evitar o seu papel nessa construção da experiência de pesquisa. A qualidade das relações emocionais entre pesquisadores e interlocutores varia em grandes proporções de caso para caso. Cada paisagem será constituída de experiências partilhadas (SANDEVILLE, 2004), tanto entre os indivíduos entre si, como entre os indivíduos e a paisagem, onde por um tempo um pesquisador se insere, e de alguma forma contribui com essa troca. Essa troca e construção da paisagem se dão ao longo dos tempos em um contexto repleto de subjetividade.

Aparentemente a questão está em se estabelecer um meio termo, necessário, onde os riscos de envolvimento entre pesquisador e interlocutor sejam aceitos, trabalhados e questionados durante o percurso da pesquisa. Encontramos um trecho de Mintz (1989) que expressa o seu conceito e que adotamos: "To question one's project along the way is essential but questioning ought not, it seems to me, turn into a self-consciousness so sensitive that the purpose of the inquiry is forgotten while the methodology is being perfected" (MINTZ, 1989: 794)¹⁰.

Para concluir, diz que não existem absolutos sobre se a pesquisa antropológica deve ser humanística ou científica. O que não quer dizer que não existam interpretações melhores ou piores. Sobre sua experiência de contar a história da vida de Taso, diz que se ele se conhecesse melhor na época, o livro teria sido melhor. Talvez se ele tivesse se exposto mais ao longo do livro, poderia ter sido um livro melhor. E, por último, que foi Taso quem o

⁹ "Deve se 'desobjetificar' a obtenção de dados porque o sujeito é parte dos dados, e os dados, parte do sujeito; o sujeito nunca se separa de seus próprios pensamentos durante a obtenção de dados" (Mintz, 1989:793. Tradução livre da pesquisadora).

¹⁰ "Questionar seu projeto ao longo do curso é essencial mas o questionamento não deve, ao que me parece, tornar-se uma autocritica tão sensível a ponto de esquecermos o motivo do questionamento, enquanto a metodologia esta sendo aperfeiçoada." (Mintz, 1989: 794. tradução livre da pesquisadora).

escolheu e não o contrário. Pois sua história já estava lá há muito tempo, só não havia sido contada a ninguém (MINTZ, 1989).

Assim como Mintz (1989) afirma que não existem absolutos sobre o modo de se conduzir uma pesquisa antropológica, pensamos que o mesmo pode ser dito sobre estudo da paisagem. Da mesma maneira, não se pode negar que, em ambos casos, o pesquisador tem sim grande influência nos caminhos percorridos e nos resultados obtidos. E não podemos negar nosso papel durante os estudos de transformação também de uma paisagem, e do nosso papel em transformar os dados obtidos durante a pesquisa. É uma questão inerente à pesquisa que lida com sujeito-sujeito.

Outras intersecções entre paisagem e antropologia serão apresentadas ao longo do trabalho, e o embasamento antropológico utilizado nessa dissertação será aprofundado no próximo capítulo *Paisagem e Interpretação*.

Essas relações e configurações ocorrem quando nos propomos a estudar a paisagem através de uma abordagem cultural. Aceitamos que paisagem é formada pelos homens e por estes é tanto alterada, como os altera. Os sujeitos das famílias nas comunidades rurais não foram selecionados *a priori*, durante o planejamento da pesquisa em gabinete. No momento do trabalho de campo, fomos sendo “escolhidos” pelos comunitários que depois selecionavam novos interlocutores para nos apresentar. Da mesma forma que os interlocutores não foram passivos, também atuamos nas escolhas durante o trabalho de campo. Assim formamos uma rede de interlocutores, parte essencial para a coleta de informações sobre as transformações, apropriações da paisagem pelas comunidades. Existe o que o pesquisador escolhe estudar, o que ele prefere excluir e o que ele nem ao menos consegue perceber. Daí a importância de se procurar abordar a questão da paisagem por vários ângulos, como, por exemplo, utilizando diferentes instrumentos metodológicos ou buscando compreender a relação da população com a paisagem.

Quando estudamos uma paisagem, posicionamos-nos como pesquisadores diante do objeto de estudo. Isso porque, devido à amplitude de possibilidades que o tema paisagem fornece, é preciso focar em determinado ponto em uma pesquisa. Há que se reconhecer que essa escolha de foco é intencional e marcada por subjetividade¹¹.

É isso que pretendemos desenvolver durante a pesquisa, desenvolver nosso olhar para estar atento a mais do que se vê na superfície, estar aberto para ouvir, dentro das narrativas dos interlocutores, histórias de transformações da paisagem. Estar atento para os mais variados usos que fazem dos recursos, investigar onde os buscam, ouvir as crianças e jovens contando histórias que nos mostram parte de suas relações com as florestas e os animais. Estar atento às histórias que o povo conta e às sutilezas das relações. Estar na paisagem do outro e se deixar conduzir por esta, para depois retornar e interpretar o que vimos e vivemos.

Temos em nossa visão da paisagem uma multiplicidade de aspectos, tanto biofísicos quanto culturais, que nos são revelados no dia-a-dia. Queremos entender como os comunitários estão inseridos nessa paisagem, quais são as relações ou quais questões ligam suas vidas à cobertura florestal ainda presente. Conceber a paisagem como uma “interface transforma (...) as maneiras de analisá-las” (CLAVALL, 2004:22). No entanto, fazemos a escolha de focar nos aspectos culturais que transformam a paisagem, pois limitar o escopo do trabalho tornou-se necessário frente às múltiplas possibilidades que a noção de paisagem permite desenvolver.

Na paisagem existe uma relação de mão dupla, com o poder de mudar ou reforçar nossos valores e fazer refletir ou reforçar nossa identidade. Phillips (2005) afirma que esta pode ser vista como um local de interação entre:

- Natureza e pessoas - e como esses interagem, criando um tecido distinto.
- Passado e presente - como a paisagem pode ser o registro da nossa história natural e cultural.

¹¹ A questão da subjetividade versus neutralidade será discutida no capítulo *Paisagem e Interpretação*.

- Valores tangíveis e intangíveis - e como eles interagem, dando-nos senso de identidade.

Essas são características possíveis de se analisar em uma paisagem e as temos como contribuição conceitual. No entanto, acrescentamos que não é possível para nenhum observador “descrever” a totalidade de uma paisagem, pois essa conta com aspectos ocultos, não apenas porque estão invisíveis, mas porque guardam significados, memórias e experiências. Há uma gama de informações que só aparecem quando vivenciamos paisagem, quando conversamos com as pessoas de um determinado lugar.

A paisagem é, portanto, constituída também das experiências, das sensações que traz. Sandeville (2004) chama atenção para a necessidade de conciliar a técnica com a sensibilidade, e de estarmos abertos para as sensações e prontos para ouvir da gente do lugar a história, os sentidos e significados daquela paisagem. Assim, através da experiência dividida entre os sujeitos, a paisagem será mais profundamente conhecida.

No trecho abaixo de Willian James (1958), citado por Tuan em seu livro *Topofilía* (1980), há um exemplo no qual a observação empírica superficial pode levar ao que Cosgrove (2004) chamou em seu artigo de “paisagens que mentem”. Isso porque, para o visitante, as representações por trás de marcos na paisagem não serão necessariamente óbvias, como são para o morador do local.

Porque para mim as clareiras não dizem nada, a não ser desolação, eu pensava, que aquelas que as tinham produzido, com seus braços fortes e machados obedientes, não podiam contar outra estória. Mas, quando eles olhavam os horríveis tocos, pensavam em uma vitória pessoal. As lascas, as árvores com incisões circulares na casca e os miseráveis troncos cortados, falavam de suor honesto, de trabalho persistente e recompensa final. A cabana era uma garantia de segurança para ele, a mulher e as crianças. Em resumo, a clareira, que para mim era simplesmente um feio quadro na retina,

para eles era um símbolo flagrante de lembranças morais e cantava um verdadeiro hino ao dever, à luta e ao sucesso. (1958 apud:TUAN,1980)

De acordo com Sandeville (2004, 2005) é preciso reconhecer as experiências conflitantes sobre uma mesma paisagem, ao se explorar e investigar seus significados. Cabe ao pesquisador atentar para a dimensão multidisciplinar e para a demanda complexa que a paisagem traz, porque é necessário estudar suas dimensões culturais, além de suas composições morfológicas e biológicas, simbólicas ou potenciais¹².

É importante trabalhar com cautela ao adotar pesquisa que se baseie exclusivamente em *checklists* ou roteiros de investigação fechados, que não necessariamente dariam conta das particularidades de cada paisagem. Sandeville (2004, 2005) critica o modelo de pesquisa onde o observador posiciona-se fora paisagem observada e que é preciso conceber a paisagem como fato existencial e cultural, como algo em constante transformação e re-conformação. É preciso reconhecê-la como resultado das ações, através dos tempos, entre os homens e um sítio. Assim sendo, através da investigação das camadas de interações da paisagem (homem-meio), podemos identificar os agentes que a transformam. Não apenas o que é visível, mas também os arranjos sociais que a transformam sejam eles externos, como as leis ambientais que foram impostas e mudam o uso da terra, ou internos como as implicações do sistema de herdeiros e partilha de terra¹³.

Entenda-se bem, a paisagem se deixa ver, mas, além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser. A paisagem é ambiente, mas não círculo fechado, ela é desdobramento, ela é fundamentalmente um horizonte que se abre. (...) ...a paisagem exige, para

¹² O autor argumenta que também é necessário compreender o processo histórico, social, de produção e de construção de uma paisagem. Por razões de delimitação e da opção metodológica adotada, esse aspecto não foi investigado neste trabalho. Optamos por um aprofundamento da fundamentação metodológica sobre as dimensões culturais para o desenvolvimento dessa dissertação.

¹³ A partilha da terra e seu sistema serão abordados no capítulo *A Paisagem Interpretada*.

ser, um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui e o distante. Em suma, não há paisagem sem profundidade, uma profundidade que se dá a ver sob a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida. A profundidade da paisagem é a da existência (BESSE, 2006:92)

Com seu texto, Besse (2006) nos incita a ir além em nossas investigações, a buscar profundidade em nossos estudos sobre a paisagem. A paisagem é, em outras palavras, algo que nunca termina e que não se pode ver por completo. Há sempre novos horizontes, novas possibilidades de investigação, novos caminhos a serem seguidos. Há no interior dessa noção de paisagem um desejo por assumir as mudanças que ocorrem na paisagem e também no pesquisador, um visitante, que nela interage. São as variedades geográficas mais as variabilidades históricas e os modos de produção, dominantes ou não, as experiências e as memórias existentes em uma paisagem, que levam a diversas formações sociais e econômicas. Assim como observava Cosgrove (2004), cada paisagem terá um caráter distinto e produzirá símbolos distintos em seus espaços, gerando uma especificidade em cada paisagem cultural. A paisagem é uma marca e pode assim ser descrita. Para descrever esses marcos podemos utilizar diferentes metodologias que se aprimoram a cada momento (BERQUE, 1984).

A abordagem que adotamos questiona estudos que “objetivam” a paisagem ou que a estudam a partir apenas de dados secundários ou técnicos. Esses eruditos, afirma Duncan (1990), acreditam ser possível cercar-se de teorias científicas para depois irem a campo investigar e registrar o que encontraram no mundo. Assim, tornar-se-iam mais capazes de descrever paisagens para aqueles que quisessem entender melhor sobre os eventos e sistemas de valores do uso humano, que estão presentes na superfície da Terra. O pesquisador vê as formas externas, observa-as e as registra “como dados, coisas dadas” (DUNCAN, 1990:94). Paul

Claval (2002a, 2002b) concorda com o autor e afirma que as experiências subjetivas eram completa e voluntariamente esquecidas.

Duncan (1990) defende a tese de que descrições não são reflexos do que se observa, mas sim construídas dentro dos limites de linguagem daquele que as está desenvolvendo. São construídas através de um campo conceitual que, ao mesmo tempo em que permite ao pesquisador articular idéias, limita-as. Em outras palavras, é uma descrição sempre limitada pelo campo conceitual de quem as descreve, ou seja, cerceada por sua cultura.

Descrições são expressões da linguagem do autor, visto que não necessariamente uma palavra terá o mesmo significado em diferentes contextos. Assim “quer sejam ou não, conscienciosamente tomadas ou explicitadas, as suposições teóricas são inevitáveis” (DUNCAN, 1990: 96).

As inúmeras formas de interpretação da paisagem nos conduzem ao centro de uma arena intelectual interdisciplinar. É necessário reconhecer a complexidade do tema, gerado na interface de correntes diferentes de pensamento como antropologia, arte, arquitetura da paisagem, ciência política, ecologia e geografia que são centrais para a compreensão da paisagem, sua produção e uso, e seu papel nos processos sociais. Os estudos de paisagem levam a uma discussão interdisciplinar e, portanto, devemos prestar atenção à possibilidade de transformações culturais decorrentes dessa abertura de diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento.

Paisagem e Interpretação

“A poesia está guardada nas palavras –
é tudo que eu sei.”

Manuel de Barros

3. Paisagem e Interpretação

Para que pudéssemos interpretar a paisagem através de uma abordagem cultural, foi preciso aprofundar o modo como proceder nesses estudos, como estar inserido na paisagem e como, após a coleta de dados, elaborar o texto com a nossa interpretação das transformações ocorridas.

A experiência de campo requer uma preparação prévia do pesquisador, não apenas através de leituras científicas produzidas sobre a área de estudo e aprofundamento das bases teóricas da pesquisa, mas através da organização do o que buscará em campo, quais focos principais de informações ele quer obter.

“A idéia é então que há de se ler a paisagem” (BESSE,2006:64), extraindo das mesmas suas estruturas, tensões e limites ¹. Duncan (1990), considerando a paisagem como um elemento central de um sistema cultural, passa então a distinguir essa leitura em dois momentos. De significação da paisagem e de retórica da paisagem, ou seja, o que é significado pela paisagem e o como isso ocorre. Descreve três caminhos que podem ser tomados: a) ponto de vista dos “insiders” ²; b) a diferença entre o discurso do “insider” e do “outsider” e; c) a interpretação do geógrafo cultural quanto ao sistema de significação subjacente à própria paisagem.

Na perspectiva desse autor, o primeiro caminho pode ter um problema, pois se o foco está em conhecer o que o “insider” pensa sobre uma paisagem, como eliminar a interpretação do

¹ Aqui a visão de Besse se aproxima, na nossa opinião, com o ler a cultura de Clifford Geertz, idéia que será apresentada e aprofundada adiante nesse capítulo. Podemos dizer que a paisagem é uma expressão cultural, uma teia de significados possível de ser lida. Mas sempre a leitura e a escrita desse texto são incompletas e filtradas através do nosso prisma cultural.

² Os termos “insider” e “outsider” usado nesse texto de Duncan são referências ao trabalho de Norbert Elias (The Established and the Outsiders, 1994) com o qual não trabalhamos nessa dissertação mas cabe explicar brevemente. Os “insiders” encontram-se “enraizados” em uma comunidade, a um certo tempo, e os “outsiders”, vistos pelo o primeiro grupo como “os de fora”, são os que chegam depois. Seriam eternos estrangeiros, aceitando essa diferença como “verdadeira”. No caso estudado por Norbert Elias, o segundo grupo era composto por migrantes que habitavam o bairro. Esses eram tidos como de menos “valor” dentro da escala social estabelecida pelos “insiders” que ali viviam a gerações. Essa era a diferença entre esses dois grupos de mesma classe social operária britânica.

pesquisador que observa? Afirma que a tarefa do pesquisador é “mostrar como os relatos locais são constituídos dentro de um sistema de significação, conectados a outros elementos dentro do sistema cultural produzido dentro de uma ordem social” (DUNCAN, 1990:108). Por outro lado, o distanciamento que o pesquisador pode ter como um ‘outsider’, pode proporcionar à interpretação uma visão diferenciada do sistema cultural em estudo.

Nessa dissertação optamos pela segunda opção apresentada pelo autor, ou seja, na mescla entre o relato do “insider”, o nosso interlocutor no campo, e as observações do “outsider”, o pesquisador em campo.

A coleta de relatos no trabalho de campo foi uma das metodologias aplicadas para compor nosso grupo de informações. Sobre esta questão Duncan (1990) comenta que os relatos locais não precisam ser aceitos como perspectiva única. O interessante para a pesquisa está no contraste entre o discurso do “insider” e do “outsider”. Segundo esse mesmo autor, ao primeiro, a paisagem tende a parecer natural ou inevitável, enquanto para o grupo dos “outsider”, a paisagem pode ser vista com um distanciamento crítico que os coloca em uma perspectiva diferente.³

Para Claval (2002a), “a realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular”. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade? A resposta de Claval aponta para trabalhar com “descrição densa”⁴, uma forma de integrar algumas das particularidades do que está sendo estudado. Com esse posicionamento de Paul Claval, constatamos uma aproximação da Geografia Cultural com a Antropologia: a recomendação de Claval para a aplicação da “descrição densa” de Clifford Geertz.

Duncan (1990) diz que não devemos nos preocupar ou lamentar o fato de que não é possível observar algo simplesmente, sem nosso filtro cultural ou sem suposições teóricas, e sim

³ Essa questão também foi abordada por Tuan em seu livro: Topofília.

⁴ Sobre “Thick description” (“descrição densa”) em Clifford Geertz (1978), ver: Interpretação das Culturas. Nessa dissertação o tema é abordado mais adiante neste mesmo capítulo, *Paisagem e Interpretação*.

buscar compreender os subtextos. Textos incompletos, as paisagens mudam através dos tempos e dos sujeitos que nela interagem, e conforme o sujeito que a interpreta.

Assim como acontece com a paisagem, na definição de cultura adotada por esse trabalho, também se encontra a idéia de transformação, de dinâmica e de inacabado. Adotamos o conceito de cultura como um texto, texto passível de múltiplas leituras e interpretações.

Para Berque (1984), o estudo do sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza está expressa concretamente na paisagem, e indica acreditar na possibilidade da interpretação de uma sociedade a partir de sua paisagem. Paisagem é herança, experiência e projeção para o futuro. Assim, o autor segue dizendo que paisagem é marca, expressão de civilização. Mas paisagem também é matriz, “porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno” (BERQUE, 1984:85).

É preciso compreender a paisagem nesses dois modos.

Por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, e por outro, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política, etc (BERQUE, 1984:86).

Para Mitchell (1986), um “olho inocente é cego” (1986 apud DUNCAN, 1990) porque o mundo é coberto de sistemas de representação. Não é necessário lamentar esse fato, mais sim compreender a natureza relacional do mundo e fazer todas as leituras que podem estar presentes na paisagem quando a consideramos um texto (DUNCAN, 1990). Willians (1982) define cultura como “sistema de signos através do qual, necessariamente, uma ordem social é transmitida, reproduzida, experimentada e explorada” (1982 apud DUNCAN, 1990:101). Prática cultural e produção cultural são os elementos principais da ordem social. E não

derivados da mesma. Compatível com a abordagem de Willians (1982), as abordagens de Clifford & Marcus (1986) e Geertz (1978, 1997, 2005), autores da antropologia, vêem a cultura não somente como criadora de signos, mas como textos que permitem diferentes leituras.

Esses autores têm em comum a idéia de que a paisagem é uma interpretação da realidade, uma expressão da civilização. Sofre transformações através das pessoas que ali vivem e nela interagem. Os agentes modificadores são tanto internos como externos. Assim, devemos considerar, quando estudamos as transformações de uma paisagem, as influências externas, sociais de mudança.

As apropriações e transformações de uma paisagem contêm mais do que seus elementos construídos, mais do que as pessoas que ali vivem, mais do que saltam aos olhos do pesquisador. Abrigam histórias, opções culturais e estes aspectos nos são apresentados na vivência do trabalho de campo. Todas as investigações feitas *a priori* são válidas e necessárias porém, durante a investigação de campo, outros aspectos tão importantes quanto os dados secundários devem ser mais bem investigados.

O que fazemos é uma abordagem cultural da paisagem de três comunidades, baseando o trabalho de campo em autores da antropologia que nos permitem dizer que uma cultura é uma “teia de significados”, e que é possível fazer uma interpretação desses aspectos (GEERTZ, 1978,1997,2005). Nessa dissertação, faremos uma interpretação das práticas culturais⁵ que transformam a paisagem em nossa área de estudo. Quando tratamos de paisagem falamos de indivíduos, e não apenas informações em papéis e tabelas.

É preciso interagir, durante a pesquisa. Assim, o pesquisador não deve estar somente preocupado no *quem* entrevistar, *onde*, *quais* e *quantos* sujeitos sua pesquisa deve ter, mas no *como*. *Como* interagir durante a pesquisa de campo, *como* estar presente enquanto

⁵ Agrupamos determinadas atividades e práticas dos comunitários que serão abordadas no capítulo *A Paisagem Interpretada*.

pesquisador, *como*, nas palavras de Clifford Geertz, “estar lá” (2005). E finalmente *como* “estando aqui”, escrever sobre a experiência para a divulgação acadêmica. Assim o escrever é um processo de formalizar o conhecimento que nos permite reconstruir esse processo, proporcionando sua discussão, validação e questionamento.

A essa palavra *como* vem atrelada a subjetividade dos interlocutores da pesquisa. A ciência, por muito tempo, recusou essa subjetividade, classificando-se neutra. Muitos autores, no entanto, negam a possibilidade de neutralidade, dizendo que a subjetividade é inerente à pesquisa e ao pesquisador⁶.

A observação participante é, por excelência, a metodologia da antropologia. Malinowski é considerado o primeiro pesquisador a atuar em campo dessa maneira. Bronislaw Malinowski, polonês e filho de um estudioso da língua e folclore maternos, iniciou sua carreira pelas ciências exatas. O próprio autor afirma que foi durante a leitura do clássico “Ramo de ouro” de Frazer, que se tornou um antropólogo (KUPER, 1973).

Bronislaw Malinowski compreende que perguntas *a priori* têm seu papel, mas, uma vez em campo, novas perguntas poderão e deverão emergir. Deve-se então “ir” à teoria que irá (re) alimentar o pesquisador, para assim desenvolver novas maneiras de pensar o problema. Assim poderá reorganizar a pergunta da pesquisa e, por consequência, o trabalho de campo.⁷

Suas pesquisas nas Ilhas Trobriand geraram sete monografias sobre a sociedade trobriandesa, publicadas entre 1922 e 1935. Em um desses livros, “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, sobre os habitantes das ilhas Trobriand da Nova Guiné, descreveu o sistema de comércio e troca denominado kula. Inaugurando uma nova metodologia de pesquisa, ou se preferirem uma nova abordagem, na qual o pesquisador deve desvencilhar-se de seus aparatos de

⁶ Autores estudados que abordam a questão da subjetividade na pesquisa de campo em seus trabalhos acadêmicos (CALDEIRA, 1988; CLIFFORD & MARCUS, 1986; DA MATA, 1974; GEERTZ, 1978, 1997; MARCUS, 1991; MINTZ, 1989; PEIRANO, 1992).

⁷ Assim se desenvolveu nosso trabalho de campo, com uma pergunta inicial que foi sendo aprimorada e revista. Além disso, as estadias em campo contribuíram também suscitando novas dúvidas e caminhos de investigações.

pesquisador e acompanhar o dia-a-dia da comunidade, envolvendo-se nos acontecimentos da comunidade. Opunha-se, claramente, à “antropologia de varanda”⁸.

No mesmo livro escreve sobre as observações de fatos e afirma que o pesquisador deve tomar parte da vida da aldeia, de pequenos acontecimentos “acordar todas as manhãs para um dia como o dos nativos” (MALINOWSKI, 1978: 20).

Quando da publicação do “Diary in the strict sense of term” - seu diário particular de campo - muitos ficaram espantados ou decepcionados com as descrições ou acessos de raiva que Malinowski tinha, no diário, dos trobriandeses. Muitos tinham no autor, e ele próprio assim se apresentava, o ideal de pesquisador objetivo e correto, naturalmente incluído entre os “nativos” e seus afazeres. Mas, estando ele internado em campo por longos períodos como esteve, de onde não podia sair devido à guerra, não é de se admirar que tivesse acessos de raiva e inconformidade com a cultura na qual estava imerso. Ele próprio considerava o diário pessoal como uma válvula de escape para o pesquisador canalizar suas sensações e depois, mais tranqüilamente, sair de sua morada, para voltar ao seu trabalho científico (KUPER, 1973).

Bem verdade que o autor “esconde” tais acessos no *Argonautas*, assim como a presença de outros europeus na Ilha, mas isso não o torna hipócrita quando em contato com os “nativos”, nem seu material publicado menos verdadeiro. São sim, no entanto, escolhas de discurso, de narrativas e presença autoral, parte de outra discussão⁹ na antropologia.

Roberto Cardoso de Oliveira (1996) escreve que a experiência de campo pode ser separada em três etapas que se completam: o olhar, o ouvir e o escrever. O olhar é o prisma por meio do qual a realidade é observada e, logo na nossa primeira experiência em campo, treinamos a

⁸ Para fazer a “antropologia de varanda” o pesquisador instalava-se em uma casa provida pela administração colonial da comunidade, e, da varanda, observava os acontecimentos escolhendo entre os “nativos” representantes que pudessem narrar fatos daquela cultura.

⁹ Essa dissertação não trabalha com a questão da presença autoral, apesar de abordá-la rapidamente mais adiante, nesse mesmo capítulo.

domesticação teórica do nosso olhar. O autor alerta que a entrevista é o momento onde se dá o exercício de um ouvir especial. E que a maior dificuldade reside, então, na diferença entre idiomas culturais, ou seja, linguagens com significados diferentes.

O autor explica essa afirmação através do exemplo de um pesquisador brasileiro que, ao ir a campo, carrega consigo a cultura brasileira mais a cultura de ser um cientista/pesquisador. Assim, o seu ouvir e o olhar encontram-se com o ouvir e olhar do interlocutor, criando um contexto novo e um novo problema a ser estudado. Além disso, aponta o fato que, durante o ato de ouvir, o pesquisador exerce certo “poder” sobre o “informante”, ainda que pretenda ser o mais neutro possível. Acrescentamos que o pesquisador é quem conduz a entrevista, no entanto, o interlocutor é tão ativo quanto o pesquisador e tem certo “poder”, uma vez que seleciona as respostas que irá dar, bem como o seu conteúdo.

Cumprir essas três fases descritas pelo autor, olhar, ouvir e escrever, não são suficientes para a investigação das transformações da paisagem apesar dessas fases nos servirem para explicar mais didaticamente alguns dos conflitos que enfrentamos em campo. Mas é preciso criar os relacionamentos para transformar o “informante” em interlocutor, diminuindo o desvio que o “poder” de ambos possa trazer às informações recebidas, enfim, interagir na comunidade.

Como podemos, então, utilizar a entrevista, dada todas essas condições? As perguntas “feitas em busca de respostas pontuais lado-a-lado da autoridade de quem as faz (com ou sem autoritarismo) criam um campo ilusório de interação” (OLIVEIRA,1996:20). Desse modo, não acontece uma verdadeira interação. Transformar o “informante” em interlocutor, de modo que um novo relacionamento tenha lugar, pode e deve acontecer. Cria-se, assim, um momento partilhado por ambos, sem receios de contaminar o discurso de um com elementos do discurso do outro. Por fim, ganha-se qualidade (OLIVEIRA,1996).

O autor segue apontando a observação participante como uma das metodologias que tende a proporcionar tal feito, mas que não necessariamente sempre tem sido geradora de

conhecimento efetivo. Aponta Clifford Geertz como um autor que consegue separar bem as etapas do trabalho e que o faz da seguinte maneira:

- ouvir e olhar: para se qualificar o “estando lá”
- escrever: que é trabalhar “estando aqui”, usufruindo as estruturas acadêmicas

Acrescentamos que, em nossa metodologia aplicada no campo, incluímos o escrever como uma das etapas de pesquisa, visto que fizemos anotações diárias em caderno de campo. Para Geertz (2005) é o escrever “estando aqui” que cumpre mais alta função cognitiva. A textualização da cultura é um empreendimento complexo de interpretação que cabe ao pesquisador realizar.

Para Haguette (1987), o pesquisador, que não fica preso a pré-julgamentos, tem a possibilidade de reformular o problema ao longo do tempo. E afirma que a objetividade é desejável, porém inatingível. O autor Roberto Da Matta (1974) também trata da subjetividade da pesquisa de campo, quando afirma que elementos como o sentimento e emoção se insinuam durante a pesquisa, permeiam-na.

A antropóloga Margareth Mead, em seu livro “Male and Female” (1950), explica que uma pessoa nunca vê mais do que uma parte da verdade, assim precisamos da contribuição de outros para uma compreensão mais ampla.

Mead (1950) escreve sobre a importância da escolha do local de estadia para a pesquisa de campo, e que este deve ser escolhido pela sua pertinência para a pesquisa. Precisamos nos perguntar: em qual local irei obter mais informações e melhor observarei o dia-a-dia dessa comunidade? Mesmo que a resposta aponte, como em sua pesquisa apontou, que deveria instalar sua tenda entre duas casas locais, no meio da passagem onde haveria poucos momentos de privacidade para a autora, esse deve ser o local escolhido. E é enfática ao afirmar que qualquer que seja o relacionamento entre o pesquisador e a comunidade, este deve ter disciplina, focada para um fim: o de entender aquela sociedade.

Para a autora, a antropologia estuda o comportamento de pessoas vivas, vivendo juntas da maneira que aprenderam com os que antes vieram, e com os quais dividem padrões de comportamento. Os pesquisadores geralmente trabalham sozinhos ou em pares de sexo oposto, muitas vezes porque não há dinheiro ou porque a sociedade que estudam é muito pequena ou frágil e não agüentaria a perturbação que traria a presença de mais pessoas.

Magnani (2002) aborda em seu artigo¹⁰ as opções metodológicas nas investigações de trabalho de campo. Apresenta a visão de autores que tratam das grandes cidades, utilizando uma abordagem macro que ele chamou “de longe e de fora”¹¹, e que apontam os problemas das grandes cidades do globo como, por exemplo, a falta de contato entre indivíduos, colapso do sistema de transporte, formação de guetos culturais e raciais. No entanto, não tratam especificadamente dos lugares e seus moradores, “atores”.

Afirma Magnani (2002) que, em algumas leituras da cidade, esses atores aparecem, mas que em outras apenas são tratados como um grupo de excluídos, apartados, passivos. Atitude de estranhamento ou de exterioridade do pesquisador com o objeto de estudo, principalmente devido à carga cultural que carrega para a pesquisa de campo e que não é “descartada” por estar à frente de uma “teoria nativa”, e “essa experiência tem efeitos no pesquisador: ela o ‘afeta’ (Goldman, 2001); ‘transforma’ (Merleau-Ponty, 1984), produz-se ‘nele’ e, no limite, ‘converte’ (Peirano, 1995)” (MAGNANI, 2002:7).

Isso irá proporcionar um alargamento da experiência e do conhecimento do pesquisador. Para o autor, o método etnográfico não é composto por apenas uma técnica e, conforme cada situação de pesquisa, podemos nos cercar de várias delas. O método etnográfico é um “modo

¹⁰ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. 2002.

¹¹ O que Magnani chamou “de longe e de fora” nos remete ao que Maurice Merleau-Ponty, filósofo fenomenologista francês (1908-1961), chamou de “sobrevôo de pássaro”. Nesse “sobrevôo” os pesquisadores tendem a observar seus objetos de estudo como se sobrevoassem a área. O que contrapõe ao caminhar pela área de estudo, de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) onde o pesquisador traça um outro novo caminho, um quase “metacaminho”, pois se o pesquisador não é do lugar, apenas caminha por ele e interage em um dado momento.

de acercamento e apreensão” de determinada comunidade e não apenas um “conjunto de procedimentos” (MAGNANI, 2002:7).

Essa via de compreensão produzirá

um novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele), nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o ‘concreto vivido’(MAGNANI, 2002:8).

Explica a diferença do que denomina como olhar de passagem, onde o pesquisador se propõe a caminhar por entre os locais escolhidos para estudo e observar seus arredores - os equipamentos urbanos, as praças, as casas, os sujeitos e os conflitos. Nessa abordagem as escolhas partem do pesquisador, são determinadas por este. Na abordagem que propõe, de dentro e de perto, é preciso observar a partir das escolhas de caminhos dos sujeitos, das suas redes de interações, do seu transitar e como usufruem um local. Para tanto, é necessário um investimento “de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (MAGNANI: 2002:9).

Finalizamos os estudos sobre o “estar lá” (GEERTZ,2005) com essa explicação de Magnani sobre o alargamento de conhecimento e, passamos a desenvolver o que Geertz (2005) definiu por “estar aqui”. É o momento que se escreve, que interpretamos o que vimos, o que ouvimos e o que anotamos em nossos cadernos de campo. É necessário explicitar para o leitor o que é interpretação nossa, o que é narrativa deles e o que é “descrição densa” do observado, utilizando o termo adotado por Geertz (1978,1997). Passaremos a tratar sobre a presença do

autor no texto, a interpretação da teia de significados tecida pelos homens (GEERTZ,1978,1998,2005).

Geertz (2005) trabalha a questão da assinatura, a presença autoral no texto. Aponta que existe certa dificuldade ou estranheza no escrever um texto ostensivamente científico. Texto científico feito a partir de experiências que são em grande parte biográficas. E, durante essa produção escrita, um autor geralmente é criticado ou por encaixar-se em uma posição asséptica ou por ir ao extremo oposto de envolvimento. Mas, em ambos os casos, o texto tratado nos extremos tende ao etnocentrismo¹².

Geertz (2005) então se pergunta: Onde devo me situar? O autor procura sair deste problema com a formulação de que o pesquisador deve procurar em seu texto ser preciso e detalhado, passando ao leitor a impressão de que teria visto o mesmo que ele viu, e sentido o mesmo que ele sentiu, estivesse ele lá. O texto é uma reconstrução, uma interpretação do “estar lá”. Desta maneira, acrescentamos que outros pesquisadores podem ver e sentir outros aspectos que a nós escaparam, visto que cada um carrega a campo o seu filtro cultural. Geertz (2005) destaca a linguagem usada no texto, usando como paralelo a idéia de prisão da qual o pesquisador deve tentar escapar, afirmando que existe uma certa inadequação entre as palavras e a experiência.

Não importa onde o pesquisador vá fazer seus estudos, ou seja, além dos muros das universidades, é ainda no “estar aqui”, para Geertz (2005), que reside grande importância. É durante o “estando aqui” que o texto será produzido, lido, criticado e ensinado. Separa da seguinte maneira: interagir com outros, lá; escrever sobre eles, aqui.

Mas continua em seus questionamentos com a seguinte frase: “O que acontece com a realidade quando ela é despachada para o exterior?” Explica que “o que antes parecia apenas

¹² Entende-se por etnocentrismo o posicionamento de um pesquisador ao descrever uma cultura, mas baseando-se na lógica de sua própria e, assim, leva seus valores-padrão para a interpretação, que pode tornar-se limitada. Todos tendemos a enxergar através do filtro da nossa cultura, mas deve-se buscar o entendimento da lógica interna da comunidade que estudamos (GEERTZ,1978,1997,2005).

tecnicamente difícil – introduzir a vida ‘deles’ em ‘nossos’ livros – tornou-se delicado, em termos morais, políticos e até epistemológicos” (GEERTZ,2005:171).

Isso porque com o fim do colonialismo aconteceram alterações radicais nas relações sociais entre o observador-observado. Também com o avanço das tecnologias de comunicação, diferentes culturas, antes mais isoladas do contato com outras, passam a ter mais acesso ao que é produzido sobre elas. Com essa redução entre diferentes compartimentos, diminui-se o espaço entre mentalidades diferentes. Os sujeitos da pesquisa¹³ já não estão mais tão separados e nem tão desvinculados. Isso proporciona que os interlocutores tenham acesso ao que foi escrito sobre eles; dessa maneira, pode haver uma troca de idéias sobre as interpretações o que leva a pensar sobre a ética necessária nas pesquisas. Como, por exemplo, respeitar os pedidos de seus interlocutores de manter uma informação sob sigilo ou sem identificação pessoal.

Para esse antropólogo, cultura é como uma teia de significados e o homem um animal amarrado às teorias de significados que ele mesmo tece. Cabe à antropologia a busca não de leis, mas de significados. E deve-se fazer etnografia, procurando estabelecer relações, mapeando o campo e mantendo um diário.

Entende que os textos antropológicos são interpretações de segunda ou terceira mão, pois somente um “nativo” teria a possibilidade de fazer a interpretação de primeira mão, uma vez que se trata da sua cultura. Estar entre eles não é tornar-se um “nativo”, nem simplesmente copiá-los. É conversar com eles, dialogar. O que, para o autor, promove o alargamento do universo do discurso humano.

Discorre também sobre a “descrição densa”, aquela que pretende ir além do superficial. Para exemplificar a “descrição densa”, analisa a idéia da piscadela. Uma piscada, o ato de fechar e abrir as pálpebras, pode levar a diferentes interpretações: apenas uma necessidade biológica,

¹³ Vale enfatizar que consideramos sujeitos da pesquisa tanto o pesquisador quanto os interlocutores.

uma tentativa de estabelecer a relação a quem se pisca, imitação de alguém que piscou. É uma partícula de comportamento, um sinal de cultura, um gesto. É preciso assim recolher as estruturas de significação que Gilbert Ryle, segundo Geertz (1997), chamou de códigos estabelecidos e determinar sua base social e sua importância. O pesquisador deve se perguntar: Qual a importância de tal acontecimento? O que está sendo transmitido com a sua ocorrência?

Os estudos são interpretativos. Interpretamos os fluxos das narrativas e tais interpretações consistem em tentar salvar o dito, que é microscópico, local. E não o que é grande escala, de uma sociedade inteira.

Geertz (1978) escreve sobre essa interpretação, dizendo que uma referência começa com um grande conjunto de significantes e que cabe ao pesquisador organizá-lo em uma forma inteligível. Não é profética. Porém, sua contribuição está em apontar possíveis caminhos que uma comunidade pode tomar em suas transformações da paisagem. Esse entendimento abre para os estudiosos perspectivas de ação na área de estudo. E cabe a nós

descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o 'dito' no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinados comportamentos humanos (GEERTZ,1978:38).

“Olhar as dimensões simbólicas da ação social, arte, religião, ciência, não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não emocionalizadas, é mergulhar no meio delas (GEERTZ,1978:40)”. O que se quer responder não são as nossas questões mais profundas, mas “colocar à disposição as respostas que outros deram (...) incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou”

(GEERTZ,1978:41). Contribuir com o rol de informações existentes, que possam ser consultadas e reinterpretadas.

Dessa forma concluímos que um estudo baseado em análise cultural não pode ser entendido como final, completo, fechado. Porque quanto mais aprofundamos as leituras, as pesquisas e as análises, novas interpretações surgem. Assim como a noção de paisagem adotada por essa dissertação, a cultura das comunidades está em constante transformação.

A Paisagem

“O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.”

Mia Couto

4. A Paisagem

4.1. Instrumentos Metodológicos

Tomando os autores apresentados no capítulo anterior, *Paisagem e Interpretação*, desenvolvemos a metodologia que foi aplicada no trabalho de campo. Essa metodologia contou com as orientações sobre os instrumentos de pesquisa de Bosi (1994)¹, Junker (1911) e Thompson (1992), e que complementam o trabalho de campo.

A pesquisa contou com 55 dias de trabalho de campo². Fizemos estadias em casas de comunitários nas comunidades Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta. Procuramos manter as três etapas sugeridas por Junker (1911) e, durante a pesquisa de campo, aplicamos a observação, o registro e a análise.

Uma das ferramentas utilizadas nessa pesquisa foi a formação da uma rede de interlocutores. Um indivíduo da comunidade, denominado núcleo ou interlocutor nuclear, apresenta as pessoas mais próximas que lhe parecem interessadas e interessantes para a pesquisa. A partir de então, novas pessoas são apresentadas ao pesquisador, formando uma rede³ intrincada de interlocutores.

Executamos também entrevistas exploratórias, para mapear o campo e colher idéias, como é sugerido por Thompson (1992) como uma atividade preliminar. Outra atividade preliminar, que é incrementada ao longo da pesquisa, é conversar com a população para aumentar o conhecimento de vocabulário específico, além da possibilidade de estabelecer uma relação de confiança que leva à obtenção de maior número de informações.

¹ O trabalho dessa autora contribui para o aprofundamento do nosso conhecimento sobre entrevistas. No entanto, não aplicamos nesse trabalho história oral.

² Vale acrescentar que havia conhecimento prévio da comunidade, dado trabalho anterior da pesquisadora na área no período de maio de 2003 a maio 2004. Esse contato e experiência com a área facilitaram os deslocamentos e alojamento na comunidade durante a pesquisa.

³ Fotos de arquivo pessoal da pesquisadora dos comunitários que formaram a rede de interlocutores podem ser consultadas no Apêndice A.

Quando obtivermos um fato, mas sem informações suficientes, podemos provocar o interlocutor com intervenções como: ‘Isso parece interessante!’ ‘Por que não?’ ‘Quem era esse?’ ‘Mas há quem diga...’. De acordo com Paul Thompson (1992), a maioria das pessoas é capaz de desenvolver habilidades de entrevistador e indica itens que devem ser aplicados durante as entrevistas: interesse genuíno e o respeito com as pessoas, conseguir manter-se calado nas horas necessárias, sem tentar o tempo todo expressar ou impor suas idéias e demonstrar compreensão para com as idéias alheias, menor número de perguntas possíveis e simples, diretas e em linguagem comum entre os sujeitos. Evitar perguntas fechadas que levem a simplificação da idéia (respostas do tipo “sim” ou “não”).

O local de entrevista deve ser onde o sujeito sinta-se à vontade. Quase sempre é melhor, na opinião do autor, permanecer sozinho com ele, para poder gerar uma atmosfera propícia à confiança. Entrevistas sozinhas trazem informações bem diferentes das feitas com grupos (THOMPSON, 1992; BOSI, 1994). Caso o sujeito afirme que não tem nada para colaborar, será preciso que lhe reafirme que sim; sua experiência é única e desconhecida para muitos, cujas vidas são diferentes. Essa argumentação foi utilizada em especial com Inês Laia da Costa, nosso indivíduo-núcleo, com quem tentamos inúmeras vezes gravar entrevista sobre sua trajetória de vida. Após inúmeras tentativas, ela nos permitiu gravar em duas ocasiões.⁴ Nos casos de informações obtidas em rodas de conversa, as anotações foram feitas imediatamente em seguida. Da mesma maneira, após as entrevistas, gravadas ou não, e observações de campo, fizemos as anotações e observações pessoais, gerando um diário de campo.

Segundo Thompson (1992), após as entrevistas, devemos seguir alguns procedimentos visando à qualidade do registro: anote o mais rápido possível tudo sobre o contexto da entrevista, depois faça tocar a fita e confira quais informações foram obtidas e quais ainda são

⁴ Trechos dessas narrativas foram utilizados no capítulo *A Paisagem* e auxiliam na composição do texto sobre o núcleo familiar. Ver Apêndice B.

necessárias e devem ser levantadas. Esses procedimentos foram repetidos todas as vezes que saíamos de uma visita em uma casa ou quando era necessário fazer anotações sobre a paisagem desses bairros.

O registro diário de cada item a ser estudado deve ser feito, de preferência, em anotações curtas realizadas ao longo do dia. Durante as entrevistas, as anotações que forem extremamente necessárias à memória podem ser tomadas, as demais devem ser organizadas posteriormente. Entre os moradores da área de estudo há alto índice de baixa escolaridade, podendo, em alguns casos, causar constrangimentos a constante de livros, cadernos e gravadores.

Dentre as atividades realizadas durante as estadias de campo destacamos as entrevistas com comunitários das comunidades, as conversas informais com o diretor do Centro de Pesquisa Iracambi, as entrevistas com funcionários do EMATER-MG, do CTA-ZM e de Iracambi, a composição de diário de campo, os registros fotográficos e audiovisuais, a participação em atividades consideradas de lazer como subida ao Pico do Itajuru e Graminha, a participação em festas de São João e casamentos, os percursos pelas estradas a pé, na charrete e a cavalo, acompanhada ou não de comunitários e a participação em atividades consideradas de rotina: entrega de leitões nas comunidades vizinhas, colheita de café, corte de lenha.

Essas atividades contribuíram para compor nosso entendimento sobre os elementos da paisagem e das práticas transformadoras da mesma, que serão apresentados a seguir.

Os materiais utilizados para registrar o trabalho de campo foram o gravador de fitas (áudio) para entrevistas, cadernos de anotações pessoais e câmera fotográfica.

Optamos, também, por uma permanência prolongada na casa de uma família, cujos membros se tornaram indivíduos-nucleares na rede de interlocutores. Essa permanência mais longa também propiciou o surgimento de confiança no relacionamento estabelecido, levando a

darem mais detalhes dos recursos utilizados, além de auxiliar na nossa compreensão das práticas culturais adotadas.

4.2 Comunidades

As comunidades Pedra Alta, Buracada e Santa Catarina estão localizadas nos municípios de Muriaé e Rosário da Limeira no Estado de Minas Gerais, Zona da Mata.

No período de inverno, nos meses de junho a outubro, a falta de chuva forma nas estradas de terra uma nuvem de poeira que muda a coloração das árvores e invade as casas próximas às estradas. Os dias claros, madrugadas e manhãs frias, são característicos na área, e sentidos com maior intensidade nos povoados que ocupam a zona do vale.

Os meses de verão são caracterizados por fortes chuvas que trazem enxurradas, “atolamentos” nas estradas e dificuldade de acesso às cidades de Belizário e Rosário da Limeira. Nessa época, para melhorar a condição das estradas de terra, um caminhão da prefeitura passa jogando pedras que depois são comprimidas por uma máquina. Durante o dia, a temperatura se eleva. Devido ao assoreamento crescente nos rios da área, os vales se alagam.

Como consequência das chuvas muitas crianças acabam perdendo dias de escolas, quando o ônibus municipal não consegue chegar à comunidade, e o café perde valor de venda quando não é recolhido a tempo dos terraços onde ficam expostos ao sol para o processo de secagem.

Figura 1: Pasto alagado na comunidade Buracada durante a época de chuvas de verão. Foto: Catarina Silveira. Abril/2006.

As charretes, cavalos e motos são os meios de transporte mais utilizados, principalmente nessa época, para evitar os “atoleiros”. O ônibus municipal circula, duas vezes ao dia, pelas comunidades para levar e trazer as crianças para as escolas em Belizário e Rosário da

Limeira. Os adultos também utilizam o ônibus para circular entre as cidades e as comunidades.

Segundo a população local, a última colheita de arroz foi prejudicada pelas fortes precipitações e as enchentes que se seguem.

A formação de nuvens e o aquecimento à tarde formam chuvas torrenciais e descargas elétricas. O afastamento da Zona da Mata do mar, mais de 100 quilômetros, tem como decorrência a falta da função termo-reguladora do oceano, levando a maiores contrastes entre as temperaturas do dia e da noite (VALVERDE,1958).

Saint-Hilaire, em seus diários de viagem, descreve a grande presença da gramínea taboca⁵ ou tabioca e que eram os fundos de vale os locais escolhidos para a construção das casas

onde é mais fácil represar água para fazer mover o monjolo para a produção de farinha de milho (...) no meio de um terreno descoberto se encontra um vale úmido e profundo, se houver alguma depressão na encosta de um morro, podemos ficar quase certos de aí encontrar uma dessas moitas de arvoredos que os habitantes chamam de capões, e onde fazem suas lavouras (SAINT-HILAIRE,1975: 60).

⁵ Também conhecido por taquara ou bambu, pertence à família *Graminae*.

Zona da Mata sofreu, encontramos nessas comunidades rurais fragmentos de Mata Atlântica de mata secundária em diferentes estágios de recuperação⁸.

O fato de serem fragmentos de mata secundária pode ser comprovado pela forte presença de embaúbas (*Cecropia sp.*). Suas copas prateadas ou esbranquiçadas, que facilitam a sua identificação, podem ser avistadas das estradas que percorrem essas comunidades. As embaúbas já haviam sido apontadas como espécie fortemente presente por Saint-Hilaire, entre os anos de 1779-1853, durante suas viagens pela então província. Outros estudos reafirmam essa presença, demonstrando que a exploração continuou nos anos seguintes (VALVERDE, 1958; LE BRETON 2000; 2002; LUDWIG, 2003; EVANS, 2004). A região montanhosa conta com fertilidade do solo em declínio e alto índice de erosão (LE BRETON, 2000; 2002; VALVERDE, 1958), pois no início da exploração os solos eram moderadamente férteis, mas suas qualidades físicas e o terreno inclinado os tornaram altamente suscetíveis à erosão (VALVERDE, 1958).

A Fundação Biodiversitas, no livro *Biodiversidade em Minas Gerais – um Atlas para sua Conservação*, fornece uma lista de áreas prioritárias para conservação em Minas Gerais separadas por grupos temáticos (anfíbios, mamíferos, etc). Além dessa separação por grupos, as áreas são classificadas em uma escala de importância medida como corredor, potencial, alta, muito alta, extrema e especial.

A Serra do Brigadeiro foi incluída na lista de mamíferos com importância biológica alta e o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro recebeu classificação de extrema importância biológica. Para aves, a categoria extrema; anfíbios, a especial; invertebrados, potencial; e a flora recebeu a categoria especial. Também incluiu a Serra como área prioritária dentro do grupo de fatores abióticos (sem escala de importância).

⁸ O processo de regeneração de alguns dos fragmentos na área de estudo remonta de 20-30 anos.

A Serra do Brigadeiro foi reconhecida como área de prioridade para conservação biológica no Estado de Minas por possuir alta riqueza de espécies da fauna e flora endêmicas, raras e ameaçadas por pressões antrópicas (agropecuária e pecuária, agricultura, caça, queimada). Recomendações específicas foram feitas para serem aplicadas na Serra, tais como, implementação de unidades de conservação, produção de inventários e promoção conectividade entre os fragmentos existentes. O que demonstra a relevância de se estudar as práticas que transformam os fragmentos florestais presentes nessas comunidades.

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro está localizado próximo à área de estudo entre as coordenadas de longitudes 42° 40' e 40° 20' oeste e latitudes 20° 33' e 21° 00' sul, correspondendo às áreas dos municípios de Araponga com (41%), Ervália (8%), Fervedouro (27%), Miradouro (12%), Divino (1%), Pedra Bonita (3%), Sericita (6%) e Muriaé com (2%), e as comunidades são vizinhas a esta Serra.

Figura 3: Mapa da Localização do Parque Estadual Serra do Brigadeiro.Fonte: IEF. Disponível para download em: www.ief.mg.gov.br.

As construções rurais da região seguiam os modelos do vale do Paraíba com casa grande, dois pavimentos, muitos quartos, telhados grandes, varanda atrás ou do lado, abrindo-se para o terreiro. Esse padrão segue até a abolição da escravidão, pois facilitava ao fazendeiro observar o trabalho sendo feito no quadrilátero que compunha a senzala (LUDWIG, 2003; VALVERDE, 1958). As casas junto à sede da fazenda mais o monjolo compunham uma linha, seguindo o formato físico natural de um vale.

Essas comunidades possuem entre 35-50 famílias cada, e o tamanho médio das propriedades varia entre 15- 20 hectares⁹.

Uma das propriedades na área de estudo que foge ao padrão médio de hectares é a Fazenda Iracambi. A Fazenda Iracambi e o Centro de Pesquisa em Conservação Iracambi possuem 500 hectares de terra em diferentes estágios de regeneração, incluindo 70 hectares de Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN)¹⁰. Há a necessidade de pesquisas na área que considerem os conflitos existentes no território e o atual uso indevido de unidades de conservação, atualmente alternativas à situação econômica da região (LE BRETON, 2002).

Iracambi possui quatro áreas de pesquisa prioritárias: estudo sócio-econômico, agroflorestal, geração de fontes de renda alternativa e estudo de uso de terra (manejo) e vem realizando, em seus 12 anos de trabalho, pesquisas aplicadas ao reflorestamento, manejo do solo e recuperação de terras degradadas, reconhecendo que as comunidades locais precisam estar integradas na busca de soluções.

A organização espacial e estrutural das comunidades é composta de venda, campo de futebol, escola de ensino fundamental e igrejas. As vendas são utilizadas tanto para pequenas compras como para lazer dos homens. Têm disponíveis à venda: óleo, macarrão, feijão, arroz, doce e

⁹ Informação fornecida por Edson Curi, técnico responsável pela EMATER- MG em Rosário da Limeira, em 2006.

¹⁰ RPPN é uma unidade de conservação em área privada, gravada em caráter de perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. É um ato voluntário e que não ocasiona perda de direito de propriedade (<http://www.ibama.gov.br/siucweb/rppn/>).

bebidas alcoólicas. Geralmente dispõem de mesa de sinuca e são freqüentadas à noite pelos homens das comunidades.

Na comunidade Buracada, pelo grande número de pesquisadores que circulam entre a comunidade e o Centro de Pesquisa Iracambi, houve uma mudança na paisagem e alteração do fluxo de moradores das comunidades. Um morador da comunidade de Buracada, com o intuito de suprir a demanda de cerveja e entretenimento dos pesquisadores do Centro, construiu uma venda na porteira de entrada da Fazenda Iracambi. Seguindo o padrão arquitetônico das demais, esta tem como exceção, além do fato de ser freqüentada por indivíduos dos dois sexos, promover, nos finais de semana, churrascos que atraem moradores das comunidades vizinhas.

É comum a maioria das famílias dessas comunidades ter em sua casa uma gaiola com passarinho. Também é feito comércio de passarinhos que podem ser vendidos por até 500 reais, dependendo de quão mansos forem¹¹.

Existem pessoas que suprem suas necessidades financeiras através da venda ilegal de pássaros. Não trabalham na lavoura. Já foram denunciados, porém, ao chegar a polícia, conseguem esconder o pássaro que não está registrado. As armas de captura são apreendidas e os envolvidos, presos¹². As espécies mais capturadas são o trinca-ferro (*Sallator similis*) e canário da terra (*Sicalis flaveola brasiliensis*).

As comunidades não possuem um líder, no entanto, organizam-se em atividades ligadas à igreja e para a venda de leite à indústria. Geralmente os homens mais velhos são consultados sobre esses assuntos.

Sobre as comemorações, cada uma das comunidades à época de São João, junho e julho, organiza uma festa na qual as outras comunidades são convidadas a participar. O ato religioso

¹¹ Informação fornecida em caráter confidencial e, portanto, os interlocutores envolvidos não serão identificados assim como os locais de captura.

¹² Não foi possível conversar com esses comunitários, mas tivemos conhecimento que foram soltos e voltaram a morar na comunidade.

dos casamentos costuma ser precedido por um almoço na casa da noiva para o qual apenas as pessoas de relacionamento mais próximo às famílias são convidadas. Em seguida é feita uma procissão de charretes que acompanha os noivos à igreja. Posteriormente, há uma festa na casa do noivo ou noiva para a comemoração do casamento. Para essa segunda festa a maioria da comunidade é convidada, inclusive parentes de outras comunidades. Na preparação da festa, um boi é morto e sua carne é preparada. Os comunitários costumam se casar entre as idades de 17-18 para as mulheres e de 19-20 para os homens¹³.

Figura 4: Casas nas comunidades Buracada, Pedra Alta e Santa Catarina onde é possível notar a similaridade arquitetônica. Fotos: Catarina Silveira. Maio/2007.

Nas três comunidades - Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta - as casas têm padrão arquitetônico semelhante¹⁴. São geralmente construídas de tijolos, telhado sem forro e chão de cimento. Possuem quartos onde costumam pendurar mantas nos batentes como um substituto para a porta. Muitos dos fornos à lenha possuem canos construídos no seu interior por onde a água da caixa d'água passa, esquentando e corre para o banheiro. Este é construído no lado externo da casa, na saída da cozinha, com um local para lavar roupas e louça adjacente. São nos fundos das casas, em área coberta, com entrada para cozinha onde recebem os visitantes.

¹³ Conforme informações fornecidas pelos moradores das comunidades pesquisadas.

¹⁴ A planta baixa de uma casa da comunidade Pedra Alta pode ser conhecida no Apêndice C. Esta planta é representativa do padrão das casas dessas comunidades conforme observado durante o trabalho de campo.

Ali lhes servem café para depois, dependendo do grau de familiaridade, convidá-los a “chegar”, ou seja, entrar na casa.

A colheita do café envolve a todos da família e é denominado pela comunidade de “panha”. Acorda-se bem cedo e sobe-se o morro. Um tecido comprido é levado para ser colocado por entre as fileiras dos pés de café. Os apanhadores vão colhendo o café que vai sendo jogado nesse pano. No final da fileira do café, levanta-se o pano e junta o café colhido, para depositá-los então em sacas. As sacas são carregadas pelos homens até o terreiro. O terreiro é cimentado em quase todas as casas para facilitar o processo de secagem do café. Estes se encontram geralmente na entrada da casa ou em sua lateral.

O café então é espalhado no terreiro onde permanece até que seque ao sol. Ao entardecer se junta o café com o auxílio de uma enxada, cobrindo com uma lona para evitar que a umidade prejudique a safra. No dia seguinte, torna-se a espalhá-lo para que seque ao sol.

Figura 5: Terreiro usado nas comunidades para secagem do café. Foto: Catarina Silveira. Julho/2006.

O processo de secagem do café é uma parte muito importante na definição da qualidade do café. É a venda desse café que trará uma receita anual para a família. E é a qualidade do café que definirá o preço a ser pago por saca¹⁵.

¹⁵ Outros procedimentos são necessários para a produção de uma safra de qualidade como ter atenção à maturidade do grão colhido, se este foi ou não descascado (retirada da polpa) antes da secagem.

O excedente de produção é guardado e mantido na tulha, onde também são mantidos espigas de milho, já debulhadas, e outros mantimentos e ferramentas. O café “prá despesa” utilizado na casa pela família é retirado da saca, pilado e moído, para então ser “passado”.

As comunidades recebem visitas de agentes do posto de saúde que se localiza em média cerca de 15 quilômetros na estrada “de chão”. O posto de saúde mais próximo às comunidades Santa Catarina e Pedra Alta fica em Belizário, para Buracada, na unidade hospitalar de Rosário da Limeira.

Passamos, a seguir, a fazer uma breve caracterização dos dois municípios envolvidos, apresentando outros dados que auxiliem no entendimento das comunidades estudadas. Seguimos, também, com a descrição geral da composição das estruturas presentes na paisagem de cada uma das comunidades, a fim de melhor localizar o leitor, de modo que este possa compreender as especificidades.

Optamos, por questão de organização, em separá-las em dois grupos. No primeiro bloco, as comunidades de Santa Catarina e de Pedra Alta, que pertencem a Muriaé. Em seguida, a comunidade de Buracada, localizada no município de Rosário da Limeira.

Denominado originalmente de Visconde do Rio Branco, passa a ser município de Muriaé em 1923 (Lei 843, de 7/9/1923). Tem a população estimada, em 2006, de 100.063 habitantes. Sendo que esta população cresce a uma taxa anual total de 1,4 % ao ano, sendo a taxa urbana 1,97% e o equivalente rural de -2,99 (IBGE, 2000). Quando analisamos os números do censo do IBGE sobre o geral da população do município, percebe-se que o número da população rural está diminuindo¹⁶. Esses dados quantitativos do censo do IBGE foram constantemente reafirmados pela população durante o trabalho de campo, que enfatizou que o número de casas construídas diminuiu drasticamente.

¹⁶ Essa questão será discutida mais a frente como uma das determinantes de transformação da paisagem.

Dentro do município de Muriaé, Santa Catarina e Pedra Alta pertencem ao distrito de Belizário. É na cidade de Belizário¹⁷ que seus moradores fazem compras de produtos que não produzem em suas terras, e as crianças freqüentam o Ensino Médio. As crianças freqüentam as escolas rurais das respectivas comunidades até a 4ª série do Ensino Fundamental. A cidade de Belizário conta em sua estrutura com uma creche, escola de Ensino Fundamental e Médio, igreja, serviços de correio e rádio comunitária local.

Na rádio comunitária o Centro de Pesquisa Iracambi tem um programa semanal de educação ambiental, coordenado por um de seus funcionários. À época da pesquisa, alguns funcionários da Fazenda Iracambi eram moradores da comunidade Graminha, como a cozinheira do Centro e o coordenador do programa de rádio acima citado¹⁸.

Comunidade Pedra Alta

Pedra Alta, assim como o nome indica, situa-se na base de uma formação rochosa de grande altitude denominada pico do Itajuru. Por estar mais afastada do Centro de Pesquisa Iracambi, não recebe visitas dos pesquisadores. Similar à comunidade Buracada quanto à topografia e à presença de fragmentos florestais, Pedra Alta tem uma ponte por sobre um córrego que a subdivide em duas áreas: Santa Lúcia e Nossa Senhora de Fátima

Santa Lúcia recebe o mesmo nome de sua paróquia. Além da igreja, conta com escola de ensino fundamental, venda e campo de futebol. É o local atual da residência do núcleo familiar de Joel e Inês Laia de Costa.

Nossa Senhora de Fátima possui em seu núcleo comunitário uma venda, igreja e campo de futebol. As crianças freqüentam escola rural em Santa Lucia.

O Pico do Itajuru, 1580 mt, localizado no extremo Sul da Serra do Brigadeiro é utilizado pelos comunitários de Pedra Alta e Santa Catarina; geralmente os homens mais jovens fazem a subida pela trilha ao pico como forma de lazer.

¹⁷ A cidade de Belizário pertence ao distrito de mesmo nome.

¹⁸ A comunidade Graminha fica no entorno da montanha de mesmo nome, próxima à comunidade Buracada e não é objeto de estudo dessa dissertação.

Figura 6: Pico do Itajuru visto da comunidade Pedra Alta. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007.

A comunidade está assentada em um vale cortado por um riacho. Esse riacho, antes caudaloso¹⁹, onde as crianças podiam banhar-se, hoje se encontra assoreado e reduzido a uma largura de aproximadamente dois metros. A redução da cobertura vegetal, o uso das margens do rio para plantação de arroz e a redução da quantidade de água são algumas das causas que levaram à sua configuração atual.

Durante o trabalho de campo alguns elementos foram referências que nos ajudaram a compreender a paisagem. Através desses elementos aprofundamos nossas investigações²⁰ sobre as práticas dessas comunidades e que nos ajudam a contar como foram e como hoje são. Na comunidade Pedra Alta, consideramos como elementos a “casa antiga”²¹, uma tulha com trançado de palmito²², um engenho de rapadura completo, com o moinho e a “tábua” de melado²³ e o plantio de eucalipto. Em Santa Lúcia os elementos de referência são um antigo

¹⁹ Informação fornecida por Sebastiana (sobrenome desconhecido), Inês Laia da Costa, Robin Le Breton, em 2006.

²⁰ Alguns autores apontam a possibilidade de utilizar elementos que se destaquem na paisagem como uma forma de investigação metodológica (BERQUE,1984; COSGROVE,2004 DUNCAN,1990). Acrescentamos que a paisagem estudada não se resume a esses elementos, mas estes contribuíram para a nossa compreensão.

²¹ Essa casa está localizada em Nossa Senhora de Fátima e é uma construção de mais de 70 anos onde ainda encontram-se paredes de trançado de palmito

²² O trançado de palmito era um método usado na construção de paredes das casas onde o palmito era armado e depois barreado.

²³ Esse é o termo local para o recipiente onde o melado é despejado.

galpão para armazenagem e beneficiamento²⁴ do café, pertencente a uma fazenda que foi à falência e as escolas rurais.²⁵

Figura 7: Da esq. para dir. O antigo galpão de beneficiamento de café, a escola rural e a tulha de trançado de palmito. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007

Comunidade Santa Catarina

A comunidade de Santa Catarina situa-se entre a comunidade Pedra Alta e Buracada. As propriedades dos comunitários possuem grandes fragmentos florestais. Os comunitários não mantêm contato com os pesquisadores do Centro de Pesquisa Iracambi, nem foram encontradas pesquisas acadêmicas que tenham sido desenvolvidas nessas comunidades²⁶.

De relevo mais ondulado que as demais, encontramos nessa comunidade grandes fragmentos florestais e, em alguns terrenos, a mata está em processo de regeneração. Do campo de futebol dessa comunidade pode-se avistar o Pico do Itajuru. Próximas ao campo encontram-se uma venda e a escola de Ensino Fundamental. O córrego que passa pela comunidade tem um metro de largura e nele foi feito um desvio para melhoria da estrada de terra.

²⁴ Beneficiamento de café é o termo dado para o processo de limpeza da casca (coco) do café, retirar a polpa e depois secagem do grão.

²⁵ A interpretação das informações desses elementos será desenvolvida no capítulo *Paisagem Interpretada*.

²⁶ Informação baseada nas pesquisas realizadas nos arquivos da Universidade Federal de Viçosa, Centro de Pesquisa de Tecnologias Alternativas-Viçosa e Centro de Pesquisa Iracambi.

Figura 8: da esq. para dir. No alto do morro, uma plantação de eucalipto, um bolsão de palmito e a tábua de melado. Fotos: Catarina Silveira. Julho/2006.

Como elementos da paisagem dessa comunidade citamos o relevo mais ondulado e o Pico do Itajuru ao fundo, os grandes fragmentos florestais da comunidade, a plantação de café no pasto, a propriedade onde a mata está se regenerando, o plantio de eucalipto e os bolsões de palmito.

Comunidade Buracada

No município de Rosário da Limeira, emancipado do município de Muriaé em 1995, com população estimada em 4.321 habitantes (IBGE,2006) e com uma área territorial de 112 quilômetros quadrados, encontramos a comunidade São Geraldo, mais conhecida na área como Buracada.

As casas e propriedades que pertencem à comunidade Buracada foram construídas ao longo da estrada que a atravessa. A estrada de terra começa na cidade de Rosário da Limeira e sobe para a comunidade Graminha. Seus comunitários, por estarem próximos ao Centro de Pesquisa Iracambi, participam de trabalhos com os voluntários e pesquisadores do Centro e a comunidade está incluída no projeto de educação ambiental. Alguns levantamentos socioeconômicos já foram feitos nessa comunidade²⁷. Possui uma venda, instalada à frente da Fazenda Iracambi, uma igreja e uma escola de ensino fundamental.

²⁷ Esses levantamentos tratam da produção agrícola da comunidade, como, por exemplo, plantio de banana, café e outros. Por serem dados quantitativos específicos de produção agrícola não foram acrescentados nessa dissertação.

O riacho que passa pela comunidade Buracada, e vem das montanhas do Território do Brigadeiro, inunda as terras nas épocas de chuva. A ponte de madeira foi substituída pela prefeitura em 2007, quando a primeira foi levada por uma enxurrada.

Figura 9: Pico da Graminha visto da comunidade Buracada. Foto: Catarina Silveira. Agosto/2006.

O pico da Graminha, apesar de localizada na comunidade de mesmo nome, também é um elemento que se destaca na paisagem da comunidade Buracada. Este pode ser visto de longe na estrada que a percorre e é tido por alguns como um gigante deitado.

Em Buracada os grandes fragmentos florestais, as duas voçorocas²⁸, o pico da Graminha, as escolas rurais e os bolsões de palmito foram os elementos que serviram de indicativo de apropriações e transformações da paisagem dessa comunidade.

²⁸ Voçoroca ou boçoroca é o estágio avançado de erosão no terreno.

4.3 Sujeitos

Alguns indivíduos ocuparam papel nuclear nas redes de interlocutores tecidas no decorrer da pesquisa. Aceitamos que essas relações foram essenciais para o desenrolar da pesquisa de interpretação da paisagem dessas comunidades. A partir das histórias contadas sobre suas mudanças pela paisagem, conhecemos aspectos de sua vida. Acompanhamos a rotina de atividades dessa família como, por exemplo, o uso que fazem dos recursos naturais, e que são representativos das rotinas que acontecem em todas as comunidades estudadas.

Assim como ocorreu a Mintz (1989), não fui eu apenas quem os escolhi, mas também o contrário. As histórias, que há muito são contadas de pais para filhos e de avós para netos, sobre as apropriações da paisagem já estavam lá há muito tempo, só não haviam sido contadas a alguém de fora, a um ‘outsider’, que as transformaria em estudo²⁹.

Durante as investigações feitas nessas comunidades rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, devido à opção metodológica feita, pudemos acompanhar com maior proximidade a vida dessa família em particular. Descrevemos³⁰ as mudanças dessa família na paisagem estudada e que proporcionaram, durante esse estudo, o conhecimento das práticas que transformam a paisagem dessas comunidades rurais.

A família em questão é composta por 5 membros, o pai Joel Ferreira Costa (35), a mãe Maria Inês de Laia Costa (36) e os gêmeos Rafael e Rafaela (10) e o filho mais novo Patrick (5)³¹.

Inês nasceu em Pedra Alta e morou com os pais até o seu casamento com Joel, nascido na

²⁹ Em um momento da pesquisa houve conflitos gerados pela presença da pesquisadora na casa da família. Não entre a pesquisadora e a família nuclear, mas com outras pessoas da comunidade. Nessa situação ter sido aceita pela família nuclear de Inês e Joel facilitou a resolução dos conflitos, pois os mesmos esclareciam as dúvidas surgidas sobre a pesquisadora aos demais comunitários.

³⁰ Usamos aqui o termo descrever não no tom analítico advindo das ciências naturais que procura classificar e separar em compartimentos, conjuntos e chaves. O que aqui se pretende executar é o que os antropólogos chamaram de “descrição densa” (Geertz, 1997), o que possibilita ao leitor separar o que é descrição do que é a interpretação do autor.

³¹ A pesquisadora conheceu este núcleo familiar em 2003 durante trabalho na região. Empregados da fazenda, Iracambi, Inês lavava roupa e cozinhava para os pesquisadores enquanto Joel era funcionário do curral. A árvore da família de Inês e Joel pode ser vista no Apêndice D.

comunidade Lambari, município de Miradouro³². A família residiu em uma casa em Pedra Alta até mudarem-se com os gêmeos, Rafael e Rafaela, então recém-nascidos, para Buracada, comunidade na qual Joel conseguiu um emprego.

Na primeira visita de campo, em 2005, a família comentou que tinha planos para a construção de uma casa no terreno que já haviam comprado na comunidade Pedra Alta, de um comunitário que reside na mesma. A compra do terreno em Pedra Alta foi motivada pela presença de outros familiares de Inês no local. Em 2006, durante a segunda visita de campo, a casa de Pedra Alta já estava construída. O irmão Maurinei e Simone, sua esposa, moravam e cuidavam do terreno e da nova casa.

Com o fim do contrato de trabalho de Joel em Buracada, a família mudou-se para a comunidade Santa Catarina na casa dos avós de Inês, Dijanira Inês da Silva e José Alexandre da Silva, que são também seus padrinhos de batismo. A intenção era ajudá-los a tocar a propriedade e, ao mesmo tempo, poder cuidar dos avós. Contudo, questões familiares³³ envolvendo partilha de bens levaram Inês a optar por mudar-se para Pedra Alta, em novembro de 2006.

Durante a terceira ida a campo, em 2007, a família comentou sobre o desejo de voltar a trabalhar em Buracada, das dificuldades em viver e manter a família com a produção que tinham na propriedade. As fontes de renda³⁴ do núcleo familiar eram a venda da produção de leite, o benefício do bolsa-família e os trabalhos assalariados temporários para Inês e Joel na lavoura de café.

Pudemos acompanhar o dia-a-dia dessa família. O almoço para os que trabalham na roça é entre 10 e 10:30 da manhã. Quando o trabalho é em lavoura ou roça mais longe, os homens

³² O município de Miradouro faz divisa com o de Muriaé como pode ser visto na Figura 2.

³³ Algumas questões familiares foram consideradas de caráter confidencial.

³⁴ No período que moravam em Buracada, a venda de mantimentos gerava aproximadamente 25 por mês. O bolsa-família representava R\$ 45,00 reais e a venda de leitão, R\$ 5,50 quilo/leitão. Com a baixa na carteira de trabalho de Joel, o bolsa-família passou para R\$ 90,00 reais. Em Pedra Alta vendem leite para indústria, a R\$ 0,54 centavos/litro.

levam uma “marmita”³⁵. Do contrário, as esposas levam a refeição a eles. Para quem permanece na casa, o almoço é servido aproximadamente às 11h e o jantar entre 18-19h. Os itens mais comuns na alimentação são arroz, feijão e batatinha. Os considerados por eles de “luxo”, por serem mais caros, são servidos com menos frequência, geralmente quando acontece a visita de algum parente que vive em outra comunidade. Estes itens são legumes, carne de boi, galinha ou porco e torresmo. A escolha do cardápio tem relação com o trabalho que será executado na lavoura ou na roça, pois se for de grande exigência para o físico será, então, servida a carne.

Os gêmeos, quando residiam em Buracada, freqüentavam a escola de Rosário da Limeira e, assim, tomavam um copo de café com leite para depois almoçarem às 11h e irem à escola com o ônibus municipal. Com a mudança da família para a comunidade Pedra Alta, passaram a freqüentar a escola rural de Bela Vista, no período da manhã, das 7:00 as 11:30h, onde recebem uma merenda.

Em Pedra Alta, à época da pesquisa, plantavam café em parceria com o pai de Inês, Oswaldo. Depois da colheita, 30% do obtido era do pai. A maioria dos irmãos de Inês, que moram próximo ao pai, usa seu terreno em parceria. O pai já não precisa trabalhar tanto, pois consegue viver com esse dinheiro e mais a venda de café e feijão que planta.

A maior parte das propriedades possui mais do que uma casa dentro de seu perímetro. É comum que os filhos permaneçam na propriedade dos pais mesmo após constituírem família. Uma nova casa é construída para a nova unidade familiar que se forma. A lavoura de café, assim como as demais culturas, que necessitam da terra cultivável, são estabelecidas em parceria com o pai que cede a terra em sistema de meação³⁶. A responsabilidade pela manutenção das culturas restringe-se aos membros de cada unidade doméstica.

³⁵ Utilizamos a palavra marmita para ilustrar o prato de comida, que geralmente é envolvido com um pano, ou a panela onde os comunitários levam a refeição.

³⁶ No sistema de meia cada participante recebe paga por metade dos custos de produção e depois recebe meia da produção. No entanto, existem modelações na meia. Por exemplo, quando um é dono da terra pode chegar a ficar

Com exceções pontuais, toda propriedade conta com lavoura de café e terreno para beneficiamento do café, gado leiteiro, pasto para o gado, horta, plantação de capim para alimentar o gado.

Também se encontram culturas de milho, feijão e arroz. As famílias produzem em sistema de subsistência e estocam a produção em tulhas. Famílias que contam com mais hectares de terras cultiváveis geralmente vendem o excedente da produção para outras famílias na própria comunidade e comunidades vizinhas. Parte da produção também fica disponível nas vendas de cada comunidade.

A produção de leite provê ao núcleo familiar uma renda mensal, enquanto o plantio de café os beneficia com uma renda anual da qual parte é direcionada a benfeitorias na propriedade, como, por exemplo, para compra de máquinas agrícolas de pequeno porte como a picadeira, ou a compra de adubo e novas sementes. A outra porção do dinheiro, advinda da venda do café, é destinada a compra de mantimentos para o núcleo familiar. Algumas propriedades rurais contam com a renda financeira do plantio de eucalipto e frutas como: laranja, maracujá e bananas. No entanto, estes produtos têm menos destaque na economia desses núcleos familiares, com baixa produção ou comercialização.³⁷

Dos recursos naturais que as famílias mais se utilizam podemos listar a madeira, usada como lenha para manter o forno acesso durante o dia e a água que puxam das minas presentes nos terrenos, e que quando não têm utilizam a do terreno do vizinho. Para alimentação, as famílias geralmente possuem uma horta com legumes e vegetais, além de porco e gado.

O forno à lenha é mantido acesso quando se tem gente em casa e é em torno deste que sentam para conversar, enquanto se prepara uma comida, se passa um café e até para esquentar nos dias mais frios.

com 60% e o que meia 40%. Em outros casos, o dono da terra cobre os custos, entrega a terra arada e adubada e ainda recebe 50% da produção, o restante para o agricultor. De acordo com nossas observações, o combinado entre as partes varia conforme o nível de relação familiar.

³⁷ Informação fornecida por Edson Curi, da EMATER, em Rosário da Limeira, em 2006. Entrevista com o mesmo disponível no Anexo.

Nas paredes internas do fogão à lenha passam os canos de água que descem da caixa d'água para então seguirem com água quente para o chuveiro. O chuveiro elétrico, quando existe, não é utilizado a não ser que falte lenha. Os últimos a tomar banho às vezes sofrem a consequência. Outro modo de aquecer a água é a instalação da caixa d'água no topo da casa, por sobre a saída da fumaça quente do forno a lenha que chamam de “esquentar no bafo”.

Para manter esse forno aceso é necessária grande quantidade de lenha. A madeira pode vir de diversas fontes: troncos dos pés de café que depois de um tempo são cortados e transformados em lenha, comprado no caminhão, árvores que caem ou arvoredos que crescem nos pastos.

O preparo da alimentação é função das mulheres. Aos meninos cabe ajudar o pai no cultivo ou no pasto, e às meninas, ajudar a mãe com o lavar a louça e o preparo dos alimentos. A cozinha é um local de socialização, onde as mulheres e crianças se reúnem durante o dia e nos dias de chuva pudemos presenciar as brincadeiras das crianças e as conversas das mulheres. É em volta do forno também que os homens, quando chegam em casa, permanecem para compartilhar os assuntos do dia até o momento de se alimentar.

A Paisagem Interpretada

“(...) O senhor....Mire e veja que o mais importante e bonito do mundo é isto, que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam – verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isto me alegra, montão.”

Guimarães Rosa

5. A Paisagem Interpretada

Nesse capítulo apresentamos as práticas culturais presentes em Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta, e como estas se inter-relacionam e transformam a paisagem dessas comunidades rurais. As informações foram obtidas através das observações e percursos em campo, entrevistas¹ com comunitários e com funcionários da EMATER-MG e de Iracambi, feitas durante o período de 2005 a 2007.

Alguns dos elementos identificados nessas comunidades foram: igrejas, escolas rurais, presença de fragmentos florestais de maior extensão, casa antiga em Pedra Alta, engenhos de açúcar e tulhas, galpão de café em Pedra Alta, as diferentes alternativas para plantio de café, fragmentos florestais em regeneração, “bolsões” de palmito e as formações de montanha do Pico da Graminha e do Itajuru.

Foi a partir da identificação desses elementos nas paisagens dessas comunidades e das investigações que procedemos sobre os mesmos, que pudemos reunir conhecimento sobre um conjunto de práticas locais que consideramos determinantes na transformação da paisagem. Entre as práticas culturais de transformação da paisagem apresentamos a mudança na alimentação, a produção do café, mobilidade dos comunitários, fragmentos florestais, partilha da terra, uso de recursos naturais, abertura das estradas e diminuição da população.

Pudemos identificar nas expressões lingüísticas usadas pelos comunitários dois grupos, que também determinam períodos e costumes diferentes. No “tempo dos antigos”, “coisa dos antigos” ou “de primeira” são comumente usadas quando pelos comunitários, idosos ou não, para contar dos costumes que ainda perduram em pequena parcela da comunidade ou já não ocorrem mais.

¹ As transcrições das entrevistas dos comunitários que deram consentimento para gravar estão disponível no Apêndice B. Quando a gravação não foi possível procedemos conforme descrito no capítulo anterior, com anotações posteriores. Dos trechos das transcrições utilizadas para compor o texto da *Paisagem Interpretada* são corrigidos os erros de português dos sujeitos e retirados os vícios de linguagem (MEIHY, 2005).

Um dos fatores determinantes na transformação da paisagem dessas comunidades foi a queda do índice demográfico da população. A população dessas comunidades rurais sofreu diminuição e, como foi apontado pelos comunitários, levou a alterações de algumas práticas nas comunidades, como o mutirão e as celebrações.

“Aqui na Serra , como que tinha gente. Como que tinha morador , eu ainda lembro, né? Morreram tudo, muitos mudaram. Acabaram, acabou mesmo. Tem muito pouca gente. Mudou tudo. De primeira o pessoal, sabe? Qualquer coisinha o pessoal já fazia uma festinha. Na ‘panha’ de café, qualquer coisa. Agora acabou. Festa agora na roça acabou. De vez em quando ainda tem um casamentinho lá, bolinho, almoçinho” (Adelino Ferreira de Laia, 78 anos).

A queda da disponibilidade de mão-de-obra e da prática de mutirão têm relação, segundo os moradores, pois sem muitos trabalhadores disponíveis é difícil que estes aceitem participar dos mutirões; e com isso a prática foi desaparecendo. À época da pesquisa, essa forma de ajuda mútua acontecia em menor escala, quando um comunitário ajudava com a roça ou lavoura de outro comunitário e depois o trabalho era retribuído da mesma forma, quando o outro pedisse ajuda.

Foi a casa antiga, que ainda mantém paredes barreadas e ripação de palmito, as telhas e os bolsões de palmito, os elementos que nos auxiliaram a reunir informações sobre os usos de recursos naturais pelas comunidades e a entender as transformações dos usos atuais, comparado com os usos do “tempo dos antigos”,

“Antigamente não usava ir pro hospital. Eu conheço coisas que meus filhos não conhecem. Antigamente não tinha luz elétrica, era lamparina de querosene. Meus filhos nem sabem o que é isso. Nem sabem. Nem conhecem. Igual, meu pai tinha engenho de moer cana. Meus filhos conhecem porque viram, mas não sabem” (Inês de Laia Costa, 36 anos).

Pela idade da comunitária, podemos ver como o modo de vida nessas comunidades está em constante transformação. As mulheres, há 30 anos atrás, tinham filhos em suas casas com o auxílio de parteiras, e agora utilizam o hospital em Muriaé ou Rosário da Limeira. Esses fatos nos remetem ao aumento da mobilidade trazido pela abertura das estradas de terra nas comunidades. Além disso, o aumento da renda possibilitou a aquisição de charretes.

“É a mesma que tá aí. Os meninos eram todos grandes. Os outros mais velhos já estavam tudo grande, só tinha animal mesmo. Nós andávamos era a pé” (Sebastiana, moradora de Buracada, comentando sobre a sua primeira charrete).

Em todas as casas das comunidades há acesso à energia elétrica da prefeitura, mas em algumas casas ainda se usa a lamparina de querosene, porém menos.

Nas três comunidades é possível ainda encontrar engenhos de açúcar, mas a maioria é usada apenas pelos “antigos”. Foram estes comunitários que nos revelaram uma história que a paisagem, que atualmente vemos nos bairros, oculta. Os engenhos de cana, hoje abandonados ou raramente usados, perderam espaço para o açúcar refinado que os jovens

Figura 10: Engenho de cana usado como local para guardar utensílios usados na roça. Foto: Catarina Silveira. Maio/2007.

compram nos centros comerciais das cidades mais próximas².

“Fica mais caro, né? E dá mais serviço mesmo. Mas eu não esquento a cabeça com isso não. Quando é pra moer, eu não importo com isso não. Eu corto a cana, puxo para cá. Porque na roça tem que ter esse tipo de coisa. Como se diz, isso aí é do tempo dos antigos. Eu ainda gosto de mexer. Lá em casa meu pai mexia muito com essas coisas, sabe? Moía muita cana,

² Segundo Jambeiro (1973), o Estado de Minas Gerais possuía a maior concentração de rapadura no Brasil no ano de 1943, e em 1947 dividia essa posição com Ceará. Em 1960, o Estado da Bahia também entrou nessa lista. Esta lista abrange apenas os engenhos de rapadura registrados no Instituto de Açúcar e Alcool (IAA), assim outros pequenos engenhos sem cadastro deveriam existir.

fazia muita rapadura, melado pros filhos. Não comprava açúcar não. Hoje que todo mundo compra açúcar. Vai lá em Belizário e compra. O povo da roça tudo. Sabe quantas pessoas hoje querem moer cana? Ah boba, aqui arroz a gente ainda compra, pra despesa, mas feijão quase não compra, capado quase não compra. Por acaso têm horas que a gente tem que comprar. Às vezes falta um capado. Aí as pessoas às vezes compram mas praticamente. Sei lá, esse negócio de óleo, não me ajeito com esse negócio não. Gordura de porco, falam que faz mal. Pode fazer para algumas pessoas. Mas não é para todos. Eu acho que não. Eu nunca fiquei mal. Também não frito com óleo não. Não gosto de óleo de jeito nenhum. Eu gosto assim, faz um capadinho, depois arranja outro. É mais forte. Para quem trabalha na roça não tem que comer óleo não. Então é muito difícil. Eu gosto de mexer com porco. Agora tem gente que não pode comer gordura! Porque faz mal, né? Mas antigamente não fazia mal para ninguém não. Todo mundo vivia ai seus setenta anos, oitenta, noventa anos. Comendo carne de porco, gordura de porco. Não tinha nada a ver. Hoje o povo não ta agüentando nada, né? (risos)” (Adelino Ferreira de Laia).

Além da mudança na espécie de café e de arroz, os comunitários passam a consumir óleo da cidade, ao invés do de porco. Essas mudanças na alimentação e no padrão de consumo trazem um aumento da produção de lixo, como as latas de óleo, os sacos plásticos dos mantimentos. Toda família tem um fogão à gás de botijão. No entanto, em quase nenhum momento, as vimos utilizá-lo. As mulheres afirmaram diversas vezes que preferem utilizar o forno à lenha. Em algumas casas usavam o botijão para sentar, apoiar outros materiais e, em um caso, não sabiam nem se continha gás ou não.

Como apontam os moradores com idade acima de 65 anos, essa diminuição da população pode levar à redução de uso de recursos naturais existentes nessas comunidades. Uma queda da pressão antrópica existente, porque há menos demanda de lenha. No entanto, uma das dificuldades dos comunitários, à época da pesquisa, é a falta desse recurso. A lenha foi

apontada, pelos comunitários, como um dos benefícios que a presença de um fragmento florestal dentro, ou próximo à propriedade, traz à comunidade. Na comunidade Pedra Alta foi identificada a prática de comprar carregamento de lenha ao ano. Como não há dados específicos das comunidades estudadas sobre a diminuição da área de cobertura florestal foi através das conversas com os comunitários que obtivemos a informação que esses fragmentos eram maiores.

A construção das casas também mudou, a falta de mão-de-obra para constituir o mutirão, a facilidade de adquirir material para a construção das casas nas cidades próximas e a resistência atribuída a essas paredes levaram à mudança no padrão de construção das casas.

“Todo mundo usa agora tijolo e eucalipto. Agora antigamente fazia casa de madeira porque tinha muita madeira. Então serrava aquilo, nós tínhamos uma casa lá em cima. Era ipê, era cabiúna. Todo tipo de madeira tinha. Então o pessoal fazia a casa assim mas toda de madeira porque não precisava ficar cortando eucalipto, não tinha tijolo também (risos). Fazia a casinha de madeira, então durava, madeira boa mas hoje acabou. Hoje não existe mais” (Adelino Ferreira de Laia, 78 anos).

Em relação ao uso do palmito para a construção das paredes, pudemos perceber a mudança claramente. Esta espécie era usada para construção da ripa das paredes, que possuía longa duração. Identificamos algumas casas onde as paredes foram barreadas por cima de ripas de palmito, e também telhados construídos com o mesmo.

“De primeira cortava. É bom pra ripa para casa é muito bom. Hoje quase não existe mais nada. Ficou muito difícil. Palmito é uma coisa bem difícil pra gente mexer com ele. Hoje usa é o eucalipto serrado para fazer a ripação da casa” (dono da casa antiga).

Em diversas áreas geográficas do Brasil, o corte e a venda ilegal do palmito acontece e temos inúmeras comunidades que vivem da comercialização desse produto. Contudo, nas comunidades investigadas não foi constatado nem o comércio, nem a presença de

atravessadores. As inúmeras áreas onde o palmito cresce são um forte indício do fato. O palmito é encontrado em abundância nessas comunidades. Não existe, ao menos que tenha chegado ao nosso conhecimento, comercialização de palmito na área.

É também possível encontrar bolsões de palmitos nos fragmentos, tanto próximo como afastados das estradas. Os moradores, ao serem questionados sobre o uso atual, mostraram ter conhecimento da ilegalidade do uso do palmito e afirmaram não utilizá-lo.

Uma transformação que tem relação direta com a queda demográfica e altera a fisionomia da paisagem é a diminuição no número de casas existentes nas comunidades, como foi apontado pelos comunitários.

A presença de voçorocas é um elemento que está relacionado às práticas de uso de recurso e do solo. Esse estágio avançado de erosão é um indicativo do estado que os pastos dessas comunidades se encontram. Uma vez que acontecem erosões grandes, como as voçorocas, é necessário um processo de recuperação do terreno que inclui cercar o terreno para evitar novos desmoronamentos e plantar árvores ao redor da erosão.

Figura 11: Voçoroca presente em um pasto da comunidade Buracada. Foto: Catarina Silveira. Junho/2005.

Declínio do café, mudança no padrão de construção das casas, abertura de estradas e a diminuição populacional das comunidades tornaram o mutirão menos freqüente entre os comunitários. Essas práticas, onde o proprietário que necessitava de ajuda chamava os “companheiros”³ para auxiliá-lo na colheita do café ou na roçagem de um terreiro, era seguido de uma grande refeição e bebidas, essas festas eram conhecidas e eram de

³ Companheiro é a palavra empregada pelos comunitários para designar os que irão ajudar nos trabalhos na roça.

responsabilidade do dono do terreno, onde a benfeitoria estivesse sendo feita. As festas aconteciam freqüentemente e eram uma forma de celebrar o fim de uma de colheita.

“Passei uns 50 anos de casado, uai. Quando eu casei de pouco que eu vim de lá pra cá na Serra e eles faziam mutirão. Fazia mutirão pra capinar. Plantava e fazia mutirão” (Priscila Maria de Araújo, 74 anos).

Os mutirões, comuns há 20 anos atrás, hoje dão lugar ao trabalho assalariado que gira em torno de pagamentos de R\$ 10,00 a R\$17,00 reais ao dia, dependendo da localidade, da idade e do gênero do trabalhador. Para os comunitários que não têm lavoura esse é uma das poucas formas de obtenção de renda. Vale acrescentar que o trabalho de colheita do café é uma forma temporária de trabalho.

Atualmente apesar de existir essa troca de favores, o mutirão já não é tão freqüente. Os proprietários, que podem, pagam os companheiros para fazerem o trabalho por dia, na propriedade.

“Fazia muito mutirão de primeiro. De primeiro, eu fui em muito mutirão aqui na roça que o pessoal fazia. O dono do mutirão chamava. Aí o pessoal sempre tinha uma roça pra capinar. Um pasto às vezes para bater. Sempre chamava o pessoal. Eu vou fazer um mutirão lá em casa queria que você me desse uma mão, e tal. Você pode ir? Um falava não. Outro falava já dá pra ir. E junta gente, hein? Juntava gente Hoje acabou. Ninguém faz mais mutirão. Mudou muita coisa. Mas conforme eu estou dizendo, por causa do povo, né? O povo acabou. Muitos foram embora, muitos morreram. Ficou difícil mexer com essas coisas (Adelino Ferreira de Laia, 78 anos).

Além do mutirão, outro exemplo de ajuda mútua entre os comunitários é a redistribuição de recursos, por exemplo, quando acontece um excedente de produção de alimentos. A família que o produz e já tem uma certa reserva oferece a outra. Uma tarde, na volta para casa, fomos

colher mexerica em uma propriedade vizinha após ter acompanhado uma entrega de leitões em

Figura 12: Família nuclear colhendo mexerica no terreno de um vizinho. Foto: Catarina Silveira. Agosto/2006.

uma comunidade. A ajuda mútua pode ser vista nessas trocas entre os comunitários com o excedente da produção.

Outra prática comum é a de uso da água das minas de propriedades vizinhas quando a propriedade não tem mina própria. O que demonstra que, apesar de muitas práticas de ajuda mútua serem menos freqüentes, elas ainda acontecem.

Existe também uma relação entre a prática do mutirão e o corte de árvores, uma vez que passam a usar eucalipto ou outras espécies menos resistentes pois as espécies mais resistentes, de acordo com os comunitários, como o ipê (*Tabebuia*) e a cabiúna (*Dalbergia nigra*), já foram esgotadas.

A abertura de estradas de terra há aproximadamente 20 anos trouxe grandes transformações a essas comunidades.

“A estrada era ruim. Era difícil para chegar na Limeira, era muito barro, agora graças a Deus a estrada é tudo boa” (Sebastião, comunitário de Buracada, 81 anos).

“De primeiro? Vixi. Aqui era triste. Nem charrete passava. Eu lembro que nem charrete passava. Hoje não, tem condições de ir pra baixo, pra riba. Ônibus que puxa aluno de escola todo dia. Vem de Belizário passa por aqui a fora, dá a volta. De primeiro não tinha nada disso, era cavalo. Dificuldade. Nessa parte melhorou muito, não tinha ponte. Sei lá, nossa

Deus, eu lembro, era tão difícil de primeiro. Agora hoje não, pra muitas coisas tá muito fácil. Mas tem que ser assim mesmo, né?”(Adelino Ferreira de Laia, morador de Pedra Alta, 78 anos).

A abertura das estradas facilitou o trânsito entre os comunitários e as cidades próximas, com isso passam a adquirir produtos na cidade que antes eram produzidos por eles próprios em suas propriedades, como a rapadura e o melaço. À época da pesquisa, a maioria possuía charretes e não carro. Uma alternativa de transporte é o ônibus escolar municipal que passa para buscar as crianças e levá-las de volta para a comunidade duas vezes ao dia.

“De uns 10-15 anos atrás para cá, que começou a movimentar mais as estradas. Mas não tinha movimento nenhum. Quem tinha um leite para tirar, tinha que levar para Belizário. Na charrete, na carroça. Eu lembro que meu avô levou muitos anos em Belizário. Tirava o leite em casa e levava em Belizário. Hoje não tem mais isso, hoje o caminhão passa perto. E tem os tanques também, toda comunidade tem um tanque. Aí o caminhão vem e recolhe o leite. (...) Hoje quase todo mundo tem. Uma charrete com arreamento e tudo, é caro. Antes usava do meu pai. Todo mundo tem charrete hoje. A maioria não tem carro.” (Inês de Laia Costa).

A passagem do caminhão de leite pelas comunidades trás a possibilidade de aumentar a renda através da venda do produto. Todas as comunidades possuem um tanque de acondicionamento do leite. Os comunitários depositam o leite pela manhã e com quantos litros contribuíram. O pagamento é feito a um responsável pelo tanque, que depois repassa o valor devido a cada comunitário.

Com a existência do ônibus municipal aumenta a mobilidade e cria a possibilidade do trânsito dos professores e dos alunos. Abrindo a possibilidade das crianças morarem nas comunidades e freqüentarem as escolas de Ensino Fundamental e Médio, nas cidades de Belizário ou Rosário da Limeira. Outro fator de transformação trazido é que as crianças passam a ter

contato com as cidades, coisa que outrora acontecia apenas nos momentos de compra de roupas, visita ao médico.

“Eu ia a Limeira às vezes. A cada cinco anos, uma vez. Porque Limeira sempre teve mais facilidade para comprar roupa ou essas coisas. A gente ia para comprar uma roupa melhor. Às vezes, a maior parte, ia em Belizário mesmo. Se não encontrava lá, vinha em Limeira. Vinha a pé. Lá da fazenda Itajuru. Gastava de 3 a 4 horas. O sol quente... Saía bem cedinho e voltava. Ia chegar em casa duas horas da tarde (Maria Inês de Laia Costa)”.

A abertura de estradas facilitou o acesso entre as comunidades e as cidades, o que nos levaria a pensar que há também maior mobilidade entre comunidades. No entanto, não é isso que ocorre. Talvez a diminuição da população, a inconstância de práticas como o mutirão e as festas que lhes seguem, podem ter diminuído essa coesão entre comunitários.

No contexto da mobilidade dos comunitários podemos relacionar três motivos: mudança de comunidade por ter conseguido emprego fixo⁴, a maioria tem empregos temporários com a colheita de café; casamento quando um dos noivos muda-se para a casa construída para eles no perímetro da propriedade dos pais ou mudança para cidade na área urbana.

Outro elemento identificado é a presença de grandes fragmentos florestais em algumas propriedades e suas localizações. Muitas vezes os pastos foram abandonados por falta de gado ou de dinheiro para plantar novos pés de café. Com a regeneração natural, crescem novas árvores ou arvoredos. Assim, em alguns casos, os donos dos pastos, onde o processo de regeneração ocorre, não conseguem obter autorização para corte. Este fato ocorre em propriedades em todas as comunidades estudadas.

Em outros casos, é a própria formação de relevo da comunidade que cria impedimentos para o uso de partes do terreno, evitando que os proprietários cortem os fragmentos. Seja devido à inclinação ou à presença de formação rochosa, seja por estarem localizados em vales. Além

⁴ Como foi o caso narrado sobre as mudanças da família nuclear de Joel e Inês, no capítulo *A Paisagem*.

do abandono dos pastos, levando à formação de fragmentos, e a questão do relevo, a permanência dos fragmentos é associada a manter a água das minas que existem nas comunidades.

Outro elemento identificado nas comunidades é o pico do Itajuru e da Graminha. Conversas sobre o do Itajuru com os comunitários nos facilitaram compreender como o uso de recursos mudou, pois as áreas de conservação não podem mais ser utilizadas como fonte de recursos naturais pelos comunitários. A mudança no uso não ocorre devido a práticas culturais da comunidade, e sim impostas por leis. No entanto, não deixam de transformar a paisagem local, uma vez que não podem mais utilizar a floresta e recursos dessas áreas. Outra mudança é o uso dos picos como forma de lazer pelos mais jovens.

Nesse trecho da entrevista de Inês, 36 anos, podemos ver como o café, que teve grande produção apresenta um declínio quando a maioria das antigas plantações foi transformada em pasto para gado. De aproximadamente 20- 25 anos é que o plantio vem sendo retomado.

“Mas nem no meu tempo existia café. O pessoal começou a plantar café nessa região de vinte anos para cá. Por isso que as pessoas antigamente sofriam muito porque comiam mal , como meu vô te falou, as dificuldades que tinha param trabalhar, para sobreviver. Não exista lavoura, nada. Era só pasto. E a pessoa tinha que trabalhar no cabo da enxada, no cabo de uma foice para comer. Tem mês que chove inteiro e como vai trabalhar na época de chuva? Aí não ganha nada. É difícil, por isso que hoje a coisa já melhorou muito, muitos têm carro, charrete, telefone em casa, melhorou 80 % da época que eu me entendo por gente até hoje. Em lavoura, quase todo mundo entrega um leitinho que é um dinheirinho extra que recebe todo mesmo” (Maria Inês de Laia Costa).

Assim como para James Willians (1958 apud:TUAN,1980), as clareiras não revelavam nada a não ser desolação, a antiga construção em uma propriedade em Pedra Alta não me traduzia nada. Foi através das conversas com os comunitários que conheci que a propriedade era uma

grande fazenda de produção de café e a construção um antigo galpão de beneficiamento de café, e que também apontamos como elemento. Hoje abandonada, à construção foram atribuídas histórias de fantasmas pelas crianças da comunidade.

“Desde quando você apontava naquele morro onde você vê Limeira era café. Aquilo tudo era café. Mas só Limeira, o resto você não via lavoura em lugar nenhum Hoje você vê muito. Não existia no resto, bem pouquinho. Não sei se era o solo que era pior ou se hoje as pessoas sabem cuidar melhor. Por que as pessoas plantavam e não colhiam nem para despesas. Não sei porque. Plantava mas dava um pouquinho. Não era igual hoje que se planta em um pedacinho pequenininho e colhe muito. Muito mantimento” (Maria Inês de Laia Costa).

A maior parte das lavouras de café encontra-se nas encostas dos morros. No alto dos morros nota-se a permanência de fragmentos florestais. Os fragmentos localizados nas áreas de proteção permanente não deixam de “encolher” ano após ano, mesmo após a instituição da lei ambiental que os protege. Durante a estadia e trabalhos de campo na comunidade, os comunitários citam repetidamente a “Florestal”⁵ como o “ponto de referência” da proibição. Usando termos como “reserva” e “embargo da Florestal” para designar as áreas determinadas à regeneração ou à conservação de floresta, os 20% necessários a cada propriedade.

No trecho em que um comunitário nos explica o processo de plantio, safra e colheita do café é possível perceber que as técnicas de cultivo são passadas de pais para filhos, o que leva à permanência de um modo de usar os recursos⁶:

“Segundo o ponto de vista que a gente tem, é o seguinte esse ritmo de produtor, né? Aprende desde criança porque meu pai é produtor. E a gente vem remando contra a maré. Aprendendo um pouco a cada dia” (Joel de Oliveira Costa).

Identificamos também as adaptações para a plantação de café. Uma dessas é a plantação meio do fragmento florestal localizado na encosta da propriedade. Esse tipo de apropriação era

⁵ Esse é o termo utilizado pelos comunitários para tratar do Instituto Estadual Florestal (IEF).

⁶ Vale dizer que quando gravamos essa entrevista com Joel, seu filho, então com 9 anos, estava presente e complementava as informações sobre o cultivo narradas pelo pai. Entrevista disponível no Apêndice B.

comumente utilizado, quando a plantação era feita no meio do “mato”, mantendo o mato ao redor. A alternativa é utilizar uma área do pasto para plantar café. Uma das transformações que ocorre devido ao plantio do café é que, ano após ano em certas propriedades, a área de plantio de café vem aumentando, enquanto o fragmento de floresta diminui. Pode ser interpretada como uma adaptação para manter o fragmento florestal no terreno e utilizar os benefícios citados, como a proteção das minas d’água e acesso a lenha, que a presença dos fragmentos proporciona.

Figura 13: Diferentes adaptações de plantio de café. Fotos: Catarina Silveira. Julho/2006.

A tentativa de inserção de produção de maracujá ou de tilápia, idéia trazida pela EMATER-MG, para essas comunidades ainda não é bem aceita. Apesar de alguns proprietários em Buracada haver tentado a escala comercial, a maioria dos agricultores evita mudanças. O orçamento anual das famílias é advindo da venda do café produzido e, assim, a possibilidade de uma nova cultura é associada pelos comunitários a risco. Pudemos identificar o plantio do café com milho, mamoeiro e banana, mas geralmente em uma pequena porção do terreno. Grande parte dos sitiantes utiliza herbicidas e insumos agrícolas nas lavouras como adaptação para produzir junto com o café, produtos agrícolas utilizados na alimentação do núcleo familiar.

Através da identificação da presença de fragmentos florestais de maior extensão e da presença de terrenos onde a regeneração natural estava em andamento, chegamos a outra prática de transformação da paisagem, a partilha da terra. Estudamos as práticas sobre a questão partilha

de terras, ou seja, a partilha por herança das propriedades das comunidades estudadas. Esse processo de “passagem”, o herdar uma porção de terra, segue regras internas das comunidades. A partilha para os filhos pode ser efetuada, de acordo com a escolha do proprietário, de duas maneiras: através de doação em vida ou partilha após sua morte. Foi observado um caso em que o pai fez a partilha para um filho em vida e, aos outros, a partilha foi feita apenas após seu falecimento.

A partilha de terra no “tempo dos antigos” seguia uma série de regras, e que pelo que pudemos acompanhar, mantidas ainda hoje. As terras são divididas em partes iguais entre todos os filhos, não importando o gênero. As terras próximas à sede da propriedade, e a sede, são herdadas pelo filho mais novo, que fica assim protegido no caso de perder os pais muito cedo.

As terras são designadas conforme a proximidade da moradia do filho à propriedade do pai, ou seja, filhos que moram na mesma comunidade têm direitos a porções mais próximas à sede. Em geral é nessa área do terreno onde estão as lavouras de café e o pasto. Filhos que moram em outra comunidade, mais afastadas, herdam pedaços de terras também afastados da sede, que por sua vez são geralmente floresta “fechada” ou capoeira⁷.

Em caso onde um dos herdeiros morava em Muriaé e não tinha intenção de voltar a morar na comunidade, havia duas alternativas: vender o terreno (para um irmão que quisesse aumentar sua propriedade, ou outro interessado na terra) ou “manter o terreno como está”. Em outro caso, um terreno foi dividido entre três herdeiros, e é possível ver essa divisão na propriedade pois a parte que coube ao herdeiro que mora fora da comunidade está em processo de regeneração.

Esse “manter o terreno como está” acaba por proporcionar reconstituição da floresta. Esse reconstituir beneficia a conservação dos fragmentos, porque mesmo que um pequeno pasto

⁷ Utilizam o termo capoeira para designar áreas em estágio inicial de regeneração florestal.

tenha sido herdado, pode tornar-se capoeira. O processo de regeneração florestal e as restrições das leis ambientais, pois nem é concedida a licença de corte, acabam por impedir que esse processo de regeneração seja interrompido pela corte dos arvoredos e substituição dos mesmos por café ou pasto.

Em um outro caso, o futuro herdeiro, por morar em uma comunidade distante da dos pais, teria direito a um pedaço de terra mais afastado da sede, e que era de floresta secundária “fechada”. Não seria possível usar essa nova propriedade para cultivo. Por condições de saúde do casal, houve a mudança de um dos herdeiros para a propriedade dos pais. A tendência é que filho herde um pedaço mais próximo à sede, e, portanto, sem floresta. O que significa possibilidade de aumento da renda familiar.

Manter a floresta significa menos espaço para lavoura e pasto. E menos espaço para lavoura e pasto significa menos rendimento financeiro familiar. Contudo, a presença de fragmentos florestais em suas propriedades não é vista apenas sob um aspecto negativo, pois existe a associação da importância dessa presença à manutenção das minas d’água e fornecimento de lenha.

Existem casos narrados em que os filhos se unem para que na divisão do terreno seja mantido 20% de floresta exigidos. Assim cada filho tem uma porção de terra cultivável e outra de floresta. No entanto, isso quase nunca é feito. O que ocorre nos casos onde o terreno não possui floresta é que, para legalizar a propriedade, o Instituto Florestal seleciona uma parte do terreno que não pode ser mexida e será destinada à regeneração. Foram observados casos nas três comunidades em que os herdeiros não moram na comunidade e não têm interesse em vender as terras para os irmãos. Em outros casos, a regeneração aconteceu como consequência da falta de recursos financeiros para “mexer no terreno”, seja para pasto ou lavoura. Quando a regeneração acontece os comunitários entendem que não é mais permitido o corte da capoeira para reabertura do pasto.

A existência de escolas rurais também é um elemento. “De primeira” as crianças não freqüentavam a escola, e a maior parte dos comunitários acima de 60 anos não completou o Ensino Fundamental.

“Hoje a pessoa é obrigada a deixar o filho estudar. Forçado até. Hoje a lei é essa” (José Alexandre da Silva).

O mesmo comunitário, nos contou que não podia freqüentar a escola, pois estava localizada a muitos quilômetros de sua residência e não podia perder o dia caminhando, pois precisava ajudar a família na roça. O ensino traz também aos jovens comunitários a possibilidade de aprender desde pequenos conceitos sobre o meio ambiente, a importância das minas d’água e temas com os quais “os antigos” não tinham contato.

“Tem muita gente que ainda não concorda com isso. Os mais antigos, por exemplo, acham que isso é uma bobagem. E eu acho que é uma boa idéia, mas muita gente aqui na roça, os mais antigos. Os mais novos já tá vindo da escola, a educação tá vindo do colégio. Mas os mais velhos não tiveram isso. Igual o Rafael e a Rafaela muitas perguntas que você fizer sobre isso eles já vão poder responder. E os antigos não tiverem. As pessoas mesmo com quem já conversei falaram que se a gente não tirar o mato como é que a gente vai comer? Se deixar tudo virar mato, como que vai plantar? Como que vai colher? É uma coisa que ainda não apóiam muito, mas eu concordo porque do jeito que a coisa mudou de quando eu nasci até agora. Se continuar vai chegar um tempo que não vai ter água” (Inês, sobre a influência da escola na visão sobre conservação).

Distinguimos como principais práticas de transformação da paisagem dessas comunidades rurais a partilha de terra, a diminuição da população rural, a cultura do café, o uso dos recursos, a abertura de estradas, as escolas. Podemos identificar uma inter-relação entre todos as práticas. A diminuição da população diminui o número de companheiros disponíveis para a colheita do café e da execução de mutirão. As estradas facilitam a mobilidade entre as cidades

para a compra de produtos e também afetam a presença dos mutirões e o consumo. A abertura de estradas também facilita a compra de adubos e outros artigos para a colheita do café que ajudam na melhora da qualidade da produção final. A diminuição ou a mobilidade dos comunitários também afeta a partilha de terra. A produção de café também afeta a conservação de fragmentos.

Identificamos que algumas das práticas contribuem para a conservação dos fragmentos florestais como a partilha de terra e a diminuição da população, que por consequência diminui a pressão antrópica sobre os recursos naturais.

Como pudemos compreender, os comunitários têm conhecimento de quais usos são permitidos nas propriedades. Nesse trecho da conversa podemos constatar “*Eles não deixam mais tirar. Não deixam. Pode pedir a florestal, que eles não deixam mesmo. Tem que pedir, tem que tirar licença. E se não tiver licença e passar uma pessoa e (alguém) tiver roçando. Multa a pessoa. É difícil, boba. Agora acabou*” (Dijanira Inês da Silva).

Considerações Finais

"O amor é mestre, mas é preciso saber adquiri-lo, porque se adquire dificilmente, ao preço de um esforço prolongado; é preciso amar, de fato, não por um instante, mas até o fim."

Fiódor Dostoiévski

6. Considerações Finais

O objetivo dessa dissertação foi entender de que modo e quais as práticas culturais locais mais determinantes na transformação da paisagem das comunidades rurais Buracada, Pedra Alta e Santa Catarina da Zona da Mata Mineira.

Natureza e pessoas, elementos construídos e naturais, passado e presente, valores tangíveis e intangíveis e suas interações constituem a paisagem. Por ser uma expressão dos sentidos que seus habitantes atribuem ao local em que vivem, as práticas culturais locais são constituídas de histórias de um passado, não tão longínquo, mas também das histórias atuais, dos momentos presentes dessas comunidades. Uma paisagem é formada de uma teia de relações.

Tendo a paisagem como expressão concreta de seus habitantes, podemos ver a paisagem como impressão, onde por um momento o pesquisador investiga, caminha, observa e partilha das rotinas dos seus habitantes trazendo para esses percursos sua própria cultura e buscando analisar a lógica local expressa na paisagem. Aceitamos que nossas descrições sempre estarão limitadas pelo campo conceitual de quem as escreve, ou seja, cerceada por nossa cultura.

Tomando a paisagem, em uma abordagem cultural, como o elemento central para compreensão das transformações das comunidades rurais estudadas, tornou-se necessário embasarmos a metodologia que permitisse esse estudo e o trabalho de campo. Essas contribuições vieram dos estudos de autores da Antropologia.

Compreender as práticas culturais que transformam a paisagem auxilia a desenvolver projetos que objetivem intervir nessas comunidades. Vejamos um caso estudado nessa dissertação. A inserção de novas culturas como alternativa para a plantação de café é associada a risco pelos comunitários. É importante que um projeto, que tenha como objetivo incorporar novos produtos à

cultura agrícola local, considere e incorpore esta questão no projeto. Além de uma etapa de educação rural a longo prazo, o estabelecimento de um projeto-piloto, cujo desenvolvimento possa ser acompanhado pelos comunitários, poderia diminuir o sentimento de risco. Aliado a essa etapa seria preciso garantir uma solução de curto ou médio prazo; a implementação de um complexo para o beneficiamento do café comunitário aumentaria o valor agregado do café que essas comunidades produzem, aumentando assim a renda. Uma vez que esses núcleos familiares dependem dessa renda e procuram alternativas para aumentar seu rendimento, e sem encontrá-las, acabam por necessitar de mais terra para o cultivo, o que em grande parte significa substituir os fragmentos florestais existentes na área. Uma etapa para revitalização dessa prática poderia ser a assistência à implementação de um projeto de beneficiamento de café.

Para essas comunidades ocorreu uma restrição de acesso aos recursos. Esses comunitários que sempre utilizaram recursos naturais precisam lidar com essa imposição. Não queremos aqui discutir a importância da conservação de fragmentos florestais, o que queremos trazer para a discussão é como aliar a essa às práticas locais, e buscar soluções para a conservação que não se tornem um impedimento para que essas práticas se mantenham. Afinal, proteger a diversidade não se limita à conservação da fauna e da flora, mas também a diversidade cultural.

Existe uma ligação entre esses comunitários e a paisagem que habitam, onde desenvolveram práticas passadas de pais para filhos. Apenas passar rapidamente em uma comunidade, e pedir que seus comunitários cerquem suas minas d'água¹, pagando dinheiro por essa ação não gera uma nova prática na comunidade, apenas um aguardo por novos projetos assistencialistas. No entanto, há necessidade de promover ou garantir a qualidade de vida dessas comunidades, que colaboram com a conservação e, portanto, compensá-los pelos serviços prestados deve ser incentivado e melhor planejado.

¹ Baseado na experiência do comunitário Sr. Jair. Entrevista disponível no Apêndice B.

Muitas dessas famílias manifestam o desejo de permanecer com suas atividades, sua família e seus filhos na terra onde foram criados e onde habitaram seus antepassados. Contudo, como vimos, a degradação e a restrição de acesso aos recursos afetam diretamente algumas de suas práticas culturais, como o uso da água e de madeira.

A relação entre a redução do número de lavouras de café e de fragmentos, bem como a legislação que não permite o corte de madeira, diminui a disponibilidade de lenha a ser utilizada por essas famílias que são, então, diretamente afetadas pela falta de lenha. As mulheres, por estarem mais diretamente ligadas com o uso da lenha são as que mais mencionam essa questão. Que alternativa pode ser dada a essa comunidade que tem essa sua prática afetada? Aqui vemos como uma prática cultural, de utilizar o forno à lenha, seria beneficiada com a proximidade de fragmentos (dentro da propriedade) e de madeira que pudesse ser retirada. Existe a necessidade de troca entre o conhecimento formal (da academia) e o informal (dos comunitários). Esta troca poderia gerar soluções, como a seleção de madeiras que cresçam em abundância, como o pau-jacaré (*Acacia gonoacantha* Mart.), e que pudessem ser retiradas dos fragmentos.

Nossa hipótese de pesquisa é que existem entre as práticas culturais de uma comunidade as que proporcionam a conservação de fragmentos florestais. Quando uma paisagem é estudada e foca-se na transformação que as atividades humanas trazem a esta, podemos pensar que as práticas locais levam à degradação. As práticas de uma comunidade, que mora no entorno de um parque ou que tem em seus limites áreas de proteção ambiental, não são somente uma constante ameaça. É necessário estudá-las.

Através da investigação de campo feita nas comunidades Buracada, Santa Catarina e Pedra Alta da Zona da Mata, analisamos que nem todas as atividades humanas, ou como aqui colocamos, suas práticas culturais, levam à diminuição da cobertura vegetal na área.

A partilha de terras, como explicado anteriormente, é um exemplo do que falamos. Em diversos exemplos na comunidade, a lógica interna da partilha de terra tende a beneficiar a proteção dos fragmentos florestais dessa comunidade. Em uma dada propriedade, que possui um fragmento de floresta, geralmente esse fragmento é mantido após a partilha de terras. Considerando que esse fragmento será dividido entre os filhos para que todos os novos proprietários tenham dentro do seu pedaço de terra uma parte que seja de floresta (os 20 % exigidos pela lei ambiental) e parte produtiva. Assim, na hora da partilha o fragmento é mantido, e as outras partes da propriedade (pasto, lavoura) são divididas entre os filhos. Quando o número de filhos é alto, geralmente não há pasto ou lavoura suficiente para todos e alguns filhos herdarão sua parte total na área do fragmento florestal. Por outro lado, contudo, os herdeiros do fragmento arcarão com fato de não terem herdado terra cultiváveis e, portanto, não terem novas terras que viabilizem, a curto, o aumento da sua renda doméstica.

Um projeto de implementação de corredores florestais, que foi apontado² como uma das possibilidades para os fragmentos, de alta importância biológica poderia trazer para a comunidade benefícios diretos para a renda familiar. Uma vez que a possibilidade de aumentar a área de cobertura de fragmentos florestais facilitaria o acesso à lenha, isso contando que os recursos desse novo fragmento possam ser utilizados.

Outra questão seria levar em consideração, na estruturação de um projeto de implementação de um corredor florestal, as práticas da partilha de terra, que identificamos como um importante determinante na reestruturação espacial dos fragmentos dessas comunidades. Visto que os fragmentos tendem a serem divididos sucessivamente em função de partilhas futuras, organizar meios de incorporar essa prática para que a mesma possa contribuir com a conservação dos

² Conforme apontada em trabalho da Fundação Biodiversitas (2005). O assunto foi abordado no capítulo A *Paisagem*.

fragmentos florestais. Não se pode esperar que essa prática desapareça e nem tampouco que se modifique em prol da conservação desses fragmentos.

Se ao primeiro olhar é difícil delinear os contornos das propriedades, com o tempo torna-se possível discernir as formas e tamanhos de propriedades e fragmentos, as apropriações e usos dos recursos. Os fragmentos florestais das comunidades rurais são propriedades tanto quanto os pastos e lavouras de café, e, quando perguntamos a quem pertence um determinado pedaço de floresta, os donos são determinados “com rapidez”: é de fulano, é do sicrano. Os fragmentos não estão lá indefesos, abandonados, meros “recursos” a serem explorados. Eles têm dono, eles têm nome e principalmente eles têm quem responda por eles. Ou seja, apesar da imposição de não uso, os comunitários demonstram relação de propriedade com os fragmentos.

É importante ressaltar que comunidades rurais, que vivem dentro, ou próximas de áreas de floresta, desenvolvem práticas culturais intrincadas de uso dos recursos naturais que são passadas de uma geração para a outra.

As festas foram importantes para reconhecer os usos de recursos e as diferenças entre o padrão de festas no passado recente e as atuais, e a influência que estas tinham em fortalecer o relacionamento dos comunitários.

Apesar de apontarem os benefícios que a proximidade, ou sua localização dentro da propriedade, de um fragmento florestal traz as famílias, como facilitar acesso à madeira para lenha e proteger as minas d'água, também encontramos em nossa pesquisa momentos que os comunitários demonstram que a presença de florestas próximas traz prejuízos como quando narram sobre animais que matam ou atacam a criação.

Quem cresce em uma comunidade rural sem estradas, vive suas mudanças, como as aberturas das estradas, a possibilidade do uso de charretes e a facilidade para a locomoção, é que pode contar as histórias de transformação. Para o pesquisador fica a possibilidade de ouvir de segunda mão essa

experiência, no dizer de Clifford Geertz. Uma história que passa primeiro pelo filtro cultural do interlocutor e depois pelo próprio filtro do pesquisador.

Com a presença cotidiana na casa da família de Inês de Laia Costa, fomos estabelecendo conhecimentos, de ambos os lados, das histórias de vida pessoal. O risco, assim como Mintz discorre sobre sua relação com Taso, era de que as ligações afetivas entre os sujeitos de pesquisa criassem uma neblina que impedisse a análise posterior dos dados obtidos. Entretanto, salvaguardar essa relação e aprofundá-la foi a nossa opção metodológica. Ser aceito por um núcleo familiar possibilita ter acesso a práticas culturais como ir à missa da igreja, às festas de casamento e São João como convidada dos comunitários. Essa permanência na casa permite vivência de práticas internas das casas que há um pesquisador de fora seria mais difícil conhecer. É criando relacionamentos, buscando interagir com os comunitários dessa paisagem, que conhecemos detalhes que enriquecem nosso processo de conhecimento.

Essa interação possibilita, como disse Mintz, não apenas o desenvolvimento do trabalho acadêmico, mas também promove conhecimento de nós mesmos. Situados fora do nosso contexto cultural, nossos filtros culturais também se modificam na interação com a cultura deles.

O texto é uma reconstrução, uma interpretação do “estar lá”. As interpretações e as anotações de campo devem ser re-visitadas em um futuro próximo, mesmo após a conclusão da pesquisa e da dissertação. Um caminho de continuidade seria retornar às comunidades para discutir com os comunitários as práticas que nessa dissertação consideramos mais determinantes na transformação da paisagem. Assim, poderíamos reconstruir essas interpretações e investigar melhores alternativas de intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. Seis ensaios sobre a Paisagem e a Geografia Vladimir Bartalini (trad.) Coleção Estudos nº230. 1 ed Ed.Perspectiva, São Paulo,2006.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos para uma geografia cultural.1984 In: **Revista Geografia Cultural. Paisagem, Tempo e Cultura**, 2 ed. Editora UERJ.,2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRITO, Maria Cecília Wey de **Unidades de conservação: intenções e resultados** 2ed São Paulo Annablume :Fapesp, 2003 230p.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia In:**Novos Estudos Cebrap**. n 21. 1988.
- CARDOSO, R. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **Aventura antropológica** . 1995.
- CLIFFORD, J. & MARCUS, G. **Writing Culture - The poetics and politics of ethnography**. Berkeley, University of California, 1986.
- COSGROVE, Denis A geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In : **Revista Geografia Cultural. Paisagem, Tempo e Cultura**, 2 ed. Editora UERJ.2004.
- CLAVAL,Paul **A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia**. Conferência proferida no 3 Simpósio Nacional sobre espaço e cultura, UERJ outubro 2002(a).
- _____. A volta do Cultural na Geografia. In: **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002(b). download feito em 20/06/07.
- _____. A paisagem dos geógrafos. In: **Revista Geografia Cultural. Paisagens, Textos e Identidade**. Ed UERJ. 2004. p13-74.
- CTA-ZM. **Território da Serra do Brigadeiro - MG: Plano territorial de desenvolvimento rural**- PTDRS. 2004.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: Mito, História, Etnicidade**. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- DA MATTA,Roberto. Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues.1974.

- DEMO, Pedro. Pesquisa participante: mito e realidade, Brasília, UnB/INEP, 1982. In: **Repensando a pesquisa participante**, 1984. 2ed. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.).p 104-130.
- DRUMMOND, Gláucia Moreira *et al* (Org). **Biodiversidade em Minas Gerais – um Atlas para sua conservação**.Fundação Biodiversitas. 2 ed. Belo Horizonte. 2005.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. 1990. In: **Revista Geografia Cultural. Paisagens, Textos e Identidade**. Ed UERJ. 2004.p 91-132.
- EMATER-MG & CECO Áreas de Proteção Ambiental,Rosário da Limeira,MG,Brasil 1998 *apud*: EVANS, Charlie. **Productive Forest Corridors in the Atlantic Forest, Brazil** Master's thesis, Dept of Geography University College London.2004.
- EVANS, Charlie. “Productive Forest Corridors in the Atlantic Forest, Brazil” Master's thesis, University College London.2004.
- FORMAN, Richard T. T.; GODRON, Michel. Landscape and principles. In: **Landscape Ecology**. New York, John Wiley & Sons, 1986, pp. 3-32.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Perfil de Minas Gerais, 2006/ Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração,10.ed. - Belo Horizonte : CBMM, 2007.
- FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: O antropólogo como autor**.1926. trad. Vera Ribeiro.2ed Editora UFRJ,2005.
- _____. **A interpretação das culturas**. Rio, Zahar, 1978.
- _____. **O Saber local**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GIANOTTEN,V.;WIT,T. Pesquisa participante em um contexto de economia camponesa 1982 In: Del RIO, V.; OLIVEIRA,L.(org.) **Percepção ambiental : a experiência brasileira** São Carlos: Studio Nobel 1999 p. 159-178.
- GROSSI. Social-Political implications of participatory research. *Convergence*14(3):43 1981 *apud* DEMO, Pedro. cap III de: pesquisa participante: mito e realidade, Brasília, UnB/INEP, 1982 in **Repensando a pesquisa participante** 1984 2ed organização BRANDÃO , Carlos Rodrigues.pp. 104-130.
- HALL. Participatory Research, Popular Knowledge and Power: a personal reflection, *Convergence* 14(3) *apud* DEMO, Pedro (op.cit.).
- HAGUETTE, T.M. Frota Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis : Vozes, 1987.
- IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/censo/default.php>. download feito em 10/10/04.

- JAMBEIRO, Mariusa de Brito. **Engenhos de rapadura**. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1973.
- JAMES “On a certain blindness of the human being” in Talks to teachers on Psychology: and to students of some life’s ideals New York. The Norton Library 1958 apud Tuan, Yi-Fu (op.cit.).
- JUNKER, Buford H. **A importância do trabalho de campo; introdução as ciências sociais**. 1911 Introd. de Everett C. Hughes. Revisão e copy-desk: Edilson Alkmin Cunha. Traduzido por José Gurjão Neto.
- KUPER,Adam. Antropólogos e antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LE BRETON, Robin. **Land Management And Sustainable Development In The Atlantic Rainforest Of Brazil: The Iracambi Experience Minas Gerais**, 2000. Download feito em 15/09/04 disponível em http://www.iracambi.com/english/downloads/sust_dev.pdf.
- _____. **Iracambi’s Research priorities Minas Gerais**, 2002 download feito em 15/09/04disponível <http://www.iracambi.com/english/downloads/ResearchPriorities.doc>.
- LUDWIG, Márcia Pinheiro “Descortinando a paisagem: a construção social do espaço e o sentido do lugar:uma comunidade da Zona da Mata de Minas Gerais nos úmbras do século XXI” . São Paulo, Tese de Doutorado, 2003, pp. 15-74.
- MACHADO, Lucy Marion C. P. Paisagem valorizada a serra do mar como espaço e lugar. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA,Lívia (org.) **Percepção ambiental : a experiência brasileira** São Carlos: Studio Nobel ,1999, pp. 97-119.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de ciências Sociais, vol 17, n.49. São Paulo, 2002. disponível em: <http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html> acesso em: 15/01/2007.
- MALINOWSKI, Branislaw. - "Introdução, tema, método e objetivo da pesquisa" in Os Argonautas do Pacífico Ocidental, Col. Os Pensadores, São Paulo, Ed. Abril, 1978.
- _____. **A Diary in the Strict Sense of the Term**. California, Stanford University Press, 1988.
- MARCUS, G. - "Identities passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial." In Revista de Antropologia, São Paulo, USP, nº 34, 1991.
- MEAD, Margaret. **Male and female: a study of the sexes in a changing world**. New York: Morrow, 1949.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**.5ed.Edições Loyola,São Paulo.2005.

- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A paisagem como fato cultural. São Paulo : Contexto, 2002. In: Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. Yázigi, Eduardo Abdo (org.).
- MINTZ, Sidney. The Sensation of moving, while standing still. In: **American Ethnologist** 16(4) pp 786-796. 1989.
- NORBERT, Elias. The established and the outsiders: a sociological enquiry into community problems. 2 ed. London: Sage, 1994.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo in: **Revista de Antropologia** 1996 v 39 numero 1.
- PEIRANO, M. - **A favor da Etnografia** - Série Antropologia, nº 130, Universidade de Brasília, 1992.
- PHILLIPS, Adrian. Landscape as a meeting ground: Category V Protected Landscapes/Seascapes and World Heritage Cultural Landscapes In: **The Protected Landscape Approach- Linking Nature, Culture and Community**. Edited by Jessica Brown, Nora Mitchell and Michael Beresford. IUCN. 2005. Download disponível em www.iucn.org fev. 2006.
- PLATT, Robert S. A ascensão da Geografia Cultural na América. 1952 In: **Espaço e Cultura**. n 2. 1996.
- PONTING , Clive. **Uma história verde do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- POLETTE, Marcus. **Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito**. In: Turismo-Visão e Ação ano 2, n 3 p. 83-94, abr/set 1999.
- SANDEVILLE JR. , Euler. **As sombras da floresta. Vegetação, paisagem e cultura no Brasil**. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1999. p29-50.
- _____. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para a elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana(1) In revista eletrônica da área **Paisagem e Ambiente** USP 2004 disponível em <http://www.usp.br/fa/deprojeto/gdpa>, download feito em 18/09/04 .
- _____. Paisagens são experiências compartilhadas. São Paulo, 2004. No prelo.
- _____. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 20, p. 47-60, 2005.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais** tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte. Itatiaia, 1975.
- TANDON, Rajesh **Participatory Research in the Empowerment of People** Converge 1981 *apud*: DEMO, Pedro. cap III de: pesquisa participante: mito e realidade, Brasília, UnB/INEP, 1982 in **Repensando a pesquisa participante** 1984 2ed organização BRANDÃO , Carlos Rodrigues. P 104-130.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: a história oral** Ed Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALVERDE, Orlando. Estudo Regional da Zona da Mata, de Minas Gerais. In: **Revista Brasileira de Geografia**. nº 1, Ano XX, Janeiro-Março. Rio de Janeiro, 1958.
ambiente. São Paulo, 1980 p68-75.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Rede de Interlocutores

Apresentamos alguns dos interlocutores que participaram do trabalho de campo dessa dissertação. Fotos: Catarina Silveira feita entre 2005 e 2007.

Família Maria Inês de Laia Costa e Joel de Oliveira Costa
Patrick, Rafael e Rafaela de Laia Costa

Nilcéia e Rosinei Ferreira Godinho, casados. Nilcéia é irmã de Maria Inês de Laia Costa

Eva Inês de Laia, mãe de Maria Inês de Laia Costa

Oswaldo Ferreira de Laia, pai de Maria Inês de Laia Costa

José Alexandre da Silva e Dijanira Inês da Silva, avós de Maria Inês de Laia Costa

Maurinei e Simone Ferreira de Laia, casados, tem um filho de 1 ano. Maurinei é irmão de Maria Inês de Laia Costa

Eloína, casada com Márcio, irmão da Maria Inês de Laia Costa

Fabiana Ferreira de Laia, irmã da Maria Inês de Laia Costa

Letícia, filha de Eloína.

Fernando, filho de Eloina.

Jair casado com Dona Cacilda, moradores de Buracada.

Cacilda, esposa de Jair, moradores de Buracada.

Robin Le Breton, diretor do Centro de Pesquisa Iracambi.

APÊNDICE B – Entrevistas

Entrevista com Sr. Jair- Comunidade Buracada

Local da entrevista: Venda em Buracada

Presentes: Sr. Jair e Catarina

Data: julho/2006

O Senhor tinha nove irmãos. Aí dividiu o terreno em três alqueires.

Três e meio para cada um.

Aí o Senhor comprou?

Comprei duas partes.

Que é aquela que tem o capim?

Não, essa aqui eu herdei. Agora para baixo ali, não. Eu comprei uma parte.

Ali depois da lavoura?

E lá embaixo eu comprei outra.

Onde é a casa do seu (filho)?

É.

Então o Senhor tem quantos alqueires no total?

São uns vinte alqueires.

E é mais gado que o Senhor tem né? Criação?

É.

E lá de cima eu comprei também. Aquele que você ta vendo lá. Que sobe e vai dividir com o Robin lá no alto. *(esta falando sobre o pasto na divisa com Iracambi)*. Cercamos tudo. Para criação não entrar no mato. Estraga né? É por causa da reserva.

Ah, o senhor tem uma reserva?

Eu tenho. Eu tenho uma reserva aqui e uma reserva lá. Eu tenho reserva, lá. Agora se sair dinheiro é bom, na reserva?

Mas não sai ou sai?

Sai nada. Já saiu um bocado né? Para cercar me deram um bocado.

Por que o senhor cercou?

É.

Como foi isso? Eles vieram aqui para falar pro senhor cercar?

Eu que pedi, né?

Aí o Senhor pediu e eles te deram o dinheiro?

Me deram mil e oitocentos reais.

E quem foi? A Florestal?

A Florestal não, uma tal de Diplomata. Porque eles querem que cerque o mato para não derrubar né? Por causa da água.

Por isso que o Senhor cercou aquele mato ali e aquele aqui? *(apontando para o mais longe em frente a nós)*

Para não entrar né?

E aquele pedaço ali que agora é do filho de senhor? Ou ainda não é dele? É parceria?

É.

E tem outros filhos que moram aqui na terra do senhor?

Não só ele.

(sobre derrubada de mata após divisão das terras)

Por que o senhor sabe?

Porque agora não pode derrubar mais, agora só pode usar o que... Entendeu? Só pode usar o que tá limpo, mato hoje ninguém pode derrubar você sabe né? Pode é plantar né?

Eu sei, mas minha duvida é assim... Quando dividir o terreno pode cortar mais ou não?

Não. Não pode né? Só tem de usar o que tá... Não pode se não acaba né? Se acabar os matos acabou a água. Sabe disso né?

A água...

Acaba com a água. Não sabia, não?

Por isso o inglês deixa o mato, as reservas tudo aí para água. *(chamou de inglês a propriedade de Iracambi).*

E eu protejo os matos também. Eu não quero acabar, lá em cima cerquei. Tem aquele lá *(apontando pequeno fragmento numa grota próxima)*. Também se me derem a madeira eu cerco também. Olha lá.

Te dão a cerca?

Dão tudo. Dão moerão, dão arrame dão o prego.

E a Diplomata que faz isso?

É. Tem que ser tudo muito bem feito.

Eles vieram aqui até a casa do senhor?

Eles vêm aqui, eles vêm diariamente aqui. Pagam tudo, pagam o serviço.

É. E esses eucaliptos, o senhor que plantou? (eucalipto plantado na cerca).

É. Quando crescer a gente corta ele para lenha. Ali (*atrás do fragmento acima da lavoura abandonada de café*) tem duas mil covas plantadas perto daquele mato ali.

Tudo para lenha?

Para lenha, vende.

Vende também?

Vende.

Quanto vale o eucaplito?

Acho que é vinte e cinco reais o metro.

(sobre divisão na herança)

Mas como que reparte?

Divide.

Mas assim, por exemplo, o pai da Amanda? Ele escolhe o pedaço que ele quer ou?

Não, os filhos escolhem onde querem ficar.

Mas o mais velho tem direito a escolher?

Não... o mais novo tem direito a escolher. Agora genro a gente põe a onde a gente quiser. Meu terreno é até fácil de dividir, lá em cima dois herda, aqui em baixo dois e aqui três.

Dona Sebastiana , conhecida como Taninha (sobrenome não identificado, sem foto)

Local da entrevista: casa da entrevistada - comunidade Buracada

Presentes: Sebastiana e Catarina

Data: agosto/2006

Para onde é que tinha café?

Tudo lá de cima da estrada era lavoura.

Mas onde tinha mato?

Lá do mesmo jeito é o mato.

Não tinha café lá?

Era lavoura sim, depois fizemos plantio de cana, agora faz plantio de milho.

Aqui pra baixo? Sempre foi pasto?

Sempre foi pasto. Agora a vargem aqui era pra plantar arroz. Agora não tem quem planta mais né, minha filha.

A Senhora teve quantos filhos?

Nove.

E a Senhora mora aqui há quantos anos?

Desde que eu casei. Quarenta e quatro, quarenta e cinco anos. Nunca mudei, morei perto do terreno dos meus pais seis meses, depois de lá em vim para uma casa nossa aqui em baixo. Tinha uma casa aqui em baixa, aí moramos nela um tempo. Nessa casa tem uns dezenove anos.

E a água?

Vem do outro de cá, divisa com o Geremias.

Esse aqui seu marido que herdou do pai dele?

Não, ele comprou. Do pai dele ele herdou o lá de baixo, lugar onde mora outro filho meu.

Acho que ele herdou, não sei. Acho que sim boba, vem cá Bastiao?

Esse aqui você comprou ou herdou do seu pai? *(perguntando a Sebastião)*

Não tô sabendo nada mais não, tô velho (Sebastião)

Você quer mexer com todo mundo aqui? (Sebastião)

Todo mundo ué.

(Sebastiana) Ele não compreende nada não. É para fazer o mapa Bastião.

Compreendeu. Eu não sei ler minha filha, o que eu sabia esqueci tudo.

Antigamente não tinha nada disso. (Sebastião)

Pois é, mas agora tem.

(nessa hora a Sebastiana é quem defendeu que eu ficasse e fizesse a entrevista com ela)

Menina, eu tô com oitenta e tantos anos. Eu não sei.

Onde a Senhora nasceu?

Eu nasci para lá de Caruso. Lá é, perto de Ervália. Nós somos cinco irmãs. Já morreram duas.

Cinco irmãs? Tem algum irmão?

Tem, muitos irmãos. Morreu um há pouco tempo. Minha família que é muito unida comigo. Gosta muito de mim.

A senhora levava seus meninos para andar no mato?

Ele tinha medo de cobra.

E a senhora não tem medo não?

Não. No mato, eu corro. Não deixo matar não, que eu morro de medo.

E a Senhora ainda pega lenha no mato? (em uma conversa anterior ela havia contado que ia sempre andar pelos matos para pegar lenha)

Pego nada, filha eu não agüento mais.

E quem que pega para senhora?

Meus filhos...

Onde?

No terreiro mesmo, tem muito café velho lá. Então muito difícil cortar lenha.

E a senhora cortava taquara pra?

Para fazer balaio.

Balaio é aquele que... de pegar café.

É de “panha” café. Agora tem muitos anos que ninguém faz, compra pronto.

Ainda tem taquara ainda?

Ah deve de ter. Tem muitos anos que eu não vou mais lá, boba.

Eu sei fazer, se um começar eu sei fazer.

...

Agora que eu tô recordando boba. Não tinha nada, nada, tudo aqui era pasto. Aí eu peguei... tinha um grupo ali e desmanchou. Lá em baixo era muito frio, o sol batia muito tarde e então fizemos a casa aqui. Antes de eu vir para cá, eu fiz mais de trinta mudas de laranjas depois nós vamos andar aqui em casa, você falou que ia apanha laranja ontem e não apanhou. Capinei ele todinho, o quintal tudo aqui, pode perguntar meus filhos, era eu que fazia tudo com essas duas mãozinhas que a terra vai comer.

Pode perguntar a ele, ele contou ao Robin e ele não acreditou. Não tem um lugar nessa vargem aqui que minha mão não pôs a enxada. Trabalhava na roça para poder comer e vestir. Aí nos capinemos tudinho, pedi a esse meu genro que tá aí.

O Gil?

É o Gil. Para fazer os buracos e plantei as laranjas. Todo dia ia lá para água, carregava a água lá de casa para não mexer com água aqui né?

Foi tudo eu que fiz não foi Gil? *(ele tinha acabado de sentar na sala)*

Foi... Mas plantou muito embolado.

Muito embolado, né? Mas a gente não sabia que crescia. Né?

Até ‘pirunche’ você trouxe? Lá da Usina. Peruncha tinha toranja e tinha “peruncha”. Você pediu lá a não sei quem é.

Depois veio uma semente para mim acho que do Paraná. Ela dá cada fruta desse tamanho e dava para fazer doce para família inteira. Eu plantei no lugar que era mesmo de plantar, mas depois fizeram a tulha e cismou que eu tinha que cortar o pé. Ai eu fiquei nervosa peguei e cortei.

E a estrada quando a senhora mudou era boa?

Não, a estrada era ruim.

Era difícil para chegar em Limeira?

Era muito barro, agora graças a deus a estrada é tudo boa.

Você nasceu aqui também?

Não. Nasci lá na Pirapanema. *(contou a estória do irmão que morreu nos braços do pai porque*

teve que ir a pé ate a cidade mais próxima). O Sebastião é que nunca foi de pegar mesmo... *(para*

trabalhar) por isso que ele tem mais saúde do que eu. Come o dia todo. Você vai almoçar comigo minha filha?

Não, não obrigada. Tenho que esperar o menino. (que estava demarcando o terreno para mim)

Almoça um pouquinho... De primeiro as coisas eram muito difícil boba, à pé, com o menino na carcunda. A Teresinha, o outro menino pegou e você sabe aquele negócio que dá na bosta de boi Cogumelo, é ele foi enfiando aquilo no nariz dela. Com três anos. E eu não sabia de nada e ela mamando. Aí ela já não tava querendo pegar na maminha mais. Perguntava ela não falava ai o nariz dela deu para inchar e deu mau cheiro e ai eu fiquei doidinha. Sai daqui fui para Limeira.... voltou de carona. De carro. Agora a menina tem trinta e quatro.

Quando a senhora comprou a primeira charrete?

É a mesma que tá aí. Os meninos eram todos grandes. Os outros mais velhos já estavam todos grandes, só tinha animal mesmo. Nós andávamos era a pé.

Entrevista com Maria Inês de Laia Costa

Local da Entrevista: casa na Fazenda Iracambi

Presentes: Inês e Catarina

Data: julho/2006

Já me mostra daqui. Ali onde vocês moram. Tá igual ou era diferente?

Era diferente porque aquelas ali não tinha. Antes era pasto. Aquelas arvorezinhas lá não tinha, antes era pasto e agora já mudou. E para cá?

Aquele meiozinho também não. E aqueles eucaliptos?

Quanto eu mudei para cá tava bem novo.

A diferença que tem é que onde tá minha casa ali parece que tem um matinho ali, antes não tinha. Eu morei nessa casa aqui uns dois anos e aquela casa lá a gente via toda.

A nova?

É a nova. Agora tá quase toda coberta. Tampou bastante.

E lenha? De onde vocês tiram?

Costumamos às vezes buscar lá em cima, igual aqui mas nesse pasto aqui por cima tem muita árvore seca. Muita árvore seca e a gente corta. Pra baixo na estrada também tem árvore seca. Corta. E quando eles fazem cerca as estacas velhas a gente usa.

O Joel traz?

A lenha que nós mais usamos é assim, dessa estaca.

E a água de vocês vem do mato de cá?

É. E a mesma água só que da nova é tirada um pouco mais em cima.

E lá na casa do seu pai? Como você lembra de quando você era pequena?

De quando eu era pequena. Sobre o lugar, as matas? Desde que eu me lembro sempre foi daquele jeito. Só não tinha lavoura, aquela lavoura foi tudo o meu pai que formou. Era tudo pasto, não tinha lavoura, mas mata nunca teve. A gente nunca teve mata.

Quando você era pequena não tinha?

Há muitos anos atrás tinha, o meu avô lembra de mata ali, mas nem meu pai não chegou a lembrar. De mata...

E era mais fácil ou mais difícil de estrada?

Era mais difícil.

Mas o que é mais difícil? Eu não entendo.

Mais difícil? Que algum lugar não tinha nem estrada, às vezes...

Que lugar?

Para quem chega na casa da minha mãe, a gente saindo assim a casa tá do outro lado. Atravessa uma ponte. Ali não era estrada. Eu lembro quando era um trilho sabe onde... muito mal uma charrete passava.

No pasto?

Na vargem. Mas não tinha estrada. Então mal charrete passava, e carro pequeno. Depois que fizeram.

E por que fizeram a estrada?

Do jeito que as coisas modificaram e aí tem uma fazenda logo acima lá que muito carro ia para lá. Puxar madeira, ou construiu alguma coisa lá.

Puxar madeira?

É. Antigamente tirava, hoje não tira mais. Antigamente tirava muita madeira. Lá para cima, não sei não dá pra ver. Ali depois do pico do Itajuru. Eu lembro que o caminhão de leite passava, caminhão de boi que levava e trazia boi.

Você lembra quantos anos você tinha quando começaram as estradas?

Ô Catarina, eu tinha uns cinco anos. Depois que eu lembro assim na minha memória, mas tem muitos anos.

E no seu padrinho?(terreno em Santa Catarina)

Do meu padrinho eu lembro, mas assim também eu tinha uns cinco, seus anos na época, e não lembro como era antigamente, mas lembro que tinha muito mais mato.

Ali onde tem hoje, onde tem bastante tinha mais?

Tinha, hoje tem bastante, mas tinha. Cortava podia cortar.

Por que ele começou a plantar mais café? Dava mais dinheiro?

Dava mais dinheiro. Mas na época ele teve que vender toda a criação para comprar aquele sítio. Aí ele foi formar a lavoura, plantar e depois que foi conseguindo a criação de novo.

É ali onde, quando se sai do portão que tem uma outra mata. Aquela lavoura de café.

Ali sempre foi lavoura de café?

Uma parte era mata. Uma parte foi desmatada também. Lembro, lembro não sei quantos anos tem. Teve de ter uns 15 anos. Não a lavoura inteira. A mata pegava desde cima ate em baixo na vargem. Para cima. Do pé do morro ate a última carreira da lavoura era mata, aí tirou para plantar.

E tem esse pedaço lá dentro da mata que a gente chama de moega, eu não sei se foi desmatada ou se já tinha.

E ali as estradas eram iguais? Ou mudou também?

Mudou. Para todo lado da roca as estradas eram muito ruins. Não existia estrada boa não porque não existia o movimento que existe hoje. Antigamente ninguém tinha carro. Nem charrete ninguém tinha, era raramente que....

Há quanto tempo as pessoas têm carro?

Uns dez quinze anos atrás. Para cá que começou a movimentar mais nas estradas. Mas não tinha movimento nenhum. Quem tinha um leite para tirar tinha que levar para Belizário.

Como que levava?

Na charrete. Na carroça. Eu lembro que meu avô levou muitos anos em Belizário. Tirava o leite em casa e levava em Belizário. Hoje não tem mais isso, hoje o caminhão passa perto. E têm os tanques também, toda comunidade tem um tanque. Ai o caminhão vem e recolhe o leite.

É assim, no terreno dos vizinhos do seu pai. Tinha mato?

Aquela região toda vida foi assim. Já era pasto de pouca mata.

E Santa Catarina?

Também era mais ou menos daquele jeito. Onde era floresta, era cultivado como floresta não tinha outra coisa, mas onde era área de cultivo, de plantio. Nem desmataram para fazer plantio, não lembro.

Desmatar você diz muito? Assim tirar pouco como você contou do seu avô, mas tirar tudo?

Tirar tudo não. Toda a vida tem esse problema se desmatar muita.

Igual às vezes essa lenha, às vezes tirava lenha. A gente via o caminhão passando (com madeira), mas às vezes tinha tirado licença não sei. Muitas pessoas tiravam um pouco de madeira.

Você lembra de ter árvore muito grande? Como seu tio falou.

Naquele lugar não (casa da mãe), mas dentro do terreno do meu avo eu já passei. Eu vi.

Por que você não andava nas matas?

Era longe... às vezes eu passava, tem um cruzeiro lá, fui lá por três vezes. Num lugar muito difícil de ir, mas muito difícil mesmo. Eu fui três vezes lá, fica na virada da serra perto do Careso.

Mas para cima do Itajuru?

Do lado. Muito bonito. É uma pedra. Dá para ver um pouco de Muriaé dá para ver Ervália. Vários lugares. É muito bonito. Lá eu já fui. Eu já era casada já.

E do caminho da Limeira para cá? Você lembra de mudar muito?

Sinceramente eu passei a freqüentar Limeira depois eu que vim morar aqui.

Você não tinha costume de ir? Nem seus pais?

Só Belizário. Eu ia a Limeira às vezes a cada cinco anos uma vez, porque Limeira sempre teve mais facilidade para comprar roupa ou essas coisas. Aí a gente ia para comprar uma roupa melhor vinha cá. Às vezes a maior parte ia em Belizário mesmo. Se não encontrava lá, vinha em Limeira. Vinha a pé. Lá da fazenda Itajuru.

Lá onde seus pais moram?

Lá.

A pé?

A pé.

Nem de charrete era?

Não tinha charrete. A charrete tem vinte anos que meu pai tem. Mas eu, com a idade de oito anos...

Quanto tempo gastava?

Três horas, quatro. O sol quente. Saia bem cedinho e voltava. Ia chegar em casa duas horas da tarde.

E teus pais vão para Limeira?

Só vai mais pra Belizário.

E você também, só comprou charrete há pouco tempo?

Eu mais o Joel? Acho que foi depois de casar, oito, nove anos. Quase todo mundo tem, uma charrete hoje é caro, Uma charrete com arreio tudo, antes usava do meu pai. Todo mundo tem charrete hoje. A maioria não tem carro.

Você nasceu em casa? Com parteira? Todos os filhos?

Só eu e meu irmão. Eu sou a mais velha de todas, nasci em casa. Aí o Márcio minha mãe foi pro hospital. Minha mãe ficou ruim, aí ela foi pro hospital. Quando foi a terceira não sei o que aconteceu se não deu tempo foi em casa. Mas ela quase morreu. Ai veio para cá, sete todos nos hospital. Foi eu e o terceiro. Antigamente não usava ir pro hospital.

Eu lembro de quando minha irmã nasceu, eles me tiravam de casa. A Valdirene, ela tá com 28 anos. E meu irmão tem 30. E minha mãe nem tão velha tá.

Quantos anos?

Quarenta e cinco, não sei. Com quantos anos uma mulher aposenta?

Cinqüenta e cinco? Não sei...

Então ela tem cinqüenta e quatro.

Agora que ela vai aposentar. Ano que vem.

E seu pai já aposentou?

Meu pai não. É com sessenta anos e meu pai tá com 58.

...

(Sobre o padrinho)... acho que porque ele quer trabalhar. Porque tem duas aposentadorias, não paga aluguel não paga água. Só paga luz, acho que não precisa ele trabalhar tanto. Mas ele quer fazer alguma coisa, mas ele não agüenta mais não. E fica falando: "preciso trabalhar"...

Eles já fizeram muito, agora os filhos trabalham em parceria com ele e dá para eles sobreviverem. Tudo que eles têm é partido com eles.

Dele e dela. Mais o café, milho, feijão.

...

(Sobre meio ambiente e conservação) Olha Catarina tem muita gente que ainda não concorda com isso não. Os mais antigos, por exemplo, acham que isso é uma bobagem. E eu acho que é uma boa idéia, mas muita gente aqui na roça, os mais antigos, acham que... os mais novos já têm isso vindo da escola, a educação tá vindo do colégio já, mas os mais velhos não tiveram isso. Igual o Rafael e a Rafaela muitas perguntas que você fizer sobre isso eles já vão poder responder. As pessoas mesmo, já conversei com pessoas que falaram que se a gente não tirar o mato como é que a gente vai comer. Se deixar tudo virar mato como que vai plantar, como que vai colher? É uma coisa que ainda não apóia muito, mas eu concordo porque do jeito que a coisa mudou de quando eu nasci até agora se continuar vai chegar um tempo que não vai ter água.

Por que você fala isso?

Porque antigamente tinha muito mais, muito mais água. E hoje já diminuiu muito, muito mesmo.

Lá pela casa da sua mãe você diz?

Lá tinha, mais água. Minas, muitas minas já secaram. Tinha água, hoje não tem mais. Até nos rios, antigamente os rios eram muito mais fundos tinham muito mais água. Hoje você atravessa qualquer rio com a água... mas antes não era assim. Eu lembro que eu ia pescar. O rio tava cheio era até perigoso de cair dentro e de afogar. Hoje não tem isso. Muito mesmo.... das três partes já perdeu duas... Todos os rios esse acho (dentro de Iracambi) eram mais fundos. O córrego da minha mãe lá, era bem mais fundo. E se continuar...

O que mais você acha que mudou? Sem ser a água?

Plantava mais café, e não na região que eu conheço, mas tem muita região fora daqui que foi cortada para plantar lavoura.

Dava mais café?

Não existia café.

De quando você era pequena para agora?

Mas nem no meu tempo existia café, ô Catarina, o pessoal começou a plantar café nessa região de vinte anos para cá. Por isso que as pessoas antigamente sofriam muito porque comia mal, como meu avô te falou, as dificuldades que tinha para trabalhar para sobreviver. Não existia lavoura, nada. Era só pasto. E a pessoa tinha que trabalhar no cabo da enxada, no cabo de uma foice para comer. Tem vez que chove o mês inteiro e como vai trabalhar na época de chuva, aí não ganha nada. É difícil, por isso que hoje a coisa já melhorou muito, muitos têm carro, charrete, telefone em casa, melhorou 80% da época que eu me entendo por gente até hoje. De vida. Em lavoura, quase todo mundo entrega um leitinho que é um dinheirinho extra que recebe todo mesmo.

E de quando começou a plantar para agora? O café dava mais dinheiro?

Vinte anos a região mais famosa pelo café era Limeira, era a terra do café. Desde quando você apontava naquele morro onde você vê Limeira era café. Aquilo tudo era café. Mas só Limeira, o resto você não via lavoura em lugar nenhum. Hoje você vê muito.

Café Toko, do Almir Toko quase que o maior proprietário da região, quase que de minas. Talvez...

Só na região de Limeira. Não existia no resto, bem pouquinho. Não sei se era o solo que era mais ruim ou se hoje as pessoas sabem cuidar melhor. Por que as pessoas plantavam e não colhiam nem para despesas às vezes? Não sei porque. Plantava mais tudo dava um pouquinho. Não era igual hoje, hoje planta em um pedacinho pequenininho e colhe muito. Muito mantimento. Vou te mostrar a vargem onde o pai planta arroz, ele já chegou a tirar de lá mais de trezentos alqueires. E nem tão grande é 300 alqueires de arroz é muito arroz.

E antigamente punha fertilizante ou?

Não punha, agora põe. Meu pai não, nunca pôs fertilizante na vargem não.

Por quê?

Só mesmo no jeito de preparar a terra que ajuda. Agora tirou o arroz, fica aquele pé do arroz, quando chegar a época do plantio lá para outubro, novembro começa a preparar a terra, aí ele vai com a enxada e corta aquela palha seca aí vem um trator e já mistura aquela palha na vargem, joga a água para palha apodrecer e vai com a enxada para fazer os quadros e planta. Pode ser que a própria palha do arroz tá ajudando para fazer o esterco. Se colocar adubo nem dá, porque de tão bom que fica o grão não enche. Aí não pode. Não pode nem jogar nada...

E entre você e o Marcio são três anos de diferença?

É, três anos.

E já foi suficiente para ele ter mais condição?

Foi porque quando eu casei, não casei muito novinha para aqui na roça.

Quantos anos?

Vinte anos. Quase para titia. Mas se eu tivesse casado com 16 anos teria sido pior ainda. Quando eu casei, meu pai já estava um pouco melhorzinho. De situação.

E por você casou com vinte?

Ô Catarina eu não sei se posso falar que foi sorte ou se foi destino. Não sei. Por que vamos supor.... o Joel e eu somos quase da mesma idade. Se eu casasse com 16 anos, ele não podia casar. Não sei.

Você morou em Muriaé?

É, trabalhei em casa de família. Mas na roça eu também trabalhei em duas casas de família. Mas não gostei também. Ganhava muito pouquinho.

Na roça, quando você trabalhava em casa de família, como que era?

A mulher era merendeira. De escola. E a outra era professora. Cuidava da casa para elas.

Você lembra de ter queimada assim? De tacarem fogo?

Às vezes era por isso que antigamente ponha fogo.

Mas como que fazia?

Roçavam assim, às vezes juntava. O mato era muito grande, era mato, mas não era madeira. (não era floresta)

Como assim?

Era assim, rabo de burro, não era madeira não.

Roçava, deixava secar e aí colocava fogo. E depois arrancava, e aí plantava. Pode ser que às vezes por isso era mais difícil. Tinha muita gente, e ainda tem. É que você não vai estar aqui no mês de agosto. Mês de agosto aqui na roça é tudo esfumado. Sempre tem alguém fazendo queimada em algum lugar. Às vezes é muita seca, tem muita gente maldosa que coloca assim por brincadeira briga em algum lugar. Aqui na reserva, já teve incêndio.

Dentro do mato?

Dentro do mato. Mas não que alguém colocou para fazer plantio, alguém maldoso mesmo que tenha colocado. É época muito seca, às vezes até sem querer, fumou e jogou o cigarro um cavaleiro passa a noite, fuma e pega o toco de cigarro e vai e joga pronto. Ali já vai pegar fogo. Mas muitas vezes, eu lembro do pico do Itajuru todo queimado, lá da casa da minha mãe a gente via o fogo direitinho lá no pico.

Quantos anos você tinha?

Ah, tava com uns dez. Agora mudou um pouco, agora a coisa mudou muito se for descoberto e souberem quem foi vai ser preso mais... Antigamente sempre tinha. Às vezes uma pessoa tinha uma má vontade com o dono do terreno. E fazia isso para querer desforrar com a pessoa.

Mas colocava só na floresta ou no pasto?

No pasto também.

E aí mata boi?

Mata. Queima a cerca tudo. Da o maior prejuízo.

Eu conheço coisas que meus filhos não conhecem. Antigamente não tinha luz elétrica, era lamparina de querosene. Meus filhos nem sabem o que é isso. Nem sabem. Nem conhecem. Igual, meu pai tinha engenho de moer cana. Meus filhos conhecem porque viram, mas não sabem.

Agora ele não usa mais?

Não. Mas eu, igual meus irmãos. Eu fui mãe daqueles. Da Valdirene para cá eu fui mãe deles.

Por quê?

Porque minha mãe de ano em ano ia pro hospital para ter neném. Sempre grávida. Entre a Nilcéia e a Fabiana são um ano e dois meses de diferença. Eu, às vezes ia à igreja e ia aquele monte de menino perto de mim. Chegava lá aquelas moças tudo solteira e cada uma perto do seu namorado e eu ficava longe. Não, não podia. Eles tudo gosta demais de mim, Catarina. Fui mãe, cuidei deles. Ai minha mãe chegava do hospital e precisava cuidar do neném. Quando eu casei, meu irmão mais novo tinha três meses.

Nossa... o mais novo eu já conheci?

O Jean. Acho que não. Ele tava lá na venda lá. Ele chegou perto do carro.

Um bem pequeno que chegou para comprar biscoito?

É. Ele é o mais novo. Hoje ele tá com onze anos. Casei em dezembro e ele é de agosto e ela fala que se não tivesse operado teria mais filho. Ela acha que é pecado operar e se pudesse ela teria mais. Tudo pra mim foi um sonho, eu não reclamo de nada o que aconteceu. Ate falei para mãe, que eu não culpo nada ela por não ter tido, porque eu reconheço que eles não podiam dar. Não foi porque não quis. E a condição deles era bem melhor. Eu não tenho muito o que reclamar deles. Agora a comida mal ou bem sempre tinha, fome não. Mas passava necessidade. Tinha gente não gostava e era obrigado.

Entrevista com Edson Curi

Local de entrevista: escritório da EMATER-MG, Rosário da Limeira

Presentes : Edson Curi, Catarina

Data: julho/2006

Queria saber qual é o seu trabalho.

Bom eu tô na EMATER há 26 anos , em Rosário da Limeira eu tô uns quinze. Eu sou nascido e criado aqui, mas estudei, fiz técnico agropecuário, fiz veterinária. Entrei na EMATER, trabalhei no Paraná, Mirai e depois aqui. E aqui o trabalho nosso na EMATER é de assistência técnica e extensão rural. A gente trabalha com famílias de agricultores. De pequenos agricultores, dando assistência, orientação, tanto na parte de tecnologia como na administração ou de outras áreas que envolvem políticas públicas, crédito rural.

O meu dia-a-dia aqui é mais ou menos o seguinte: eu tenho um dia de escritório, que é a terça-feira, o pessoal já sabe que às terças a gente está aqui. Precisa de um projeto para banco, de uma receita, de orientação rápida: vem aqui.

Fora disso a gente corre o município, a gente tem o carro, e a gente visita as pessoas que pedem para ver uma lavoura de café. Pecuária de leite. A gente dá assistência a esse pessoal assim, em visita às propriedades. Quando é demandado ou quando a gente tem que fazer algum projeto para banco. Fora disso a gente trabalha muito com a parte grupal, né?

Visita, faz palestras nas comunidades rurais, convida o pessoal. Aqui tem doze comunidades: graminha, Buracada, São Pedro, As aranhas, Ancorado, A babilônia, Pombal e São Domingos. A gente marca três ou quatro vezes por ano com as comunidades. Reúne com eles a noite, uma motivação. Em termos, cuidado com animais, agricultura, preservação ambiental, drenagem de solo.

Tem essas campanhas todas que a gente faz. Dias de campo, uma, duas vezes por ano um encontro ou dia de campo, de leite, de café. Aí convida mais uns sessenta. Trazemos aqui, traz gente de fora. Dia de campo fora, agora semana que vem tem um em Pirapanema. Aí a gente pega eles, vinte trinta agricultores, excursão à embrapa. Semana do fazendeiro

Tem uns 400 agricultores, eles sabem que aqui tem um técnico agrícola e um veterinário e as dúvidas que eles têm, procuram a gente. Que é um atendimento gratuito, né? É uma empresa do Estado de Minas, em convênio com a prefeitura. O custo é bancado, nosso salário e o carro são mantidos pelo governo do Estado, a prefeitura mantém o escritório com as despesas de água e de luz.

Você tem uma relação de quais comunidades procuram mais?

Engraçado, de início você falando assim parece que é a comunidade São Pedro que mais procura. Agora por causa de renda rural, com um recurso muito barato de 3% ao ano e tem muito projeto. Eu tenho aqui quase uns 100 projetos. Tenho muito trabalho, muita demanda na área de crédito esse dois anos. Tem ano que o crédito diminui, mas esse ano foi geral no município por causa do crédito, né?

Todas as comunidades foram atendidas porque a gente tinha que ir lá, fazer o levantamento da comunidade. Do que eles queriam. Dava opinião também, esse crédito ajudou bastante. Tem um incentivo grande à pecuária de leite.

A agricultura nossa aqui tá a cada dia diminuindo a área plantada, não sei identificar muito porque. Um fator é preço, lógico, se você comparar com o preço de uns dez anos atrás caiu muito. Mas o mercado do leite aqueceu muito, têm muitas indústrias. Laticínios fortes na região comprando muito leite, então há essa demanda grande por leite. E o município tem dado um incentivo bom, porque a prefeitura tem ajudado muito com o leite, a prefeitura paga metade dos tanques, aí isso facilita para eles. Quer dizer, hoje todo mundo tem seu tanque resfriador, um leite que vale, com um preço bem melhor. Acho que tem o incentivo também na área de inseminação. A prefeitura tem doado o semê, tem dado os botijões de sêmem. Acho que a um incentivo da prefeitura mais pro leite que pro café. Para diversificar um pouco, 'tava muito só no café', né?

Agora a maioria dos agricultores pequenos tem o café e o leite. Um volume maior de renda, né? O leite dá essa receita mensal e o café é uma receita anual. Então é uma boa diversificação.

E tem outras coisas que tem incentivo?

Hoje é mais pro leite. O café é pouca coisa, precisa até ter. Fazer um local comunitário para beneficiamento de café, secagem e a grande falha maior do município é que o café... Se tivesse uma estrutura comunitária seria interessante.

Por que a maioria não dá café para bebida não é?

Isso, eles não tem a condição de ter um secador. Nossa região chove muito. Eu já tentei mas não consegui convencer. Os agricultores disseram que não dá certo porque tem que carregar o café todo dia, mas seria a saída. Tem uma resistência, se eles estivessem mais motivados para isso

acho que a gente tinha conseguido. A prefeitura também não tá querendo muito, os agricultores.... aí fica complicado.

Quanto tempo que o senhor já trabalha aqui?

Uns 15 anos.

O que o senhor acha que mudou?

Mudou muito a coisa do leite. Antigamente não tinha leite nenhum, hoje já tem uma produção de uns 8 mil litros de leite. Antes era o contrário, tinha muito café naquela época.

8 mil litros de leite?

Por dia. E hoje tem, o café até que diminui, melhorou muito a parte da educação por ter emancipado, hoje o serviço de educação é muito bom. É bastante bom, tem transporte para todas as comunidades, praticamente toda a comunidade já pode fazer o segundo grau sem custo nenhum. É gratuito. Saúde melhorou muito, saúde da família. Melhoraram muito as estradas, se você viesse aqui há uns dez anos atrás você ia ver, nos não tínhamos esse asfalto daqui para Muriaé. Foi de uns cinco anos atrás que construiu. Melhorou muito essa cidade era toda esburacada, sem calçamento, não tinha rede de esgoto, todo mundo agora toma água, tem rede de esgoto.

Energia, por exemplo, melhorou muito. Há uns dez anos, aqui tinha uns cinqüenta por cento agora é praticamente 100%. Ninguém sem luz na roça mais, ninguém sem telefone. A cidade aqui tinha quatro telefones, hoje todo mundo quase tem um telefone fixo em casa na cidade, celular. Melhorou muito também a parte de comunicação.

E de preservação do meio ambiente?

Até a uns dez anos oito anos era terrível. Desmatamento ‘tava muito forte’, depois desse decreto. Considerando a área de Mata Atlântica, reserva permanente. Começou muitas multas, a parte punitiva efetiva. Aí reduziu. Hoje praticamente estabilizou, o que restou dos cinco % de mata tá preservado, o restante a gente tenta fazer algum trabalho na área de preservação ambiental. Muito café, em visita para não capinar essa lavoura, ou só roçar O pessoal da parte ambiental tem certa resistência, mas eu ainda acho viável jogar um herbicida, né? Porque você não pode deixar o solo desprotegido.

Roçar é o quê?

Roçar é roçar mesmo. Pegar uma foice. Ele roça o mato, mas deixa ele. Mas fica o mato ali para reter a água de chuva e se chover... não dá erosão. Ou deixa o mato a meio metro de altura, joga o herbicida que ele seca o mato, forma a palha, ele não seca o solo, não dá erosão. E protege.

Você acha que é melhor roçar ou jogar herbicida?

A gente tem que trabalhar com pesquisa, né? A cooperativa do sul de Minas olha há vinte e oito anos as terras e o melhor pro solo em termos de fertilidade, em conservação do solo foi o herbicida.

E o pessoal da roça usa herbicida?

Herbicida. Mas o pessoal na linha de ambiental, essas coisas ai, usa roçado. Mas tem agricultores que querem plantar milho e feijão, ainda insistem em plantar nesses morros. Tem que capinar e a erosão vem mesmo. Tira um pouco de feijão para família, aumenta muito a erosão do solo. É melhor não plantar, porque se não plantar pode deixar o mato. Se você for plantar, vai ter que capinar. A enxurrada desce em novembro e dezembro. Agora, essa parte mais plana um pouco a gente recomenda planta no meio do café, plantar alimento. Trabalho bom, né? A gente tem que agora é melhorar a produtividade de leite. Estamos começando com criação de peixe, tilápia, que tem um potencial grande, tem muita água aqui, o mercado é bastante comprador hoje alguns estão começando. E acho que é uma atividade que tende a crescer a piscicultura.

Você tem uma relação das propriedades, do tamanho das propriedades?

Aqui é mais ou menos o que é média no Brasil. 50% da população ainda mora na área rural, e os agricultores dos 400 que eu te falei 90% é pequeno agricultor. Grande aqui é uns 10 ou 20. O restante todo é pequeno, familiar. Tem um grande produtor de café aqui.

Toko, Coqueiral, Dona Alice. São grandes plantações de café, de pessoas que tem ai 50-100 hectares de café. Na época de “panha” agora, precisa buscar companheiro, caminhões, usam pegar nos vizinhos.

Mas lá em São Geraldo, Buracada, Graminha não tem grande produtor?

Não, lá não, os grandes estão mais localizados pro lado das Aranhas tem, e Toko é em volta aqui tudo né? Toda a propriedade em volta da cidade. Eles moram aqui.

A comunidade Santa Catarina. Tem muita mata ainda, né? Tem alguma razão, o senhor acha?

Santa Catarina já tá mais naquela Serra do Brigadeiro. Está mais perto, é mais difícil de tirar, ali tinha um problema de estrada, terra mais barata. Aqui a terra é mais perto, São Pedro (comunidade), a mais cara, mais plana. Aí foi mais agredida, né?

Mais perto de Muriaé?

De Muriaé, mas da Limeira também. Mais distante fica mais preservado, e são terras mais difíceis mesmo. Bem acidentada.

...obrigada...

Então tá bom.

Entrevista com Dijanira Inês da Silva

Local da entrevista: casa da entrevistada- comunidade Santa Catarina

Presentes: Dijanira, Catarina, Inês, Zé Eduardo

Data: julho/2006

Era tudo mato?

Era tudo mato. Mas derrubamos para fazer... Derrubei ali ó, foi um filho meu que mora na rua. Arrastou tudo e pôs no morro ali, na casa alí em cima. Já é passado, é passado mesmo.

E vocês vão tirar esse mato aí ou vocês vão deixar?

Eles não deixam mais tirar... não deixam. Pode pedir a florestal, que eles não deixam mesmo.

Agora para tirar tem que pedir, né?

Tem que pedir, tem que tirar licença. E se não tiver licença e passar uma pessoa e alguém estiver roçando, dá multa à pessoa. É difícil, boba. Agora acabou. Velho já tá, uma pessoa assim da minha idade, ainda agüenta muita coisa, eu não agüento nada. Juro por Deus.

Quantos anos a Senhora tem?

Setenta e cinco anos.

Setenta e cinco?

Novinha. (risos). Minha mãe morreu com sessenta e três anos.

Nova né?

É, minha mãe morreu muito cedo. Morreu com derrame, né?

E a senhora nasceu aqui?(diz que não com a cabeça)E onde a senhora nasceu?

Lá na Serra.

Das Aranhas?

Não, não, pertinho da... onde a mãe da Inês mora. No mesmo lugar que eu nasci.

Na mesma casa?

Não, em outra casa.

Eu sou daqui já de muitos anos. Me mudei lá para Monte Alverne. Morei lá sete anos. De lá voltei para cá.

Quando casou voltou para cá?

Quando eu casei, eu voltei. Morava aqui em cima. (mostra o morro na propriedade).

Casei, morei lá dois anos, aí viemos para cá. De lá eu voltei para o mesmo lugar outra vez....

tinha café de lá de fora até aqui.

Diminuiu por que não vale mais a pena? Por que é pouco dinheiro ou é muito trabalho?

Não, não vale a pena.

Tem três anos que eles tão tocando. Mas ele também tem que levantar de madrugada, pra pegar o leite e botar na vasilha. Esse ano, nós vamos tocar mais esse ano. E como não estamos mais agüentando nós vamos entregar. (parar)

Aqui é um neto que toca para nós. Mas eu não me dou com ele.

Não? E aí como é? Eles ganham por dia?

Não, eles tão tocando, tocando a meia.

Quando Senhora fala que é meia é porque é meio dinheiro para vocês, meio para ele?

É meio café. Apanha o café e parte o café à meia. Um bocado a ele, um bocado a gente. E agora tem um filho meu que agora tá tocando... eles fizeram a cerca. Quando a gente é novo, tudo é bom, né? Tudo é bom. Mas a pessoa da idade da gente, pouca saúde... mexer com café, que coisa horrorosa. Não agüenta mais não. Eu sei que eu não agüento mais não. Casa eu limpava, que limpava. Para mim se estiver limpo, tá bom, se tiver sujo, tá bom.

Eu fui criada mesmo na pobreza. Nunca tive nada na minha vida, nem uma casa. Morava no terreno dos outros.

Quando você era pequena tinha muito mato por aqui?

Boba, aqui eu não fui nascida e criada aqui não. Ali, Independência.

Mas quando você mudou aqui era tudo mato?

Era mato, desde lá em cima.

E por que vocês deixaram mata ali? (topo do terreno)

Era muito grande, era muito mato. Pegava dali assim. Tudo era mato. Ali agora, é pasto.

Esse filho meu que... tem muito boi.

E a floresta tem algum uso para vocês?

Tem não.

Antes não tinha essa imposição não. Depois que passou muito tempo foi que existiu essa lei. Que não pode cortar.

O sol sai daqui, né o?

O sol sai da onde?

Daqui.

De traz ali do mato?

É... quando sai ali no pé de laranja. Agora tá saindo cá ó.

O sol chega aqui oito e meia. Sai lá em baixo lá, tudo claro.

E de onde vem a água de vocês?

Aqui é bom só a água. É uma santa água mesmo. Tem na bica.

E de quando vocês mudaram para cá há 26 anos para hoje, o que mudou?

Ah... mudou. Mudou porque aqui não tinha nada. Aqui era mato puro. Não tinha café, não tinha laranja, não tinha nada. Agora tem muita coisa, tem laranja. Já plantamos muita coisa já.

Chovia mais?

Mesma coisa. A florestal não deixa roçar por causa da chuva mesmo.

É?

Eles acham que o mato chama chuva. Diz que se cortar muito seca as águas.

...

Depois da conversa confirmei com o filho dela que estava presente na casa para o casamento da irmã de São Paulo. Ele mora em Búzios. Os pais moram nessa propriedade há mais ou menos 31 anos.

APÊNDICE C – Casa da comunidade

Planta baixa da casa de Joel e Inês, elaborada por Juliana Cavalheiro Moreno. Comunidade Pedra Alta. Maio, 2007.

Foto da casa de Joel e Inês. Comunidade Pedra Alta. Maio, 2007.

APÊNDICE D – Árvores genealógicas do núcleo familiar acompanhado na pesquisa